

Eu e Outras Poesias, de Augusto dos Anjos

Fonte:

ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. 42. ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1998.

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

Francisco de Mesquita Moreira – Rio de Janeiro/RJ

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quiser ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <parceiros@futuro.usp.br> ou <voluntario@futuro.usp.br>.

EU E OUTRAS POESIAS

Augusto dos Anjos

MONÓLOGO DE UMA SOMBRA

“Sou uma Sombra! Venho de outras eras,
Do cosmopolitismo das moneras...
Pólipo de recônditas reentrâncias,
Larva de caos telúrico, procedo
Da escuridão do cósmico segredo,
Da substância de todas as substâncias!

A simbiose das coisas me equilibra,
Em minha ignota mônada, ampla, vibra
A alma dos movimentos rotatórios...
E é de mim que decorrem, simultâneas,
A saúde das forças subterrâneas
E a morbidez dos seres ilusórios!

Pairando acima dos mundanos tetos,
Não conheço o acidente da *Senectus*
-- Esta universitária sanguessuga
Que produz, sem dispêndio algum de vírus,
O amarelecimento do papiro
E a miséria anatômica da ruga!

Na existência social, possuo uma arma
-- O metafisicismo de Abidarma --
E trago, sem bramânicas tesouras,
Como um dorso de azêmola passiva,
A solidariedade subjetiva
De todas as espécies sofredoras.

Como um pouco de saliva quotidiana
Mostro meu nojo à Natureza Humana.
A podridão me serve de Evangelho...
Amo o esterco, os resíduos ruins dos quiosques
E o animal inferior que urra nos bosques
É com certeza meu irmão mais velho!

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Eu e Outras Poesias, de Augusto dos Anjos

Fonte:

ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. 42. ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1998.

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

Francisco de Mesquita Moreira – Rio de Janeiro/RJ

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quiser ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <parceiros@futuro.usp.br> ou <voluntario@futuro.usp.br>.

EU E OUTRAS POESIAS Augusto dos Anjos

MONÓLOGO DE UMA SOMBRA

“Sou uma Sombra! Venho de outras eras,
Do cosmopolitismo das moneras...
Pólopo de recônditas reentrâncias,
Larva de caos telúrico, procedo
Da escuridão do cósmico segredo,
Da substância de todas as substâncias!

A simbiose das coisas me equilibra,
Em minha ignota mônada, ampla, vibra
A alma dos movimentos rotatórios...
E é de mim que decorrem, simultâneas,
A saúde das forças subterrâneas
E a morbidez dos seres ilusórios!

Pairando acima dos mundanos tetos,
Não conheço o acidente da *Senectus*
-- Esta universitária sanguessuga
Que produz, sem dispêndio algum de vírus,
O amarelecimento do papiros
E a miséria anatômica da ruga!

Na existência social, possuo uma arma
-- O metafisicismo de Abidarma --
E trago, sem bramânicas tesouras,
Como um dorso de azêmola passiva,
A solidariedade subjetiva
De todas as espécies sofredoras.

Como um pouco de saliva quotidiana
Mostro meu nojo à Natureza Humana.
A podridão me serve de Evangelho...
Amo o esterco, os resíduos ruins dos quiosques
E o animal inferior que urra nos bosques
É com certeza meu irmão mais velho!

Eu e Outras Poesias, de Augusto dos Anjos

Fonte:

ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. 42. ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1998.

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>> A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por: Francisco de Mesquita Moreira – Rio de Janeiro/RJ

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quiser ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <parceiros@futuro.usp.br> ou <voluntario@futuro.usp.br>.

EU E OUTRAS POESIAS

Augusto dos Anjos

MONÓLOGO DE UMA SOMBRA

“Sou uma Sombra! Venho de outras eras, Do cosmopolitismo das moneras...

Pólipo de recônditas reentrâncias, Larva de caos telúrico, procedo Da escuridão do cósmico segredo, Da substância de todas as substâncias!

A simbiose das coisas me equilibra.

Em minha ignota mônada, ampla, vibra A alma dos movimentos rotatórios...

E é de mim que decorrem, simultâneas, A saúde das forças subterrâneas E a morbidez dos seres ilusórios!

Pairando acima dos mundanos tetos, Não conheço o acidente da *Senectus*

-- Esta universitária sanguessuga Que produz, sem dispêndio algum de vírus, O amarelecimento do papyrus

E a miséria anatômica da ruga!

Na existência social, possuo uma arma

-- O metafisicismo de Abidarma --

E trago, sem bramânicas tesouras, Como um dorso de azêmola passiva, A solidariedade subjetiva

De todas as espécies sofredoras.

Como um pouco de saliva quotidiana Mostro meu nojo à Natureza Humana.

A podridão me serve de Evangelho...

Amo o esterco, os resíduos ruins dos quiosques E o animal inferior que
urra nos bosques É com certeza meu irmão mais velho!

Tal qual quem para o próprio túmulo olha, Amarguradamente se me
antolha,

À luz do americano plenilúnio,

Na alma crepuscular de minha raça Como uma vocação para a
Desgraça E um tropismo ancestral para o Infortúnio.

Aí vem sujo, a coçar chagas plebéias, Trazendo no deserto das idéias

O desespero endêmico do inferno, Com a cara hirta, tatuada de
fuligens Esse mineiro doido das origens, Que se chama o Filósofo
Moderno!

Quis compreender, quebrando estéreis normas, A vida fenomênica das
Formas,

Que, iguais a fogos passageiros, luzem.

E apenas encontrou na idéia gasta, O horror dessa mecânica nefasta, A
que todas as coisas se reduzem!

E não de achá-lo, amanhã, bestas agrestes, Sobre a esteira sarcófaga
das pestes A mostrar, já nos últimos momentos, Como quem se
submete a uma charqueada, Ao clarão tropical da luz danada, O
espólio dos seus dedos peçonhentos.

Tal a finalidade dos estames!

Mas ele viverá, rotos os liames Dessa estranguladora lei que aperta
Todos os agregados perecíveis,

Nas eterizações indefiníveis

Da energia intra-atômica liberta!

Será calor, causa ubíqua de gozo, Raio X, magnetismo misterioso,

Quimiotaxia, ondulação aérea,

Fonte de repulsões e de prazeres, Sonoridade potencial dos seres,
Estrangulada dentro da matéria!

E o que ele foi: clavículas, abdômen, O coração, a boca, em síntese, o
Homem,

-- Engrenagem de vísceras vulgares --

Os dedos carregados de peçonha, Tudo coube na lógica medonha

Dos apodrecimentos musculares.

A desarrumação dos intestinos

Assombra! Vede-a! Os vermes assassinos Dentro daquela massa que o
húmus come, Numa glutoneria hedionda, brincam, Como as cadelas
que as dentuças trincam No espasmo fisiológico da fome.

É uma trágica festa emocionante!

A bacteriologia inventariante

Toma conta do corpo que apodrece...

E até os membros da família engulham, Vendo as larvas malignas que
se embrulham No cadáver malsão, fazendo um s.

E foi então para isto que esse doudo Estragou o vibrátil plasma todo, À
guisa de um faquir, pelos cenóbios?!...

Num suicídio graduado, consumir-se, E após tantas vigílias, reduzir-se
À herança miserável dos micróbios!

Estoutro agora é o sátiro peralta Que o sensualismo sodomita exalta,
Nutrindo sua infâmia a leite e a trigo...

Como que, em suas clélulas vilíssimas, Há estratificações
requintadíssimas De uma animalidade sem castigo.

Branças bacantes bêbadas o beijam.

Suas artérias hírcicas latejam, Sentindo o odor das carnações
abstêmias, E à noite, vai gozar, ébrio de vício, No sombrio bazer
domeretrício,

O cuspo afrodisíaco das fêmeas.

No horror de sua anômala nevrose, Toda a sensualidade da simbiose,
Uivando, à noite, em lúbricos arroubos, Como no babilônico *sansara*,
Lembra a fome incoercível que escancara A mucosa carnívora dos
lobos.

Sôfrego, o monstro as vítimas aguarda.

Negra paixão congênita, bastarda, Do seu zooplasma ofídico resulta...

E explode, igual à luz que o ar acomete, Com a veemência mavórtica
do aríete E os arremessos de uma catapulta.

Mas muitas vezes, quando a noite avança, Hirto, observa através a
tênue trança Dos filamentos fluídicos de um halo A destra descarnada
de um duende, Que tateando nas tênebras, se estende Dentro da noite
má, para agarrá-lo!

Cresce-lhe a intracefálica tortura, E de su'alma na caverna escura,
Fazendo ultra-epiléticos esforços, Acorda, com os candeeiros
apagados, Numa coreografia de danados,

A família alarmada dos remorsos.

É o despertar de um povo subterrâneo!

É a fauna cavernícola do crânio

-- Macbeths da patológica vigília, Mostrando, em rembrandtescas telas
várias, As incestuosidades sangüinárias Que ele tem praticado na
família.

As alucinações tácteis pululam.

Sente que megatérios o estrangulam...

A asa negra das moscas o horroriza; E autopsiando a amaríssima
existência

Encontra um cancro assíduo na consciência E três manchas de sangue
na camisa!

Míngua-se o combustível da lanterna E a consciência do sátiro se
inferniza, Reconhecendo, bêbedo de sono,

Na própria ânsia dionísica do gozo, Essa necessidade de *horroroso*, Que
é talvez propriedade do carbono!

Ah! Dentro de toda a alma existe a prova De que a dor como um
dardo se renova, Quando o prazer barbaramente a ataca...

Assim também, observa a ciência crua, Dentro da elipse ignívoma da
lua A realidade de uma esfera opaca.

Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa, Abranda as rochas
rígidas, torna água Todo o fogo telúrico profundo

E reduz, sem que, entanto, a desintegre, À condição de uma planície
alegre, A aspereza orográfica do mundo!

Provo desta maneira ao mundo odiento Pelas grandes razões do
sentimento, Sem os métodos da abstrusa ciência fria E os trovões
gritadores da dialética, Que a mais alta expressãoda dor estética
Consiste essencialmente na alegria.

Continua o martírio das criaturas:

-- O homicídio nas velas mais escuras,

-- O ferido que a hostil gleba atra escarva,

-- O último solilóquio dos suicidas --

E eu sinto a dor de todas essas vidas Em minha vida anônima de
larva!"

Disse isto a Sombra. E, ouvindo estes vocábulos, Da luz da lua aos
pálidos venábulos, Na ânsa de um nervosíssimo entusiasmo, Julgava
ouvir monótonas corujas, Executando, entre daveiras sujas, A
orquestra arrepiadora do sarcasmo!

Era a elegia panteísta do Universo, Na produção do sangue humano
imenso, Prostituído talvez, em suas bases...

Era a canção da Natureza exausta, Chorando e rindo na ironia infausta
Da incoerência infernal daquelas frases.

E o turbilhão de tais fonemas acres Trovejando grandíloquos
massacres, Há-de ferir-me as auditivas portas, até que minha efêmera
cabeça,

Reverta à quietação datrava espessa E à palidez das fotosferas mortas!

AGONIA DE UM FILÓSOFO

Consulto o Phtah-Hotep. Leio o obsoleto Rig-Veda. E, ante obras tais,
me não consolo...

O Inconsciente me assombra e eu nele rolo Com a eólica fúria do
harmatã inquieto!

Assisto agora à morte de um inseto!...

Ah! todos os fenômenos do solo

Parecem realizar de pólo a pólo O ideal do Anaximandro de Mileto!

No hierático areópago heterogêneo Das idéias, percorro como um
gênio Desde a alma de Haeckel à alma cenobial!...

Rasgo dos mundos o velário espesso; E em tudo igual a Goethe,
reconheço O império da *substância universal*!

O MORCEGO

Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.

Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede: Na bruta ardência orgânica
dasede, Morde-me a goela ígneo e escaldante molho.

“Vou mandar levantar outra parede...”

-- Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho E olho o teto. E vejo-o
ainda, igual a um olho, Circularmente sobre a minha rede!

Pego de um pau. Esforços faço. Chego A tocá-lo. Minh'alma se
concentra.

Que ventre produziu tão feio parto?!

A Consciência Humana é este morcego!

Por mais que a gente faça, à noite ele entra Imperceptivelmente em
nosso quarto!

PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

Eu, filho do carbono e do amoníaco, Monstro de escuridão e
rutilância, Sofro, desde a epigênese da infância, A influência má dos
signos do zodíaco.

Produndissimamente hipocondríaco, Este ambiente me causa
repugnância...

Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia Que se escapa da boca de
um cardíaco.

Já o verme -- este operário das ruínas --

Que o sangue podre das carnificinas Come, e à vida em geral declara

guerra, Anda a espreitar meus olhos para roê-los, E há de deixar-me apenas os cabelos, Na frialdade inorgânica da terra!

A IDÉIA

De onde ela vem?! De que matéria bruta Vem essa luz que sobre as nebulosas Cai de incógnitas criptas misteriosas Como as estalactites duma gruta?!

Vem da psicogenética e alta luta Do feixe de moléculas nervosas, Que, em desintegrações maravilhosas, Delibera, e depois, quer e executa!

Vem do encéfalo absconso que a constringe, Chega em seguida às cordas da laringe, Tísica, tênue, mínima, raquítica...

Quebra a força centrípeta que a amarra, Mas, de repente, e quase morta, esbarra No molambo da língua paralítica!

O LÁZARO DA PÁTRIA

Filho podre de antigos Goitacases, Em qualquer parte onde a cabeça ponha, Deixa circunferências de peçonha, Marcas oriundas de úlceras e antrazes.

Todos os cinocéfalos vorazes

Cheiram seu corpo. À noite, quando sonha, Sente no tórax a pressão medonha Do bruto embate férreo das tenazes.

Mostra aos montes e aos rígidos rochedos A hedionda elefantíase dos dedos Há um cansaço no Cosmos... Anoitece.

Riem as meretrizes no Cassino,

E o Lázaro caminha em seu destino Para um fim que ele mesmo desconhece!

IDEALIZAÇÃO DA HUMANIDADE FUTURA Rugia nos meus centros
cerebrais A multidão dos séculos futuros

-- Homens que a herança de ímpetos impuros Tornara etnicamente
irracionais!

Não sei que livro, em letras garrafais, Meus olhos liam! No húmus dos
monturos, Realizavam-se os partos mais obscuros, Dentre as
genealogias animais!

Como quem esmigalha protozoários Meti todos os dedos mercenários
Na consciência daquela multidão...

E, em vez de achar a luz que os Céus inflama, Somente achei
moléculas de lama E a mosca alegre da putrefação!

SONETO

Ao meu primeiro filho nascido
morto com 7 meses incomple-
tos. 2 fevereiro 1911.

Agregado infeliz de sangue e cal, Fruto rubro de carne agonizante,
Filho da grande força fecundante De minha brônzea trama neuronal,
Que poder embriológico fatal

Destruíu, com a sinergia de um gigante, Em tua *morfogênese* de infante
A minha *morfogênese* ancestral?!

Porção de minha plásmica substância, Em que lugar irás passar a
infância, Tragicamente anônimo, a feder?!

Ah! Possas tu dormir, feto esquecido, Panteisticamente dissolvido
Na *noumenalidade* do NÃO SER!

VERSOS A UM CÃO

Que força pôde adstrita e embriões informes, Tua garganta estúpida
arrancar

Do segredo da célula ovular

Para latir nas solidões enormes?

Esta obnóxia inconsciência, em que tu dormes, Suficientíssima é, para
provar

A incógnita alma, avoenga e elementar Dos teus antepassados
vemiformes.

Cão! -- Alma do inferior rapsodo errante!

Resigna-a, ampara-a, arrima-a, afaga-a, acode-a A escala dos latidos
ancestrais...

E irás assim, pelos séculos adiante, Latindo a esquisitíssima prosódia
Da angústia hereditária dos teus pais!

O DEUS-VERME

Fator universal do transformismo.

Filho da teleológica matéria,

Na superabundância ou na miséria, *Verme* -- é o seu nome obscuro de
batismo.

Jamais emprega o acérrimo exorcismo Em sua diária ocupação
funérea, E vive em contubérnio com a bactéria, Livre das roupas do
antropomorfismo.

Almoça a podridão das drupas agras, Janta hidrópicos, rói vísceras

magras E dos defuntos novos incha a mão...

Ah! Para ele é que a carne podre fica,

E no inventário da matéria rica Cabe aos seus filhos a maior porção!

DEBAIXO DO TAMARINDO

No tempo de meu Pai, sob estes galhos, Como uma vela fúnebre de cera,

Chorei bilhões de vezes com a canseira De inexorabilíssimos trabalhos!

Hoje, esta árvore, de amplos agasalhos, Guarda, como uma caixa derradeira, O passado da Flora Brasileira

E a paleontologia dos Carvalhos!

Quando pararem todos os relógios De minha vida e a voz dos necrológicos Gritar nos noticiários que eu morri, Voltando à pátria da homogeneidade, Abraçada com a própria Eternidade A minha sombra há de ficar aqui!

AS CISMAS DO DESTINO

I

Recife, Ponte Buarque de Macedo.

Eu, indo em direção à casa do Agra, Assombrado com a minha sombra magra, Pensava no Destino, e tinha medo!

Na austera abóbada alta o fósforo alvo Das estrelas luzia... O calçamento Sáxeo, de asfalto rijo, atro e vidrento, Copiava a polidez de um crânio alvo.

Lembro-me bem. A ponte era comprida, E a minha sombra enorme
enchia a ponte, Como uma pele de rinoceronte

Estendida por toda a minha vida!

A noite fecundava o ovo dos vícios Animais. Do carvão da treva
imensa Caía um ar danado de doença

Sobre a cara geral dos edifícios!

Tal uma horda feroz de cães famintos, Atravessando uma estação
deserta, Uivava dentro do *eu*, com a boca aberta, A matilha espantada
dos instintos!

Era como se, na alma da cidade, Profundamente lúbrica e revolta,
Mostrando as carnes, uma besta solta Soltasse o berro da animalidade.

E aprofundando o raciocínio obscuro, Eu vi, então, à luz de áureos
reflexos, O trabalho genésico dos sexos,

Fazendo à noite os homens do Futuro.

Livres de microscópios e escalpelos, Dançavam, parodiando saraus
cínicos, Bilhões de *centrossomas* apolínicos Na câmara promíscua do
vitellus.

Mas, a irritar-me os globos oculares, Apregoando e alardeando a cor
nojenta, Fetos magros, ainda na placenta, Estendiam-me as mãos
rudimentares!

Mostravam-me o apriorismo incognoscível Dessa fatalidade igualitária,

Que fez minha família originária Do antro daquela fábrica terrível!

A corrente atmosférica mais forte Zunia. E, na ígnea crosta do
Cruzeiro, Julgava eu ver o fúnebre candeeiro Que há de me alumiar
na hora da morte.

Ninguém compreendia o meu soluço, Nem mesmo Deus! Da roupa pelas brechas, O ventobravo me atirava flechas E aplicações hiemais de gelo russo.

A vingança dos mundos astronômicos Enviava à terra extraordinária faca, Posta em rija adesão de goma laca Sobre os meus elementos anatômicos.

Ah! Com certeza, Deus me castigava!

Por toda a parte, como um réu confesso, Havia um juiz que lia o meu processo E uma força especial que me esperava!

Mas o vento cessara por instantes Ou, pelo menos, o *ignis sapiens* do Orco Abafava-me o peito arqueado e porco Num núcleo de substâncias abrasantes.

É bem possível que eu umdia cegue.

No ardor desta letal tórrida zona, A cor do sangue é a cor que me impressiona E a que mais neste mundo me persegue!

Essa obsessão cromática me abate.

Não sei por que me vêm sempre à lembrança O estômago esfaqueado de uma criança E um pedaço de víscera escarlata.

Quisera qualquer coisa provisória Que a minha cerebral caverna entrasse, E até ao fim, cortasse e recortasse A faculdade aziaga da memória.

Na ascensão barométrica da calma, Eu bem sabia, ansiado e contrafeito, Que uma população doente do peito Tossia sem remédio na minh'alma!

E o cuspo que essa hereditária tosse Golfava, à guisa de ácido resíduo,

Não era o cuspo só de um indivíduo Minado pela tísica precoce.

Não! Não era o meu cuspo, com certeza Era a expectoração pútrida e crassa Dos brônquios pulmonares de uma raça Que violou as leis da Natureza!

Era antes uma tosse ubíqua, estranha, Igual ao ruído de um calhau redondo Arremessado no apogeu do estrondo, Pelos fundibulários da montanha!

E a saliva daqueles infelizes

Inchava, em minha boca, de tal arte, Que eu, para não cuspir por toda a parte, Ia engolindo, aos poucos, a hemoptísis!

Na alta alucinação de minhas cismas O microcosmos líquido da gota Tinha a abundância de uma artéria rota, Arrebatada pelos aneurismas.

Chegou-me o estado máximo da mágoa!

Duas, três, quatro, cinco, seis e sete Vezes que eu me furei com um canivete, A hemoglobina vinha cheia de água!

Cuspo, cujas caudais meus beijos regam, Sob a forma de mínimas camândulas, Benditas sejam todas essas glândulas, Que, quotidianamente, te segregam!

Escarrar de um abismo noutro abismo, Mandando ao Céu o fumo de um cigarro, Há mais filosofia neste escarro Do que em toda a moral do Cristianismo!

Porque, se no orbe oval que os meus pés tocam Eu não deixasse o meu cuspo carrasco, Jamais exprimiria o acérrimo asco Que os canalhas do mundo me provocam!

II

Foi no horror dessa noite tão funérea Que eu descobri, maior talvez que Vinci, Com a força visualística do lince, A falta de unidade na matéria!

Os esqueletos desarticulados,

Livres do acre fedor das carnes mortas, Rodopiavam, com as brancas
tíbias tortas, Numa dança de números quebrados!

Todas as divindades malfazejas, Siva e Arimã, os duendes, o In e os
trasgos, Imitando o barulho dos engasgos, Davam pancadas no adro
das igrejas.

Nessa hora de monólogos sublimes, A companhia dos ladrões da noite,
Buscando uma taverna que os açoite,

Vai pela escuridão pensando crimes.

Perpetravam-se os atos mais funestos, E o luar, da cor de um doente
de icterícia, Iluminava, a rir, sem pudicícia, A camisa vermelha dos
incestos.

Ninguém, de certo, estava ali, a espiar-me, Mas um lampião, lembrava
ante o meu rosto, Um sugestionador olho, ali posto De propósito, para
hipnotizar-me!

Em tudo, então, meus olhos distinguiram Da miniatura singular de
uma aspa, À anatomia mínima da caspa,

Embriões de mundos que não progrediram!

Ser cachorro! Ganir incompreendidos Verbos! Querer dizer-nos que
não finge, E a palavra embrulhar-se na laringe, Escapando-se apenas
em latidos!

Despir a putrescível forma tosca, Na atra dissolução que tudo inverte,
Deixar cair sobre a barriga inerte O apetite necrófago da mosca!

A alma dos animais! Pegó-a, distingo-a, Acho-a nesse interior duelo
secreto Entre a ânsia de um vocábulo completo E uma expressão que
não chegou à língua!

Surpreendo-a em quatrilhões de corpos vivos, Nos antiperistálticos
abalos

Que produzem nos bois e nos cavalos A contração dos gritos
instintivos!

Tempo viria, em que, daquele horrendo Caos de corpos orgânicos
disformes Rebentariam cérebros enormes,

Como bolhas febris de água, fervendo!

Nessa época que os sábios não ensinam, A pedra dura, os montes
argilosos Criariam feixes de cordões nervosos E o neuroplasma dos
que raciocinam!

Almas pigméias! Deus subjuga-as, cinge-as À imperfeição! Mas vem o
Tempo, e vence-O, E o meu sonho crescia nosilâncio, Maior que as
epopéias carolíngias!

Era a revolta trágica dos tipos Ontogênicos mais elementares,

Desde os foraminíferos dos mares À grei liliputiana dos pólipos.

Todos os personagens da tragédia, Cansados de viver na paz de Buda,
Pareciam pedir com a boca muda

A ganglionária célula intermédia.

A planta que a canícula ígnea torra,

E as coisas inorgânicas mais nulas Apregoavam encéfalos, medulas

Na alegria guerreira da desforra!

Os protistas e o obscuro acervo rijo Dos espongiários e dos infusórios
Recebiam com os seus órgãos sensóricos O triunfo emocional do
regozijo.

E apesar de já não ser assim tão tarde, Aquela humanidade parasita,

Como um bicho inferior, berrava, aflita, No meu temperamento de covarde!

Mas, refletindo, a sós, sobre o meu caso Vi que, igual a um amniota subterrâneo, jazia atravassada no meu crânio A intercessão fatídica do atraso!

A hipótese genial do *microzima* Me estrangulava o pensamento guapo, E eu me encolhia todo como um sapo Que tem um peso incômodo por cima!

Nas agonias do *delirium-tremens*, Os bêbedos alvares que me olhavam, Com os copos cheios esterilizavam A substância prolífica dos sêmens!

Enterravam as mãos dentro das goelas, E sacudidos de um tremor indômito Expeliam, na dor forte do vômito, Um conjunto de gosmas amarelas.

Iam depois dormir nos lupanares Onde, na glória da concupiscência, Depositavam quase sem consciência As derradeiras forças musculares.

Fabricavam destarte os bastodermas, Em cujo repugnante receptáculo

Minha perscrutação via o espetáculo De uma progênie idiota de palermas.

Prostituição ou outro qualquer nome, por tua causa, embora o homem te aceite, É que as mulheres ruins ficam sem leite E os meninos sem pai morrem de fome!

Por que há de haver aqui tantos enterros?

Lá no “Engenho” também, a morte é ingrata...

Há o malvado carbúnculo que mata A sociedade infante dos bezerros!

Quantas moças que o túmulo reclama!

E após a podridão de tantas moças, Os porcos espojando-se nas poças

Da virgindade reduzida à lama!

Morte, ponto final da última cena, Forma difusa da matéria embele,
Minha filosofia te repele,

Meu raciocínio enorme te condena!

Diante de ti, nas catedrais mais ricas, Rolam sem eficácia os amuletos,
Oh! Senhora dos nossos esqueletos E das caveiras diárias que fabricas!

E eu desejava ter, numa ânsia rara, Ao pensar nas pessoas que
perdera, A inconsciência das máscaras de cera Que a gente prega,
como um cordão, na cara!

Era um sonho ladrão de submergir-me Na vida universal,e, em tudo
imerso, Fazer da parte abstrada do Universo, Minha morada
equilibrada e firme!

Nisto, pior que o remorso do assassino, Reboou, tal qual, num fundo
de caverna, Numa impressionadora voz interna, o eco particular do
meu Destino; III

“Homem! por mais que a Idéia deintegres, Nessas perquisições que
não têm pausa, Jamais, magro homem, saberás a causa De todos os
fenômenos alegres!

Em vão, com a bronca enxada árdega, sondas A estéril terra, e a
hialina lâmpada oca, Trazes, por perscrutar (oh! ciência louca!) O
conteúdo das lágrimas hediondas.

Negro e sem fim é esse em que te mergulhas lugar do Cosmos, onde a
dor infrene É feita como é feito o querosene Nos recôncavos úmidos
das hulhas!

Porque, para que a Dor perscrutes, fora Mister que, não como és, em
síntese, antes Fosses, a refletir teus semelhantes, A própria
humanidade sofredora!

A universal complexidade é que Ela Compreende. E se, por vezes, se divide, Mesmo ainda assim, seu todo não RESIDENCIA No quociente isolado da parcela!

Ah! Como o ar imortal a Dor não finda!

Das papilas nervosas que há nos tatos Veio e vai desde os tempos mais transatos Para outros tempos que hão de vir ainda!

Como o machucamento das insônias Te estraga, quando toda a estuada Idéia Dás ao sôfrego estudo da ninféia E de outras plantas dicotiledôneas!

A diáfana água alvíssima e a hórrida áscua Que da ígnea flama bruta, estriada, espirra; A formação molecular da mirra,

o cordeiro simbólico da Páscoa;

As rebeladas cóleras que rugem

No homem civilizado, e a ele se prendem Como às pulseiras que os mascates vendem A aderência teimosa da ferrugem; O orbe feraz que bastos jojos acres Produz'a rebelião que na batalha, Deixa os homens deitados, sem mortalha, Na sangueira concreta dos massacres; Os sanguinolentíssimos chicotes Da hemorragia; as nódoas mais espessas, O achatamento ignóbil das cabeças, Que ainda degrada os povos hotentotes; O Amor e a Fome, a fera ultriz que o fojo Entra, à espera que a mansa vítima o entre,

-- Tudo que gera no materno ventre A causa fisiológica do nojo;

As pálpebras inchadas na vigília, As aves moças que perderam a asa, O fogão apagado de uma casa,

Onde morreu o chefe da família; O trem particular que um corpo arrasta Sinistramente pela via férrea,

A cristalização da massa térrea, O tecido da roupa que se gasta; A água arbitrária que hiulcos caules grossos Carrega e come; as negras formas feias Dos aracnídeos e das centopéias, O fogo-fátuo que

ilumina os ossos; As projeções flamívoras que ofuscam, Como uma
pincelada rembrandtesca, A sensação que uma coalhada fresca
Transmite às mãos nervosas dos que a buscam; O antagonismo de
Tífon e Osíris, O homem grande oprimindo o homem pequeno A lua
falsa de um parasselene,

A mentira meteórica do arco-íris; Os terremotos que, abalando os
solos, Lembram paióis de pólvora explodindo, A rotação dos fluidos
produzindo A depressão geológica dos pólos; O instinto de procriar, a
ânsia legítima Da alma, afrontando ovante aziagos riscos, O juramento
dos guerreiros priscos Metendo as mãos nas glândulas da vítima; As
diferenciações que o psicoplasma Humano sofre da mania mística,

A pesada opressão característica Dos dez minutos de um acesso de
asma; E, (conquanto contra isto ódios regougues)

A utilidade fúnebre da corda Que arrasta a rês, depois que a rês
engorda, À morte desgraçada dos açougues...

Tudo isto que o terráqueo abismo encerra Forma a complicação desse
barulho Travado entre o dragão do humano orgulho E as forças
inorgânicas da terra!

Por descobrir tudo isso, embalde cansas!

Ignoto é o gérmen dessa força ativa Que engendra, em cada célula
passiva, A heterogeneidade das mudanças!

Poeta, feito malsão, criado com os sucos De um leite mau, carnívoro
asqueroso, Gerado no atavismo monstruoso

Da alma desordenada dos malucos; Última das criaturas inferiores

Governada por átomos mesquinhos, Teu pé mata a uberdade dos
caminhos E esteriliza os ventres geradores!

O áspero mal que a tudo, em torno, trazes, Amálogo é ao que, negro e
a seu turno, Traz o ávido filóstomo noturno

Ao sangue dos mamíferos vorazes!

Ah! Por mais que, com o espírito, trabalhes A perfeição dos seres

existentes, Hás de mostrar a cárie dos teus dentes Na anatomia horrenda dos detalhes!

O Espaço -- esta abstração spencereana Que abrange as relações de coexistência E só! Não tem nenhuma dependência Com as vértebras mortais da espécie humana!

As radiantes elipses que as estrelas Traçam, e ao espectador falsas se antolham São verdades de luz que os homens olham Sem poder, no entretanto, compreendê-las.

Em vão, com a mão corrupta, outro éter pedes Que essa mão, de esqueléticas falanges, Dentro dessa água que com a vista abranges, Também prova o princípio de Arquimedes!

A fadiga feroz que te esbordoia

Há de deixar-te essa medonha marca, Que, nos corpos inchados de anasarca, Deixam os dedos de qualquer pessoa!

Nem terás no trabalho que tiveste A misericordiosa toalha amiga,

Que afaga os homens doentes de bexiga E enxuga, à noite, as pústulas da peste!

Quando chegar depois a hora tranqüila, Tu serás arrastado, na carreira, Como um cepo inconsciente de madeira Na evolução orgânica da argila!

Um dia comparado com um milênio Seja, pois, o teu último Evangelho...

É a evolução do novo para o velho E do homogêneo para o heterogêneo!

Adeus! Fica-te aí, com o abdômen largo A apodrecer!... És poeira e embalde vibras!

O corvo que comer as tuas fibras Há de achar nelas um sabor

amargo!”

IV

Calou-se a voz. A noite era funesta.

E os queixos, a exhibir trismos danados, Eu puxava os cabelos desgrenhados Como o Rei Lear, no meio da floresta!

Maldizia, com apóstrofes veementes, No estentor de mil línguas insurretas, O convencionalismo das Pandetas E os textos maus dos códigos recentes!

Minha imaginação atormentada

Paria absurdos... Como diabos juntos, perseguiram-me os olhos dos defuntos Com a carne da esclerótica esverdeada.

Secara a clorofila das lavouras.

Igual aos sustentidos de uma endecha Vinha-me às cordas glóticas a queixa Das coletividades sofredoras.

O mundo resignava-se invertido

Nas forças principais do seu trabalho...

A gravidade era um princípio falho, A análise espectral tinha mentido!

O Estado, a Associação, os Municípios Eram mortos. De todo aquele mundo Restava um mecanismo moribundo

E uma teleologia sem princípios.

Eu queria correr, ir para o inferno, Para que, da psique no oculto jogo, Morressem sufocadas pelo fogo

Todas as impressões do mundo externo!

Mas a Terra negava-me o equilíbrio...

Na Natureza, uma mulher de luto Cantava, espiando as árvores sem fruto.

A canção prostituta do ludíbrio.

BUDISMO MODERNO

Tome, Dr., esta tesoura, e...corte Minha singularíssima pessoa.

Que importa a mim que a bicharia roa Todo o meu coração, depois da morte?!

Ah! Um urubu pousou na minha sorte!

Também, das diatomáceas da lagoa A criptógama cápsula se esbroa

Ao contato de bronca destra forte!

Dissolva-se, portanto, minha vida Igualmente a uma célula caída

Na aberração de um óvulo infecundo; Mas o agregado abstrato das saudades Fique batendo nas perpétuas grades Do último verso que eu fizer no mundo!

SONHO DE UM MONISTA

Eu e o esqueleto esquálido de Esquilo Viajávamos, com uma ânsia sibarita, por toda a pro-dinâmica infinita, Na inconsciência de um zoófito tranqüilo.

A verdade espantosa do *Protilo* Me aterrava, mas dentro da alma aflita Via Deus -- essa mônada esquisita --

Coordenando e animando tudo aquilo!

E eu bendizia, com o esqueleto ao lado, Na guturalidade do meu

brado,

Alheio ao velho cálculo dos dias, Como um pagão no altar de
Proserpina, A energia intracósmica divina

Que é o pai e é a mãe das outras energias!

SOLITÁRIO

Como um fantasma que se refugia Na solidão da natureza morta,
Por trás dos ermos túmulos, um dia, Eu fui refugiar-me à tua porta!

Fazia frio e o frio que fazia

Não era esse que a carne nos contorta...

Cortava assim como em carniçaria O aço das facas incisivas corta!

Mas tu não vieste ver minha Desgraça!

E eu saí, como quem tudo repele,

-- Velho caixão a carregar destroços --

Levando apenas na tumba carcaça O pergaminho singular da pele

E o chocalho fatídico dos ossos!

MATER ORIGINALIS

Forma vermicular desconhecida

Que estacionaste, mísera e mofina, Como quase impalpável gelatina,
Nos estados prodrômicos da vida; O hierofante que leu a minha sina

Ignorante é de que és, talvez, nascida Dessa homogeneidade indefinida

Que o insigne Herbert Spencer nos ensina.

Nenhuma ignota união ou nenhum sexo À contingência orgânica do
sexo A tua estacionária alma prendeu...

Ah! De ti foi que, autônoma e sem normas, Oh! Mãe original das
outras formas, A minha forma lúgubre nasceu!

O LUPANAR

Ah! Por que monstruosíssimo motivo Prenderam para sempre, nesta
rede, Dentro do ângulo diedro da parede, A alma do homem
poilígamo e lascivo?!

Este lugar, moços do mundo, vede: É o grande bebedeouro coletivo,
Onde os bandalhos, como um gado vivo, Todas as noites, Vêm matar a
sede!

É o afrodístico leito do hetairismo A antecâmara lúbrica do abismo,
Em que é mister que o gênero humano entre.

Quando a promiscuidade aterradora Matar a última força geradora
E comer o último óvulo do ventre!

IDEALISMO

Falas de amor, e eu ouço tudo e calo!

O amor da Humanidade é uma mentira.

É. E é por isso que na minha lira De amores fúteis poucas vezes falo.

O amor! Quando virei por fim a amá-lo?!

Quando, se o amor quea Humanidade inspira É o amor do sibarita e
da hetaíra, De Messalina e de Sardanapalo?!

Pois é mister que, para o amor sagrado, O mundo fique imaterializado

-- Alavanca desviada do seu futuro --

E haja só amizade verdadeira

Duma caveira para outra caveira, Do meu sepulcro para o teu sepulcro?!

ÚLTIMO CREDO

Como ama o homem adúltero o adultério E o ébrio a garrafa tóxica de rum, Amo o coveiro -- este ladrão comum Que arrasta a gente para o cemitério!

É o transcendentalíssimo mistério!

É o *nous*, é o *pneuma*, é o *ego sum qui sum*, É a morte, é esse danado número Um Que matou Cristo e que matou Tibério!

Creio, como o filósofo mais crente, na generalidade descrente

Com que a substância cósmica evolui...

Creio, perante a evolução imensa, Que o homem universal de amanhã vença O homem particular eu que ontem fui!

O CAIXÃO FANTÁSTICO

Célere ia o caixão, e, nele, inclusas, Cinzas, caixas cranianas, cartilagens Oriundas, como os sonhos dos selvagens, De aberratórias abstrações abstrusas!

Nesse caixão iam, talvez as Musas, Talvez meu Pai! Hoffmânicas viagens Enchiam meu encéfalo de imagens As mais contraditórias e confusas!

A energia monística do Mundo,
À meia-noite, penetrava fundo
No meu fenomenal cérebro cheio...

Era tarde! Fazia muito frio.
Na rua apenas o caixão sombrio
Ia continuando o seu passeio!

SOLILÓQUIO DE UM VISIONÁRIO

Para desvirginar o labirinto
Do velho e metafísico Mistério, Comi meus olhos crus no cemitério,
Numa antropofagia de faminto!

A digestão desse manjar funéreo Tornado sangue transformou-me o
instinto De humanas impressões visuais que eu sinto Nas divinas
visões do íncola etéreo!

Vestido de hidrogênio incandescente, Vaguei um século,
improficuamente, Pelas monotonias siderais...

subi talvez às máximas alturas, Mas, se hoje volto assim, com a alma
às escuras, É necessário que ainda eu suba mais!

A UM CARNEIRO MORTO

Misericordiosíssimo carneiro
Esquartejado, a maldição de Pio Décimo caia em teu algoz sombrio
E em todo aquele que for seu herdeiro!

Maldito seja o mercador vadio

Que te vender as carnes por dinheiro, pois, tua lâ aquece o mundo inteiro
E guarda as carnes dos que estão com frio!

Quando a faca rangeu no teu pescoço, Ao monstro que espremeu teu sangue grosso
Teus olhos -- fontes de perdão -- perdoaram!

Oh! tu que no Perdão eu simbolizo, Se fosses Deus, no Dia de Juízo,
Talvez perdoasses os que te mataram!

VOZES DA MORTE

Agora sim! Vamos morrer, reunidos, Tamarindo de minha desventura,

Tu, com o envelhecimento da nervura, Eu, com o envelhecimento dos tecidos!

Ah! Esta noite é a noite dos Vencidos!

E a podridão, meu velho! E essa futura Ultrafatalidade de ossatura,

A que nos acharemos reduzidos!

Não morrerão, porém, tuas sementes!

E assim, para o Futuro, em diferentes Florestas, vales, selvas, glebas, trilhos,
Na multiplicidade dos teus ramos, Pelo muito que em vida nos amamos,
Depois da morte, inda teremos filhos!

INSÂNIA DE UM SIMPLES

Em cismas patológicas insanas,

É-me grato adstringir-me, na hierarquia Das formas vivas, à categoria

Das organizações liliputianas;

Ser semelhante aos zoófitos e às lianas, Ter o destino de uma larva
fria, Deixar enfim na cloaca mais sombria Este feixe de células
humanas!

E enquanto arremedando Éolo iracundo, Na orgia heliogabálica do
mundo, Ganem todos os vícios de uma vez, Apraz-me, adstrito ao
triângulo mesquinho De um delta humilde, apodrecer sozinho No
silêncio de minha pequenez!

OS DOENTES

I

Como uma cascavel que se enroscava, A cidade dos lázaros dormia...

Somente, na metrôpole vazia,

Minha cabeça autônoma pensava!

Mordia-me a obsessão má de que havia, Sob os meus pés, na terra
onde eu pisava, Um fígado doente que sangrava

E uma garganta órfã que gemia!

Tentava compreender com as conceptivas Funções do encéfalo as
substâncias vivas Que nem Spencer, nem Haeckel compreenderam...

E via em mim, coberto de desgraças, O resultado de bilhões de raças
Que há muito desapareceram!

II

Minha angústia feroz não tinha nome.

Ali, na urbe natal do Desconsolo, Eu tinha de comer o último bolo Que Deus fazia para a minha fome!

Convulso, o vento entoava um pseudosalmo.

Contrastando, entretanto, com o ar convulso A noite funcionava como um pulso Fisiologicamente muito calmo.

Caíam sobre os meus centros nervosos, Como os pingos ardentes de cem velas, O uivo desenganado das cadelas

E o gemido dos homens bexigosos.

Pensava! E em que eu pensava, não perguntes!

Mas, em cima de um túmulo, um cachorro Pedia para mim água e socorro

À comiseração dos transeuntes!

Bruto, de errante rio, alto e hórrido, o urro Reboava. Além jazia os pés da serra, Criando as superstições de minha terra, A queixada específica de um burro!

Gordo adubo de agreste urtiga brava, Benigna água, magnânima e magnífica, Em cuja álgida unção, branda e beatífica, A Paraíba indígena se lava!

A manga, a ameixa, a amêndoa, a abóbora, o álamo E a câmara odorífera dos sumos

Absorvem diariamente o ubérrimo húmus Que Deus espalha à beira do seu tálamo!

Nos de teu curso desobstruídos trilhos,

Apenas eu compreendo, em quaisquer horas, O hidrogênio e o oxigênio que tu choras Pelo falecimento dos teus filhos!

Ah! Somente eu compreendo, satisfeito, A incógnita psique das massas mortas Que dormem, como as ervas, sobre as hortas, Na esteira igualitária do teu leito!

O vento continuava sem cansaço

E enchia com a fluidez do eólico hissope Em seu fantasmagórico galope

A abundância geométrica do espaço.

Meu ser estacionava, olhando os campos Circunjacentes. No Alto, os astros miúdos Reduziam os Céus sérios e rudos A uma epiderme cheia de sarampos!

III

Dormia embaixo, com a promíscua véstia No enbotamento crasso dos sentidos, A comunhão dos homens reunidos

Pela camaradagem da moléstia.

Feriam-me o nervo óptico e a retina Aponevroses e tendões de Aquiles, Restos repugnantíssimos de bílis, Vômitos impregnados de ptialina.

Da degenerescência étnica do Ária Se escapava, entre estrépitos e estouros, Reboando pelos séculos vindouros, O ruído de uma tosse hereditária.

OH! desespero das pessoas tísicas, Adivinhando o frio que há nas lousas, Maior felicidade é a destas cousas Submetidas apenas às leis físicas!

Estas, por mais que os cardos grandes rocem Seus corpos brutos, dores não recebem; Estas dis bacalhaus o óleo não bebem, Estas não cospem sangue, estas não tosem!

Descender dos macacos catarríneos, Cair doente e passar a vida inteira
Com a boca junto de uma escarradeira, Pintando o chão de coágulos
sangüíneos!

Sentir, adstritos ao quimiotropismo Erótico, os micróbios assanhados
Passearem, como inúmeros soldados, Nas cancerosidades do
organismo!

Falar somente uma linguagem rouca.

Um português cansado e incompreensível, Vomitar o pulmão na noite
horrível Em que se deita sangue pela boca!

Expulsar, aos bocados, a existência Numa bacia autômata de barro,
Alucinado, vendo em cada escarro O retrato da própria consciência!

Querer dizer a angústia de que é pábulo E com a respiração já muito
fraca Sentir como que a ponta de uma faca, Cortanto as raízes do
último vocábulo.

Não haver terapêutica que arranque Tanta opressão como se, com
efeito, Lhe houvessem sacudido sobre o peito A máquina pneumática
de Bianchi!

E o ar fugindo e a Morte a arca da tumba A erguer, como um
cronômetro gigante Marcando a transição emocionante Do lar
materno para a catacumba!

Mas vos não lamenteis, magras mulheres, Nos ardores danados da
febre hética, Consagrando vossa última fonética A uma recitação de
meserereres.

Antes levardes ainda uma quimera Para a garganta omnívora das lajes
Do que morrerdes, hoje, urrando ultrajes Contra a dissolução que vos
espera!

Porque a morte, resfriando-vos o rosto, Consoante a minha concepção
vesânica, É a alfândega, onde toda a vida orgânica Há de pagar um

dia o último imposto!

IV

Começara a chover. Pelas algentes Ruas, a água, em cachoeiras desobstruídas Encharcava os buracos das feridas, Alagava a medula dos Doentes!

Do fundo do meu trágico destino, Onde a Resignação os braços cruza, Saía, com o vexame de uma fusa, A mágoa gaguejada de um cretino.

Aquele ruído obscuro de gagueira Que à noite, em sonhos mórbidos, me acorda, Vinha da vibração bruta da corda Mais recôndita da alma brasileira!

Aturdia-me a tétrica miragem

De que, naquele instante, no Amazonas, Fedia, entregue a vísceras glutonas, A carcaça esquecida de um selvagem.

A civilização entrou na taba

Em que ele estava. O gênio de Colombo Manchou de opróbrios a alma do *mazombo*, Cuspiu na cova do *morubixaba*!

E o índio, por fim, adstrito à étnica escória, Recebeu, tendo o horror no rosto impresso, Esse achincalhamento do progresso

Que o anulava na crítica da História!

Como quem analisa uma apostema, De repente, acordando na desgraça, Viu toda a podridão de sua raça...

Na tumba de Iracema!...

Ah! Tudo, como um lúgubre ciclone, Exercia sobre ela ação funesta

Desde o desbravamento da floresta À ultrajante invenção do telefone.

E sentia-se pior que um vagabundo Microcéfalo vil que a espécie encerra, Desterrado na sua própria terra, Diminuído na crônica do mundo!

A hereditariedade dessa pecha

Seguiria seus filhos. Dora em diante Seu povo tombaria agonizante

Na luta da espingarda contra a flecha!

Veio-lhe então como à fêmea vêm antojos.

Uma desesperada ânsia improfícua De estrangular aquela gente iníqua
Que progredia sobre os seus despojos!

Mas, diante a xantocróide raça loura, Jazem, caladas, todas as inúbias,
E agora, sem difíceis nuances dúbias, Com uma clarividência
aterradora, Em vez da prisca tribo e indiana tropa A gente deste
século, espantada, Vê somente a caveira abandonada De uma raça
esmagada pela Europa!

V

Era a hora em que arrastados pelos ventos, Os fantasmas hamléuticos
dispersos Atiram na consciência dos perversos A sombra dos remorsos
famulentos.

As mães sem coração rogavam pragas Aos filhos bons. E eu, roído
pelos medos, Batia com o pentágono dos dedos Sobre um fundo
hipotético de chagas!

Diabólica dinâmica daninha

Oprimia meu cérebro indefeso

Com a força onerosíssima de um peso Que eu não sabia mesmo de
onde vinha.

Perfurava-me o peito a áspera pua do desânimo negro que me prostra,
E quase a todos os momentos mostra Minha caveira aos bêbedos da

rua.

Hereditariedades politípicas

Punham na minha boca putrescível Interjeições de abracadabra
horível E os verbos indignados das Filípicas.

Todos os vocativos dos blasfemos, No horror daquela noite
monstruosa, Maldiziam, com voz estentorosa, A peçonha inicial de
onde nascemos.

Como que havia na ânsia de conforto De cada ser, ex.: o homem e o
ofídio, Uma necessidade de suicídio

E um desejo incoercível de ser morto!

Naquela angústia absurda e tragicômica Eu chorava, rolando sobre o
lixo, Com a contorção neurótica de um bicho Que ingeriu 30 gramas
de noz-vômica.

E, como um homem doido que se enforca, Tentava, na terráquea
superfície, Consubstanciar-me todo com a imundície, Confundir-me
com aquela coisa porca!

Vinha, às vezes, porém, o anelo instável De, com o auxílio especial do
osso masséter Mastigando homeomérias neutras de éter Nutrir-me da
matéria imponderável.

Anelava ficar um dia, em suma,

Menor que o anfióxus e inferior à tênia, Reduzido à plastídula
homogênea, Sem diferenciação de espécie alguma.

Era (nem sei em síntese o que diga) Um velhíssimo instinto atávico,
era A saudade inconsciente da monera Que havia sido minha mãe
antiga.

Com o horror tradicional da raiva corsa Minha vontade era, perante a

cova, Arrancar do meu próprio corpo a prova Da persistência trágica da força.

A pragmática má de humanos usos Não compreende que a Morte que não dorme É a absorção do movimento enorme Na dispersão dos átomos difusos.

Não me incomoda esse último abandono Se a carne individual hoje apodrece Amanhã, como Cristo, reaparece

Na universalidadej do c arbono!

A vida vem do éter que se condensa Mas o que mais no Cosmos me entusiasma É a esfera microscópica do plasma Fazer a luz do cérebro que pensa.

Eu voltarei, cansado, da árdua liça À substância inorgânica primeva De onde, por epigênese, veio Eva E a *stirpe radiolar* chamada *Actissa*.

Quando eu for misturar-me com as violetas Minha lira, maior que a *Bíblia* e a *Fedra*

Reviverá, dando emoção à pedra Na acústica de todos os planetas!

VI

À álgida agulha, agora, alva, a saraiva Caindo, análoga era... Um cão agora Punha a atra língua hidrófoba de fora Em contrações miológicas de raiva.

Mas, para além, entre oscilantes chamas, Acordavam os bairros da luxúria...

As prostitutas, doentes de hematúria, Se extenuavam nas camas.

Uma, ignóbil, derreada de cansaço, Quase que escangalhada pelo vício, Cheirava com prazer no sacrifício A lepra má que lhe roía o braço!

E ensangüentava os dedos da mão nívea Com o sentimento gasto e a
emoção pobre, Nessa alegria bárbara que cobre Os saracoteamentos da
lascívia...

De certo, a perversão de que era presa o *sensorium* daquela prostituta
Vinha da adaptação quase absoluta À ambiência microbiana da
baixeza!

Entanto, virgem fostes, e, quando o éreis, Não tínheis ainda essa
erupção cutânea, Nem tínheis, vítima última da insânia, Duas
mamárias glândulas estéreis!

Ah! Certamente não havia ainda

Rompido, com violência, no horizonte, O sol malvado que secou a
fonte De vossa castidade agora finda!

Talvez tivésseis fome, e as mãos, embalde, Estendestes ao mundo, até
que, à-toa, Fostes vender a virginal coroa

Ao primeiro bandido do arrabalde.

E estais velha! -- De vós o mundo é farto, E hoje, que a sociedade vos
enxota, Somente as *bruxas* negras da derrota Frequentam diariamente
vosso quarto!

prometem-vos (quem sabe?!) entre os ciprestes Longe da mancebia
dos alcouces, Nas quietudes nirvânicas mais doces O noivado que em
vida não tivestes!

VII

Quase todos os lutos conjugados, Como uma associação de monopólio,
Lançavam pinceladas pretas de óleo Na arquitetura arcaica dos
sobrados.

Dentro da noite funda um braço humano Parecia cavar ao longe um poço

Para enterrar minha ilusão de moço, Como a boca de um poço artesiano!

Atabalhoadamente pelos becos,

Eu pensava nas coisas que perecem, Desde as musculaturas que apodrecem À ruína vegetal dos lírios secos.

Cismava no propósito funéreo

Da mosca debochada que fareja

O defunto, no chão frio da igreja, E vai depois levá-lo ao cemitério!

E esfregando as mãos magras, eu, inquieto, Sentia, na craniana caixa tosca, A racionalidade dessa mosca,

A consciência terrível desse inseto!

Regougando, porém, *argots* e aljâmias, Como quem nada encontra que o perturbe, A energúmena gei dos ébrios da urbe Festejava seu sábado de infâmias.

A estática fatal das paixões cegas, Rugindo fundamente nos neurônios, Puxava aquele povo de demônios

Para a promiscuidade das adegas.

E a ébria turba que escaras sujas masca, À falta idiossincrásica de escrúpulo, Absorvia com gáudio absinto, lúpulo E outras substâncias tóxicas da tasca.

O ar ambiente cheirava a ácido acético, Mas, de repente, com o ar de quem empesta, Apareceu, escorraçando a festa, A mandíbula inchada de um morfético!

Saliências polimórficas vermelhas, Em cujo aspecto o olhar perspícuo

prendo, Punham-lhe num destaque horrendo o horrendo Tamanho aberratório das orelhas.

O fâcies do morfétrico assombrava!

-- Aquilo era uma negra eucaristia, Onde minh'alma inteira surpreendia A Humanidade que se lamentava!

Era todo o meu sonho, assim inchado, Já podre, que a morfêia miserável Tornava às impressões táteis, palpável, Como se fosse um corpo organizado!

VIII

Em torno a mim, nesta hora, estriges voam, E o cemitério, em que eu entrei adrede, Dá-me a impressão de um *boulevard* que fede, Pela degradação dos que o povoam.

Quanta gente, roubada à humana coorte Morre de fome, sobre a palha espessa, Sem ter, como Ugolino, uma cabeça Que possa mastigar na hora da morte E nua, após baixar ao caos budista, Vem para aqui, nos braços de um canalha porque o madapolão para a mortalha Custa 1\$200 ao lojista!

Que resta das cabeças que pensaram?!

E afundado nos sonhos mais nefastos, Ao pegar num milhão de miolos gastos, Todos os meus cabelos se arrepiaram.

Os evolucionistas benfeitores

Que por entre os cadáveres caminham, iguais a irmãs de caridade, vinham Com a podridão dar de comer às flores!

Os defuntos então me ofereciam

Com as articulações das mãos inermes, Num prato de hospital, cheio de vermes, Todos os animais que apodreciam!

É possível que o estômago se afoite (Muito embora contra isto a alma se irrite) A cevar o antropófago apetite,

Comendo carne humana, à meia-noite!

Com uma ilimitadíssima tristeza, Na impaciência do estômago vazio,
Eu devorava aquele bolo frio

Feito das podridões da Natureza!

E hirto, a camisa suada, a alma aos arrancos, Vendo passar com as
túnicas obscuras, As escaveiradíssimas figuras

Das negras desonradas pelos brancos; Pisando, como quem salta, entre
fardos, Nos corpos nus das moças hotentotes Entregues, ao clarão de
alguns archotes, À sodomia indigna dos moscardos; Eu maldizia o
deus de mãos nefandas Que, transgredindo a igualitária regra Da
Natureza, atira a raça negra Ao contubérnio diário das quitandas!

Na evolução de minha dor grotesca, Eu mendigava aos vermes
insubmissos Como indenização dos meus serviços, O benefício de uma
cova fresca.

Manhã. E eis-me a absorver a luz de fora, Como o íncola do pólo
ártico, às vezes, Absorve, após a noite de seis meses, Os raios
caloríficos da aurora.

Nunca mais as goteiras cairiam

Como propositais setas malvadas, No frio matador das madrugadas,
Por sobre o coração dos que sofriam!

Do meu cérebro à absconsa tábua rasa Vinha a luz restituir o antigo
crédito, Proporcionando-me o prazer inédito, De quem possui um sol
dentro de casa.

Era a volúpia fúnebre que os ossos Me inspiravam, trazendo-me ao sol
claro, À apreensão fisiológica do faro O odor cadaveroso dos
destroços!

O inventário do que eu já tinha sido Espantava. Restavam só de
Augusto A forma de um mamífero vetusto

E a cerebralidade de um vencido!

O gênio procriador da espécie eterna Que me fizera, em vez de hiena
ou lagarta, Uma sobrevivência de Sidarta,

Dentro da filogênese moderna;

E arrancara milhares de existências Do ovário ignóbil de uma fauna
imunda, Ia arrastando agora a alma infecunda Na mais triste de todas
as falências.

No céu calamitoso de vingança

Desagregava, déspota e sem normas, O adesionismo biôntico das
formas Multiplicadas pela lei da herança!

A ruína vinha horrenda e deletéria Do subsolo infeliz, vinha de dentro
Da matéria em fusão que ainda há no centro, Para alcançar depois a
periferia!

Contra a Arte, oh! Morte, em vão teu ódio exerces!

Mas, a meu ver, os sáxeos prédios tortos Tinham aspectos de edifícios
mortos, Decompondo-se desde os alicerces!

A doença era geral, tudo a extenuar-se Estava. O Espaço abstrato que
não morre Cansara... O ar que, em colônias fluídas, corre, Parecia
também desagregar-se!

O prodromos de um tétano medonho Repuxavam-me o rosto... Hirto
de espanto, Eu sentia nascer-me n'alma, entanto, O começo magnífico
de um sonho!

Entre as formas decrepitas do povo, Já batiam por cima dos estragos A

sensação e os movimentos vagos Da célula inicial de um Cosmos novo!

O letargo larvário da cidade

Crescia. Igual a um parto, numa furna, Vinha da original treva noturna, o vagido de uma outra Humanidade!

E eu, com os pés atolados no Nirvana, Acompanhava, com um prazer secreto, A gestação daquele grande feto, Que vinha substituir a Espécie Humana!

ASA DE CORVO

Asa de corvos carnicheiros, asa

De mau agouro que, nos doze meses, Cobre às vezes o espaço e cobre às vezes O telhado de nossa própria casa...

Perseguido por todos os reveses, É meu destino viver junto a esa asa, Como a cinza que vive junto à brasa, Como os Goncourts, como os irmãos siameses!

É com essa asa que eu faço este soneto E a indústria humana faz o pano preto Que as famílias de luto martiriza...

É ainda com essa asa extraordinária Que a Morte -- a costureira funerária --

Cose para o homem a última camisa!

UMA NOITE NO CAIRO

Noite no Egito. O céu claro e profundo Fulgura. A rua é triste. A Lua cheia Está sinistra, e sobre a paz do mundo A alma dos Faraós anda e vagueia.

Os mastins negros vão ladrando à lua...

O Cairo é de uma formosura arcaica.

No ângulo mais recôndito da rua Passa cantando uma mulher hebraica.

O Egito é sempre assim quando anoitece!

Às vezes, das pirâmides o quedo E atro perfil, exposto ao luar, parece Uma sombria interjeição de medo!

Como um contraste àqueles mesereres, Num quiosque em festa alegre turba grita, E dentro dançam homens e mulheres Numa aglomeração cosmopolita.

Tonto do vinho, um saltimbanco da Ásia, Convulso e roto, no apogeu da fúria, Executando evoluções de *razzia* Solta um brado epilético de injúria!

Em derredor duma ampla mesa preta

-- Última nota do conúbio infando --

Vêm-se dez jogadores de roleta Fumando, discutindo, conversando.

Resplandece a celeste superfície.

Dorme soturna a natureza sábia...

Embaixo, na mais próxima planície,

Pasta um cavalo esplêndido da Arábia.

Vaga no espaço um silfo solitário.

Troam *kinnors*! Depois tudo é tranqüilo...

Apenas como um velho stradivário, Soluça toda a noite a água do Nilo!

O MARTÍRIO DO ARTISTA

Arte ingrata! E conquanto, em desalento, A órbita elipsoidal dos olhos
lhe arda, Busca exteriorizar o pensamento Que em suas fronetais
células guarda!

Tarda-lhe a Idéia! A inspiração lhe tarda!

E ei-lo a tremer, rasga o papel, violento, Como o soldado que rasgou a
farda No desespero do último momento!

Tenta chorar e os olhos sente enxutos!...

É como o paralítico que, à mímica Da própria voz e na que ardente o
lavra Febre de em vão falar, com os dedos brutos Para falar, puxa e
repele a língua, E não lhe vem à boca uma palavra!

DUAS ESTROFES

(À memória de João de Deus)

Ahi! ciechi! il tanto affaticar che giova?

Tutti torniamo alla gran madre antica E il nostro nome appena si
ritrova.

Petrarca

A queda do teu lírico arrabil

De um sentimento português ignoto Lembra Lisboa, bela como um
brinco, Que um dia no ano trágico de mil E setecentos e cinquenta e
cinco, Foi abalada por um terremoto!

A água quieta do Tejo te abençoa.

Tu representas toda essa Lisboa De glórias quase sobrenaturais,
Apenas com uma diferença triste, Com a diferença que Lisboa existe E

tu, amigo, não existes mais!

O MAR, A ESCADA E O HOMEM

“Olha agora, mamífero inferior,

“À luz da espicurista *ataraxia*,

“O fracasso de tua geografia

“E do teu escafandro esmiuçador!

“Ah! Jamais saberás ser superior,

“Homem, a mim, conquanto ainda hoje em dia,

“Com a ampla hélice auxiliar com que outrora ia

“Voando ao vento o vastíssimo vapor.

“Rasgue a água hórrida a nau árdega e singre-me!”

E a verticalidade da Escada íngreme:

“Homem, já transpuseste os meus degraus?!”

E Augusto, o Hércules, o Homem, aos soluços, Ouvindo a Escada e o
Mar, caiu de bruços No pandemônio aterrador do Caos!

DECADÊNCIA

Iguais às linhas perpendiculares Caíram, como cruéis e hórridas
hastas, Nas suas 33 vértebras gastas

Quase todas as pedras tumulares!

A frialdade dos círculos polares, Em sucessivas atuações nefastas,
Penetrara-lhe os próprios neuroplastas, Estragara-lhe os centros
medulares!

Como quem quebra o objeto mais querido E começa a apanhar piedosamente Todas as microscópicas partículas, Ele hoje vê que, após tudo perdido, Só lhe restam agora o último doente E a armação funerária das clavículas!

RICORDANZA DELLA MIA GIOVENTÙ

A minha ama-de-leite Guilhermina Furtava as moedas que o Doutor me dava.

Sinhá-Mocinha, minha Mãe, ralhava...

Via naquilo a minha própria ruína!

Minha ama, então, hipócrita, afetava Susceptibilidade de menina:

“-- Não, não fora ela! --“ E maldizia a sina, Que ela absolutamente não furtava.

Vejo, entretanto, agora, em minha cama, Que a mim somente cabe o furto feito...

Tu só furtaste a moeda, o ouro que brilha.

Furtaste a moeda só, mas eu, minha ama, Eu furtei mais, porque furtei o peito Que dava leite para a tua filha!

A UM MASCARADO

Rasga essa máscara ótima de seda E atira-a à arca ancestral dos palimpsestos...

É noite, e, à noite, a escândalos e incestos É natural que o instinto humano aceda!

Sem que te arranquem da garganta queda A interjeição danada dos protestos, Hás de engolir, igual a um porco, os restos Duma comida horivelmente azeda!

A sucessão de hebdômadass medonhas Reduzirá os mundos que tu
sonhas Ao microcosmos do ovo primitivo...

E tu mesmo, após a árdua e atra refrega, Terás somente uma vontade
cega

E uma tendência obscura de ser vivo!

VOZES DE UM TÚMULO

Morri! E a Terra -- a mãe comum -- o brilho Destes meus olhos
apagou!... Assim Tântalo, aos reais convivas, num festim, Serviu as
carnes do seu próprio filho!

Por que para este cemitério vim?!

Por que?! Antes da vida o angusto trilho Palmilhasse, do que este que
palmilho E que me assombra, porque não tem fim!

No ardor do sonho que o fronema exalta Construí de orgulho ênea
pirâmide alta...

Hoje, porém, que se desmoronou

A pirâmide real do meu orgulho, Hoje que apenas sou matéria e
entulho Tenho consciência de que nada sou!

CONTRASTES

A antítese do novo e do obsoleto, O Amor e a Paz, o Ódio e a
Carnificina, O que o homem ama e o que o homem abomina, Tudo
convém para o homem ser completo!

O ângulo obtuso, pois, e o ângulo reto, Uma feição humana e outra
divina São como a eximenina e a endimenina Que servem ambas para

o mesmo feto!

Eu sei tudo isto mais do que o Eclesiastes!

Por justaposição destes contrastes, Junta-se um hemisfério a outro hemisfério, Às alegrias juntam-se as tristezas, E o carpinteiro que fabrica as mesas Faz também os caixões do cemitério!...

GEMIDOS DE ARTE

I

Esta desilusão que me acabrunha É mais traidora do que o foi Pilatos!...

Por causa disto, eu vivo pelos matos, Magro, roendo a substância córnea de unha.

Tenho estremecimentos indecisos

E sinto, haurindo o tépido ar sereno, O mesmo assombro que sentiu Parfeno Quando arrancou os olhos de Dionisos!

Em giro e em redemoinho em mim caminham Ríspidas mágoas estranguladoras, Tais quais, nos fortes fulcros, as tesouras Brônzeas, também gira e redemoinham.

Os pães -- filhos legítimos dos trigos --

Nutrem a geração do Ódio e da Guerra.

Os cachorros anônimos da terra

São talvez os meus únicos amigos!

Ah! Por que desgraçada contingência À hispida aresta sáxia áspera e abrupta Da rocha brava, numa ininterrupta Adesão, não preendi minha existência?!

Por que Jeová, maior do que Laplace, Não fez cair o túmulo de Plínio
Por sobre todo o meu raciocínio Para que eu nunca mais raciocinase?!

Pois minha Mãe tão cheia assim daqueles Carinhos, com que guarda
meus sapatos, Por que me deu consciência dos meus atos Para eu me
arrepender de todos eles?!

Quisera antes, mordendo glabros talos, Nabucodonosor ser do Pau
d'Arco, Beber a acre e estagnada água do charco, Dormir na
manjedoura com os cavalos!

Mas a carne é que é humana! A alma é divina.

Dorme num leito de feridas, goza O lodo, apalpa a úlcera cancerosa,
Beija a peçonha, e não se contamina!

Ser homem! escapar de ser aborto!

Sair de um vente inchado que se anoja, Comprar vestidos pretos numa
loja E andar de luto pelo pai que é morto!

E por trezentos e sessenta dias Trabalhar e comer! Martírios juntos!

Alimentar-se dos irmãos defuntos, Chupar os ossos das alimarias!

Barulho de mandíbulas e abdômens!

E vem-me com um desprezo por tudo isto Uma vontade absurda de
ser Cristo Para sacrificar-me pelos homens!

Soberano desejo! Soberana

Ambição de construir para o homem uma Região, onde não cuspa
língua alguma O óleo rançoso da saliva humana!

Uma região sem nódoas e sem lixos, Subtraída à hediondez de ínfimo
casco, Onde a força feroz coma o carrasco E o olho do estuprador se
encha de bichos!

Outras constelações e outros espaços Em que, no agudo grau da última
crise, O braço do ladrão se paralise

E a mão da meretriz caia aos pedaços!

II

O sol agora é de um fulgor compacto, E eu vou andando, cheio de
chamusco, Com a flexibilidade de um molusco, Úmido, pegajoso e
untuoso ao tacto!

Reúnam-se em rebelião ardente e acesa Todas as minhas forças
emotivas E armem ciladas como cobras vivas Para despedaçar minha
tristeza!

O sol de cima espiando a flora moça Arda, fustigue, queime, corte,
morda!...

Deleito a vista na verdura gorda Que nas hastes delgadas se balouça!

Avisto o vulto das sombrias granjas Perdidas no alto... Nos terrenos
baixos, Das laranjeiras eu admiro os cachos E a ampla circunferência
das laranjas.

Ladra furiosa a tribo dos podengos.

Olhando para as pútridas charnecas Grita o exército avulso das
marrecas Na úmida copa dos bambus verdoengos.

Um pássaro alvo artífice da teia De um ninho, salta, no árdego
trabalho, De árvore em árvore e de galho em galho, Com a rapidez
duma semicolcheia.

Em grandes semicírculos aduncos, Entrançados, pelo ar, largando
pêlos, Voam à semelhança de cabelos

Os chicotes finíssimos dos juncos.

Os ventos vagabundos batem, bolem Nas árvores. O ar cheira. A terra cheira...

E a alma dos vegetais rebenta inteira De todos os corpúsculos do pólen.

A câmara nupcial de cada ovário Se abre. No chão coleia a lagartixa.

Por toda a parte a seiva bruta esguicha Num extravasamento involuntário.

Eu, depois de morrer, depois de tanta Tristeza, quero, em vez do nome -- *Augusto*, Possuir aí o nome dum arbusto

Qualquer ou de qualquer obscura planta!

III

Pelo accidentalíssimo caminho

Faísca o sol. Nédios, batendo a cauda, Urram os bois. O céu lembra uma lauda

Do mais incorruptível pergaminho.

Uma atmosfera má de incômoda hulha Abafa o ambiente. O aziago ar morto a morte Fede. O ardente calor da areia forte Racha-me os pés como se fosse agulha.

Não sei que subterrânea e atra voz rouca, Por saibros e por cem côncavos vales, Como pela avenida das Mappales, Me arrasta à casa do finado *Toca!*

Todas as tardes a esta casa venho.

Aqui, outrora, sem conchego nobre, Viveu, sentiu e amou este homem pobre Que carregava canas para o engenho!

Nos outros tempos e nas outras eras, Quantas flores! Agora, em vez de flores, Os musgos, como exóticos pintores, Pintam caretas verdes nas

taperas.

Na bruta dispersão de vítreos cacos, À dura luz do sol resplandecente,
Trôpega e antiga, uma parede doente Mostra a cara medonha dos
buracos.

O cupim negro broca o âmago fino Do teto. E traça trombas de
elefantes Com as circunvoluções extravagantes Do seu
complicadíssimo intestino.

O lodo obscuro trepa-se nas portas.

Amontoadas em grossos feixes rijos, As lagartixas, dos esconderijos,
Estão olhando aquelas coisas mortas!

Fico a pensar no Espírito disperso Que, unindo a pedra ao *gneiss* e a
árvore à criança, Como um anel enorme de aliança, Une todas as
coisas do Universo!

E assim pensando, com a cabeça em brasas Ante a fatalidade que me
oprime, Julgo ver este Espírito sublime, Chamando-me do sol com as
suas asas!

Gosto do sol ignívomo e iracundo Como o réptil gosta quando se
molha E na atra escuridão dos ares, olha Melancolicamente para o
mundo!

Essa alegria imaterializada,

Que por vezes me absorve, é o óbolo obscuro, É o pedaço já podre de
pão duro Que o miserável recebeu na estrada!

Não são os cinco mil milhões de francos Que a Alemanha pediu a
Jules Favre...

É o dinheiro coberto de azinhavre Que o escravo ganha, trabalhando
aos brancos!

Seja este sol meu último consolo;

E o espírito infeliz que em mim se encarna
Se alegre ao sol, como quem raspa a sarna,
Só, com a misericórdia de um tijolo!...

Tudo enfim a mesma órbita percorre
E as bocas vão beber o mesmo leite...

A lamparina quando falta o azeite
Morre, da mesma forma que o homem morre.

Súbito, arrebatando a horrenda calma,
Grito, e se gritio é para que meu grito
Seja a revelação deste Infiniti
Que eu trago encarcerado da minh'alma!

Sol brasileiro! queima-me os destroços!

Quero assistir, aqui, sem pai que me ame,
De pé, à luz da consciência infame,
À carbonização dos próprios ossos!

VERSOS DE AMOR

A um poeta erótico

Parece muito doce aquela cana.

Descasco-a, provo-a, chupo-a... ilusão trega!

O amor, poeta, é como a cana azeda,
A toda a boca que o não prova engana.

Quis saber que era o amor, por experiência,
E hoje que, enfim, conheço o seu conteúdo,
Pudera eu ter, eu que idolatro o estudo,
Todas as ciências menos esta ciência!

Certo, este o amor não é que, em ânsias, amo
Mas certo, o egoísta amor este é que acinte
Amas, oposto a mim. Por conseguinte
Chamas amor aquilo que eu não chamo.

Oposto ideal ao meu ideal conservas.

Diverso é, pois, o ponto outro de vista Consoante o qual, observo o amor, do egoísta Modo de ver, consoante o qual, o observas.

Porque o amor, tal como eu o estou amando, É Espírito, é éter, é substância fluida, É assim como o ar que a gente pega e cuida, Cuida, entretanto, não o estar pegando!

É a transubstanciação de instintos rudes, Imponderabilíssima e impalpável, Que anda acima da carne miserável Como anda a garça acima dos açudes!

Para reproduzir tal sentimento

Daqui por diante, atenta a orelha cauta, Como Mársias -- o inventor da flauta --

Vou inventar também outro instrumento!

Mas de tal arte e espécie tal fazê-lo Ambiciono, que o idioma em que te eu falo

Possam todas as línguas decliná-lo Possam todos os homens compreendê-lo.

Para que, enfim, chegando à última calma Meu podre coração roto não role, Integralmente desfibrado e mole, Como um saco vazio dentro d'alma!

SONETOS

I

A meu pai doente

Para onde fores, Pai, para onde fores, Irei também, trilhando as mesmas ruas...

Tu, para amenizar as dores tuas, Eu, para amenizar as minhas dores!

Que coisa triste! O campo tão sem flores, E eu tão sem crença e as árvores tão nuas E tu, gemendo, e o horror de nossas duas Mágoas crescendo e se fazendo horrores!

Magoaram-te, meu Pai?! Que mão sombria, Indiferente aos mil tormentos teus De assim magoar-te sem pesar havia?!

-- Seria a mão de Deus?! Mas Deus enfim É bom, é justo, e sendo justo, Deus, Deus não havia de magoar-te assim!

II

A meu pai morto

Madrugada de Treze de Janeiro,

Rezo, sonhando, o ofício da agonia.

Meu Pai nessa hora junto a mim morria Sem um gemido, assim como um cordeiro!

E eu nem lhe ouvi o alento derradeiro!

Quando acordei, cuidei que ele dormia, E disse à minha Mãe que me dizia:

“Acorda-o”! deixa-o, Mãe, dormir primeiro!

E saí para ver a Natureza!

Em tudo o mesmo abismo de beleza, Nem uma névoa no estrelado véu...

Mas pareceu-me, entre as estrelas flóreas, Como Elias, num carro azul de glórias, Ver a alma de meu Pai subindo ao Céu!

III

Podre meu Pai! A morte o olhar lhe vidra.

Em seus lábios que os meus lábios osculam Microrganismos fúnebres pululam Numa fermentação gorda de cidra.

Duras leis as que os homens e a hórrida hidra A uma só lei biológica vinculam, E a marcha das moléculas regulam, Com a invariabilidade da clepsidra!

Podre meu Pai! E a mão que enchi de beijos Roída toda de bichos, como os queijos Sobre a mesa de orgíacos festins!...

Amo meu Pai na atômica desordem Entre as bocas necrófagas que o mordem E a terra infecta que lhe cobre os rins!

DEPOIS DA ORGIA

O prazer que na orgia a hetaíra goza Produz no meu *sensorium* de bacante O efeito de uma túnica brilhante Cobrindo ampla apostema escrofulosa!

Troveja! E anelo ter, sôfrega e ansiosa, O sistema nervoso de um gigante Para sofrer na minha carne estuante A dor da força cósmica furiosa.

Apraz-me, enfim, despindo a última alfaia Que ao comércio dos homens me traz presa, Livre deste cadeado de peçonha, Semelhante a um cachorro de atalaia Às decomposições da Natureza,

Ficar latindo minha dor medonha!

A ÁRVORE DA SERRA

-- As árvores, meu filho, não têm alma!

E esta árvore me serve de empecilho...

É preciso cortá-la, pois, meu filho, Para que eu tenha uma velhice calma!

-- Meu pai, por que sua ira não se acalma?!

Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?!

Deus pôs almas nos cedros... no junquilha...

Esta árvore, meu pai, possui minh'alma!...

-- Disse -- e ajoelhou-se, numa rogativa:

“Não mate a árvore, pai, para que eu viva!”

E quando a árvore, olhando a pátria serra, Caiu aos golpes do machado bronco, O moço triste se abraçou com o tronco E nunca mais se levantou da terra!

VENCIDO

No auge de atordoadora e ávida sanha Leu tudo, desde o mais prístino mito, por exemplo: o do boi Ápis do Egito Ao velho Niebelungen da Alemanha.

Acometido de uma febre estranha Sem o escândalo fônico de um grito, mergulhou a cabeça no Infinito, Arrancou os cabelos na montanha!

Desceu depois à gleba mais bastarda, Pondo a áurea insígnia heráldica da farda À vontade do vômito plebeu...

E ao vir-lhe o cuspo diário à boca fria O vencido pensava que cuspia

Na célula infeliz de onde nasceu.

O CORRUPÇÃO

Escaveirado corrupção idiota,

Olha a atmosfera livre, o amplo éter belo, E a alga criptógama e a úsnea e o cogumelo, Que do fundo do chão todo o ano brota!

Mas a ânsia de alto voar, de à antiga rota Voar, não tens mais! E pois, preto e amarelo, Pões-te a assobiar, bruto, sem cerebello A gargalhada da última derrota!

A gaiola aboliu tua vontade.

Tu nunca mais verás a liberdade!...

Ah! Tu somente ainda és igual a mim.

Continua a comer teu milho alpaste.

Foi este mundo que me fez tão triste, Foi a gaiola que te pôs assim!

NOITE DE UM VISIONÁRIO

Número cento e três. Rua Direita.

Eu tinha a sensação de quem se esfola E inopinadamente o corpo atola

Numa poça de carne liquefeita!

-- “Que esta alucinação tátil não cresça!”

-- Dizia; e erguia, oh! céu, alto, por ver-vos, Com a rebeldia acérrima dos nervos Minha atormentadíssima cabeça.

É a potencialidade que me eleva Ao grande Deus, e absorve em cada viagem Minh'alma -- este sombrio personagem Do drama panteístico

da treva!

Depois de dezesseis anos de estudo Generalizações grandes e ousadas
Traziam minhas forças concentradas Na compreensão monística de
tudo.

Mas a aguadilha pútrida o ombro inerme

Me aspergia, banhava minhas tíbias, E a ela se aliava o ardor das sirtes
líbias, Cortanto o melanismo da epiderme.

Arimânico gênio destrutivo

Desconjuntava minha autônoma alma Esbandalhando essa unidade
calma, Que forma a coerência do ser vivo.

E eu sí a tremer com a língua grossa E a volição no cúmulo do exício,
Como quem é levado para o hospício Aos trambolhões, num canto de
carro;ca!

Perante o inexorável céu aceso

Agregações abióticas espúrias,

Como um cara, recebendo injúrias, Recebiam os cuspos do desprezo.

A essa hora, nas telúrias reservas, O reino mineral americano

Dormia, sob os pés do orgulho humano, E a cimalha minúscula das
ervas.

E não haver quem, íntegra, lhe entregue, Com os ligamentos glóticos
precisos, A liberdade de vingar em risos

A angústia milenária que o persegue!

Bolia nos obscuros labirintos

Da fértil terra gorda, úmida e fresca, A ínfima fauna abscôndita e
grotesca Da família bastarda dos helmintos.

As vegetalidades subalternas

Que osserenos noturnos orvalhavam, Pela alta frieza intrínseca,
lembravam Toalhas molhadas sobre as minhas pernas.

E no estrume fresquíssimo da gleba Formigavam, com a símplice
sarcode, O vibrião, o ancilóstomo, o colpode E outros irmãos legítimos
da ameiba!

E todas essas formas que Deus lança No Cosmos, me pediam, com o ar
horrível, Um pedaço de língua disponível

Para a filogenética vingança!

A cidade exalava um podre béfio: Os anúncios das casas de comércio,
Mais tristes que as elegais de Propércio, Pareciam talvez meu epitáfio.

O motor teleológico da Vida

Parara! Agora, em diástoles de guerra, Vinha do coração quente da
terra Um rumor de matéria dissolvida.

A química feroz do cemitério

Transformava porções de átomos juntos No óleo malsão que escorre
dos defuntos, Com a abundância de um geyser deletério.

Dedos denunciadores escreviam

Na lúgubre extensão da rua preta Todo o destino negro do planeta,
Onde minhas moléculas sofriam.

Um necrófilo mau forçava as lousas E eu -- coetâneo do horrendo
cataclismo --

Era puxado para aquele abismo

No redemoinho universal das cousas!

ALUCINAÇÃO À BEIRA-MAR

Um medo de morrer meus pés esfriava.

Noite alta. Ante o telúrico recorte, na diuturna discórdia, a equórea coorte Atordoadamente ribombava!

Eu, ególatra céptico, cismava

Em meu destino!... O vento estava forte E aquela matemática da Morte

Com os seus números negros, me assombrava!

Mas a alga usufrutuária dos oceanos E os malacopterígios subtraquianos Que um castigo de espécie emudeceu, No eterno horror das convulsões marítimas Pareciam também corpos de vítimas Condenados à Morte, assim como eu!

VANDALISMO

Meu coração tem catedrais imensas, Templos de priscas e longínquas datas, Onde um nune de amor, em serenatas, Canta a aleluia virginal das crenças.

Na ogiva fúlgida e nas colunatas Vertem lustrais irradiações intensas Cintilações de lâmpadas suspensas E as ametistas e os florões e as pratas.

Com os velhos Templários medievais Entrei um dia nessas catedrais

E nesses templos claros e risonhos...

E erguendo os gládios e brandindo as hastas, No desespero dos iconoclastas

Quebrei a imagem dos meus próprios sonhos!

VERSOS ÍNTIMOS

Vês! Ninguém assistiu ao formidável Enterro de tua última quimera.

Somente a Ingratidão -- esta pantera --

Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!

O Homem, que, nesta terra miserável, Mora, entre feras, sente inevitável Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!

o beijo, amigo, é a véspera do escarro, A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga, Apedreja essa mão vil que te afaga, Escarra nessa boca que te beija!

VENCEDOR

Toma as espadas rútilas, guerreiro, E à rutilância das espadas, toma A adaga de aço, o gládio de aço, e doma Meu coração -- estranho carniceiro!

Não podes?! Chama então presto o primeiro E o mais possante gladiador de Roma.

E qual mais pronto, e qual mais presto assoma Nenhum pôde domar o prisioneiro.

Meu coração triunfava nas arenas.

Veio depois um domador de hienas E outro mais, e, por fim, veio um atleta, Vieram todos, por fim; ao todo, uns cem...

E não pôde domá-lo enfim ninguém, Que ninguém doma um coração

de poeta!

A ILHA DE CIPANGO

Estou sozinho! A estrada se desdobra Como uma imensa e rutilante
cobra De epiderme finíssima de areia...

E por essa finíssima epiderme

Eis-me passeando como um grande verme Que, ao sol, em plena
podridão, passeia!

A agonia do sol vai ter começo!

Caio de joelhos, trêmulo... Ofereço Preces a Deus de amor e de
respeito E o Ocaso que nas águas se retrata Nitidamente repdruz,
exata,

A saudade interior que há no meu peito...

tenho alucinações de toda a sorte...

Impressionado sem cessar com a Morte E sentindo o que um lázaro
não sente, Em negras nuances lúgubres e aziagas Vejo terribilíssimas
adagas,

Atravessando os ares bruscamente.

Os olhos volvo para o céu divino E observo-me pigmeu e pequenino
Através de minúsculos espelhos.

Assim, quem diante duma cordilheira, Pára, entre assombros, pela vez
primeira, Sente vontade de cair de joelhos!

Soa o rumor fatídico dos ventos, Anunciando desmoronamentos

De mil lajedos sobre mil lajedos...

E ao longe soam trágicos fracassos De heróis, partindo e fraturando os
braços Nas pontas escarpadas dos rochedos!

Mas de repente, num enleio doce, Qual num sonho arrebatado fosse,
Na ilha encantada de Cipango tombo, Da qual, no meio, em luz
perpétua, brilha A árvore da perpétua maravilha, À cuja sombra
descansou Colombo!

Foi nessa ilha encantada de Cipango, Verde, afetando a forma de um
losango, Rica, ostentando amplo floral risonho, Que Toscanelli viu seu
sonho extinto E como sucedeu a Afonso Quinto

Foi sobre essa ilha que extingui meu sonho!

Lembro-me bem. Nesse maldito dia O gênio singular da Fantasia

Convidou-me a sorrir para um passeio...

Íríamos a um país de eternas pazes Onde em cada deserto há mil oásis
E em cada rocha um cristalino veio.

Gozei numa hora séculos de afagos, Banhei-me na água de risonhos
lagos, E finalmente me cobri de flores...

Mas veio o vento que a Desgraça espalha E cobriu-me com o pano da
mortalha, Que estou cosendo para os meus amores!

Desde então para cá fiquei sombrío!

Um penetrante e corrosivo frio

Anestesiou-me a sensibilidade

E a grandes golpes arrancou as raízes Que prendiam meus dias
infelizes A um sonho antigo de felicidade!

Invoco os Deuses salvadores do erro.

A tarde morre. Passa o seu enterro!...

A luz descreve siguezagues tortos Enviando à terra os derradeiros
beijos.

Pela estrada feral dois realejos Estão chorando meus amores mortos!

E a treva ocupa toda a estrada longa...

O Firmamento é uma caverna oblonga Em cujo fundo a Via-Láctea existe.

E como agora a lua cheia brilha!

Ilha maldita vinte vezes a ilha Que para todo o sempre me fez triste!

MATER

Como a crisálida emergindo do ovo Para que o campo flórido a concentre, Assim, oh! Mãe, sujo de sangue, um novo

Ser, entre dores, te emergiu do ventre!

E puseste-lhe, haurindo amplo deleite, No lábio róseo a grande teta farta

-- Fecunda fonte desse mesmo leite Que amamentou os éfebos de Esparta. --

Com que avidez ele essa fonte suga!

Ninguém mais com a Beleza está de acordo, Do que essa pequenina sanguessuga, Bebendo a vida no teu seio gordo!

Pois, quanto a mim, sem pretensões, comparo, Essas humanas coisas pequeninas A um *biscuit* de quilate muito raro Exposto aí, à amostra, nas vitrinas.

Mas o ramo fragílido e venusto

Que hoje nas débeis gêmulas se esboça, Há de crescer, há de tornar-se arbusto E álamo altivo de ramagem grossa.

Clara, a atmosfera se encherá de aromas, O Sol virá das épocas sadias...

E o antigo leão, que te esgotou as pomas, Há de beijar-te as mãos

todos os dias!

Quando chegar depois tua velhice Batida pelos bárbaros invernos,
Relembrarás chorando o que eu te disse, À sombra dos sicômoros
eternos!

POEMA NEGRO

A Santos Neto

Para iludir minha desgraça, estudo.

Intimamente sei que não me iludo.

Para onde vou (o mundo inteiro o nota) Nos meus olhares fúnebres,
carrego A indiferença estúpida de um cego E o ar indolente de um
chinês idiota!

A passagem dos séculos me assombra.

Para onde irá correndo minha sombra Nesse cavalo de eletricidade?!

Caminho, e a mim pergunto, na vertigem:

-- Quem sou? Para onde vou? Qual minha origem?

E parece-me um sonho a realidade.

Em vão com o grito do meu peito impreco!

Dos brados meus ouvindo apenas o eco, Eu torço os braços numa
angústia douda E muita vez, à meia-noite, rio

Sinistramente, vendo o verme frio Que há de comer a minha carne
toda!

É a Morte -- esta carnívora assanhada --

Serpente má de língua envenenada Que tudo que acha no caminho,
come...

-- Faminta e atra mulher que, a 1 de Janeiro, Sai para assassinar o
mundo inteiro, E o mundo inteiro não lhe mata a fome!

Nesta sombria análise das cousas, Corro. Arranco os cadáveres das
lousas E as suas partes podres examino...

Mas de repente, ouvindo um grande estrondo, Na podridão daquele
embrulho hediondo Reconheço assombrado o meu Destino!

Surpreendo-me, sozinho, numa cova.

Então meu desvario se renova...

Como que, abrindo todos os jazigos, A Morte, em trajes pretos e
amarelos.

Levanta contra mim grandes cutelos E as baionetas dos dragões
antigos!

E quando vi que aquilo vinha vindo Eu fui caindo como um sol caindo
De declínio em declínio; e de declínio Em declínio, como a gula de
uma fera, Quis ver o que era, e quando vi o que era, Vi que era pó, vi
que era esterquilínio!

Chegou a tua vez, oh! Natureza!

Eu desafio agora essa grandeza, Perante a qual meus olhos se
extasiam.

Eu desafio, desta cova escura,

No histerismo danado da tortura Todos os monstros que os teus peitos
criam.

Tu não és minha mãe, velha nefasta!

Com o teu chicote frio de madrastra Tu me açoitaste vinte e duas vezes...

Por tua causa apodreci nas cruzes, Em que pregas os filhos que produzes Durante os desgraçados nove meses!

Semeadora terrível de defuntod, Contra a agressão dos teus contrastes juntos A besta, que em mim dorme, acorda em berros Acorda, e após gritar a última injúria, Chocalha os dentes com medonha fúria Como se fosso o atrito de dois ferros!

Pois bem! Chegou minha hora de vingança.

Tu mataste o meu tempo de criança E de segunda-feira até domingo, Amarrado no horror de tua rede, Deste-me fogo quanto eu tinha sede...

Deixa-te estar, canalha, que eu me vingo!

Súbito outra visão negra me espanta!

Estou em Roma. É Sexta-feira Santa.

A trava invade o obscuro orbe terrestre No Vaticano, em grupos prosternados, Com as longas fardas rubras, os soldados Buardam o corpo do Divino Mestre.

Como as estalactites da caverna, Cai no silêncio da Cidade Eterna A água da chuva em largos fios grossos...

De Jesus Cristo resta unicamente Um esqueleto; e a gente, vendo-o, a gente Sente vontade de abraçar-lhe os ossos!

Não há ninguém na estrada da Ripetta.

Dentro da igreja de São Pedro, quieta, As luzes funerais arquejam fracas...

O vento entoa cânticos de morte.

Roma estremece! Além, num rumor forte Recomeça o barulha das

matracas.

A desagregação da minha Idéia

Aumenta. Como as chagas da morféia O medo, o desalento e o desconforto Paralisam-me os círculos motores.

Na Eternidade, os ventos gemedores Estão dizendo que Jesus é morto!

Não! Jesus não morreu! Vive na serra Da Borborema, no ar de minha terra, Na molécula e no átomo... Resume A espiritualidade da matéria

E ele é que embala o corpo da miséria E faz da cloaca uma urna de perfume.

Na agonia de tantos pesadelos

Uma dor bruta puxa-me os cabelos.

Desperto. É tão vazia a minha vida!

No pensamento desconexo e falho Trago as cartas confusas de um baralho E pedaço de cera derretida!

Dorme a casa. O céu dorme. A árvore dorme Eu, somente eu, com a minha dor enorme Os olhos ensangüento na vigília!

E observo, enquanto o horror me corta a fala O aspecto sepulcral da austera sala E a impassibilidade da mobília.

Meu coração, como um crital, se quebre O termômetro negue minha febre, Torne-se gelo o sangue que me abraze E eu me converta na cegonha triste Que das ruínas duma cassia assiste Ao desmoronamento de outra casa!

Ao terminar este sendito poema

Onde vazei a minha dor suprema

Tenho os olhos em lágrimas imersos...

Rola-me na cabeça o cérebro oco.

Por ventura, meu Deus, estarei louco?!

Daqui por diante não farei mais versos.

ETERNA MÁGOA

O homem por sobre quem caiu a praga Da tristeza do Mundo, o
homem que é triste Para todos os séculos existe

E nunca mais o seu pesar se apaga!

Não crê em nada, pois, nada há que traga Consolo à Mágoa, a que só
ele assiste.

Quer resistir, e quanto mais resiste Mais se lhe aumenta e se lhe
afunda a chaga.

Sabe que sofre, mas o que não sabe É que essa mágoa infinda assim,
não cabe Na sua vida, é que essa mágoa infinda Transpõe a vida do
seu corpo inerte; E quando esse homem se transforma em verme É
essa mágoa que o acompanha ainda!

QUEIXAS NOTURNAS

Quem foi que viu a minha Dor chorando?!

Saio. Minh'alma sai agoniada.

Andam monstros sombrios pela estrada E pela estrada, entre estes
monstros, ando!

Não trago sobre a túnica fingida As insígnias medonhas do infeliz
Como os falsos mendigos de Paris Na atra rua de Santa Margarida.

O quadro de aflições que me consomem O próprio Pedro Américo não
pinta...

Para pintá-lo, era preciso a tinta Feita de todos os tormentos do

homem!

Como um ladrão sentado numa ponte Espera alguém, armado de arcabuz, Na ânsia incoercível de roubar a luz, Estou à espera de que o Sol desponte!

Bati nas pedras dum tormento rude E a minha mágoa de hoje é tão intensa Que eu penso que a Alegria é uma doença E a Tristeza é minha única saúde.

As minhas roupas, quero até rompê-las!

Quero, arrancado das prisões carnavais, Viver na luz dos astros imortais, Abraçado com todas as estrelas!

A Noite vai crescendo apavorante E dentro do meu peito, no combate, A Eternidade esmagadora bate

Numa dilatação exorbitante!

E eu luto contra a universal grandeza Na mais terrível desesperação
É a luta, é o prélio enorme, é a rebelião Da criatura contra a natureza!

Para essas lutas uma vida é pouca Inda mesmo que os músculos se esforcem; Os pobres braços do mortal se torcem E o sangue jorra, em coalhos, pela boca.

E muitas vezes a agonia é tanta Que, rolando dos últimos degraus, O Hércules treme e vai tombar no caos De onde seu corpo nunca mais levanta!

É natural que esse Hércules se estorça, E tombe para sempre nessas lutas, Estrangulado pelas rodas brutas Do mecanismo que tiver mais força.

Ah! Por todos os séculos vindouros Há de travar-se essa batalha vã Do dia de hoje contra o de amanhã, Igual à luta dos cristãos e mouros!

Sobre histórias de amor o interrogar-me É vão, é inútil, é improfícuo,
em suma; Não sou capaz de amar mulher alguma Nem há mulher
talvez capaz de amar-me.

O amor tem favos e tem caldos quentes E ao mesmo tempo que faz
bem, faz mal; O coração do Poeta é um hospital Onde morreram todos
os doentes.

Hoje é amargo tudo quanto eu gosto; A bênção matutina que recebo...

E é tudo; o pão que como, a água que bebo, O velho tamarindo a que
me encosto!

Vou enterrar agora a harpa boêmia Na atra e assombrosa solidão feroz
Onde não cheguem o eco duma voz E o grito desvairado da blasfêmia!

Que dentro de minh'alma americana Não mais palpita o coração --
esta arca, Este relógio trágico que marca

Todos os atos da tragédia humana!

Seja esta minha queixa derradeira Cantada sobre o túmulo de Orfeu;
Seja este, enfim, o último canto meu Por esta grande noite brasileira!

Melancolia! Estende-me tu'asa!

És a árvore em que evo reclinar-me...

Se algum dia o Prazer vier procurar-me Dize a este monstro que fugi
de casa!

INSÔNIA

Noite. Da Mágoa o espírito noctâmbulo Passou de certo por aqui
chorando!

Assim, em mágoa, eu também vou passando Sonâmbulo...
sonâmbulo... sonâmbulo...

Que voz é esta que a gemer concentro No meu ouvido e que do meu ouvido Como um bemol e como um sustenido Rola impetuosa por meu peito adentro?!

-- Por que é que este gemido me acompanha?!

Mas dos meus olhos no sombrio palco Súbito surge como um catafalco

Uma cidade ou mapa-múndi estranha.

A dispersão dos sonhos vagos reúno.

Desta cidade pelas ruas erra

A procissão dos Mártires da Terra Desde os Cristãos até Giordano Bruno!

Vejo diante de mim Santa Francisca Que com o cilício as tentações suplanta, E invejo o sofrimento desta Santa, Em cujo olhar o Vício não fásca!

Se eu pudesse ser puro! Se eu pudesse, Depois de embebedado deste vinho.

Sair da vida puro como o arminho Que os cabelos dos velhos embranquece!

Por que cumpro o universal ditame?!

Pois se eu sabia onde morava o Vício, Por que não evitei o precipício Estrangulando minha carne infame?!

Até que dia o intoxicado aroma

Das paixões torpes sorverei contente?

E os dias correrão eternamente?!

E eu nunca sairei desta Sodoma?!

À proporção que a minha insônia aumenta Hieróglifos e esfinges
interrogo...

Mas, triunfalmente, nos céus altos, logo Toda a alvorada esplêndida se
ostenta.

Vagueio pela Noite decaída...

No espaço a luz de Aldebarã e de Árgus Vai projetando sobre os
campos largos O derradeiro fósforo da Vida.

O Sol, equilibrando-se na esfera, Restitui-me a pureza da hematose E
então uma interior metamorfose Nas minhas arcas cerebrais se opera.

O odor da margarida e da begônia Subitamente me penetra o olfato...

Aqui, neste silêncio e neste mato, Respira com vontade a alma
campônia!

Grita a satisfação na alma dos bichos.

Incensa o ambiente o fumo dos cachimbos.

As árvores, as flores, os corimbos, Recordam santos nos seus próprios
nichos.

Com o olhar a verde periferia abarco.

Estou alegre. Agora, por exemplo, Cercado destas árvores, contemplo
As maravilhas reais do meu Pau d'Arco!

Cedo virá, porém, o funerário, Atro dragão da escura noite, hedionda,
Em que o Tédio, batendo na alma, estronda Como um grande trovão
extraordinário.

Outra vez serei pábulo do susto E terei outra vez de, em mágoa
imerso, Sacrificar-me por amor do Verso No meu eterno leito de
Procusto!

BARCAROLA

Camtam nautas, choram flautas
Pelo mar e pelo mar
Uma sereia a cantar
Vela o Destino dos nautas.

Espelham-se os esplendores
Do céu, em reflexos, nas
Águas, fingindo cristais
Das mais deslumbrantes cores.

Em fulvos filões doirados
Cai a luz dos astros por
Sobre o marítimo horror
Como globos estrelados.

Lá onde as rochas se assentam
Fulguram como outros sóis
Os flamívomos faróis
Que os navegantes orientam.

Vai uma onda, vem outra onda
E nesse eterno vaivém
Coitadas! não acham quem,
Quem as esconda, as esconda...

Alegoria tristonha

Do que pelo Mundo vai!

Se um sonha e se ergue, outro cai; Se um cai, outro se ergue e sonha.

Mas desgraçado do pobre

Que em meio da Vida cai!

Esse não volta, esse vai

Para o túmulo que o cobre.

Vagueia um poeta num barco.

O Céu, de cima, a luzir

Como um diamante de Ofir

Imita a curva de um arco.

A Lua -- globo de louça --

Surgiu, em lúcido véu.

Cantam! Os astros do Céu

Ouçam e a Lua Cheia ouça!

Ouço do alto a Lua Cheia

Que a sereia vai falar...

Haja silêncio no mar

Para se ouvir a sereia.

Que é que ela diz?! Será uma História de amor feliz?

Não! O que a sereia diz

Não é história nenhuma.

É como um *requiem* profundo De tristíssimos bemóis...

Sua voz é igual à voz

Das dores todas do mundo.

“Fecha-te nesse medonho

“Redudo de Maldição,

“Viajeiro da Extrema-Unção,

“Sonhador do último sonho!

“Numa redoma ilusória

“Cercou-te a glória falaz,

“Mas nunca mais, nunca mais

“Há de cercar-te essa glória!

“Nunca mais! Sê, porém, forte.

“O poeta é como Jesus!

“Abraça-te à tua Cruz

“E morre, poeta da Morte!”

-- E disse e porque isto disse

O luar no Céu se apagou...

Súbito o barco tombou

Sem que o poeta o pressentisse!

Vista de luto o Universo

E Deus se enlute no Céu!

Mais um poeta que morreu,

Mais um coveiro do Verso!

Cantam nautas, choram flautas

Pelo mar e pelo mar

Uma sereia a cantar

Vela o Destino dos nautas!

TRISTEZAS DE UM QUARTO MINGUANTE

Quarto Minguante! E, embora a lua o aclare, Este *Engenho Pau d'Arco* é muito triste...

Nos engenhos da *várzea* não existe Talvez um outro que se lhe equipare!

Do observatório em que eu estou situado A lua magra, quando a noite cresce, Vista, através do vidro azul, parece Um paralelepípedo quebrado!

O sono esmaga o encéfalo do povo.

Tenho 300 quilos no epigastro...

Dói-me a cabeça. Agora a cara do astro Lembra a metade de uma casca de ovo.

Diabo! Não ser mais tempo de milagre!

Para que esta opressão desapareça Vou amarrar um pano na cabeça,

Molhar a minha fonte com vinagre.

Aumentam-se-me então os grandes medos.

O hemisfério lunar se ergue e se abaixa Num desenvolvimento de borracha, Variando à ação mecânica dos dedos!

Vai-me crescendo a aberração do sonho.

Morde-me os nervos o desejo doudo De dissolver-me, de enterrar-me
todo Naquele semicírculo medonho!

Mas tudo isto é ilusão de minha parte!

Quem sabe se não é porque não saio Desde que, 6ª feira, 3 de maio, Eu
escrevi os meus Gemidos de Arte?!

A lâmpada a estirar línguas vermelhas Lambe o ar. No bruto horror
que me arrebatava, Como um degenerado psicopata

Eis-me a contar o número das telhas!

-- Uma, duas, três, quatro... E aos tombos, tonta Sinto a cabeça e a
conta perco; e, em suma, A conta recomeço, em ânsias: -- Uma...

Mas novamente eis-me a perder a conta!

Sucede a uma tontura outra tontura.

-- Estarei morto?! E a esta pergunta estranha Responde a Vida --
aquela grande aranha Que anda tecendo a minha desventura! --

A luz do quarto diminuindo o brilho Segue todas as fases de um
eclipse...

Começo a ver coisas de Apocalipse No triângulo escaleno do ladrilho!

Deito-me enfim. Ponho o chapéu num gancho.

Cinco lençóis balançam numa corda, Mas aquilo mortalias me
recorda, E o amontoamento dos lençóis desmancho.

Vêm-me à imaginação sonhos dementes.

Acho-me, por exemplo, numa festa...

Tomba uma torre sobre a minha testa, Caem-me de uma só vez todos
os dentes!

Então dois ossos roídos me assombram...

-- “Por ventura haverá quem queira roer-nos?!

Os vermes já não querem mais comer-nos E os formigueiros já nos desprezaram”.

Figuras espectrais de bocas tronchas Tornam-me o pesadelo duradouro...

Choro e quero beber a água do choro Com as mãos dispostas à feição de conchas.

Tal uma planta aquática submersa, Antegozando as últimas delícias Mergulho as mãos -- vis raízes adventícias --

No algodão quente de um tapete persa.

Por muito tempo rolo no tapete.

Súbito me ergo. A lua é morta. Um frio

Cai sobre o meu estômago vazio Como se fosse um copo de sorvete!

A alta frialdade me insensibiliza; O suor me ensopa. Meu tormento é infindo...

Minha família ainda está dormindo E eu não posso pedir outra camisa!

Abro a janela. Elevam-se fumaças Do engenho enorme. A luz fulge abundante E em vez do sepulcral Quarto Minguante Vi que era o sol batendo nas vidraças.

Pelos respiratórios tênues tubos Dos poros vegetais, no ato da entrega Do mato verde, a terra resfolega Estrumada, feliz, cheia de adubos.

Côncavo, o céu, radiante e estriado, observa A universal criação. Broncos e feios, Vários reptis cortam os campos, cheios Dos tenros tinhorões e da úmida erva.

Babujada por baixos beijos brutos, No húmus feraz, hierática, se
ostenta A monarquia da árvore opulenta

Que dá aos homens o óbolo dos frutos.

De mim diverso, rígido e de rastos Com a solidez do tegumento sujo
Sulca, em diâmetro, o solo um caramujo Naturalmente pelos mata-
pastos.

Entretanto, passei o dia inquieto, A ouvir, nestes bucólicos retiros
Toda a salva festal de 21 tiros Que festejou os funerais de Hamleto!

Ah! Minha ruína é pior do que a de Tebas!

Quisera ser, numa última cobiça, A fatia esponjosa de carniça

Que os corvos comem sobre as jurubebas!

Porque, longe do pão com que me nutres Nesta hora, oh! Vida em que
a sofrer me enxotas Eu estaria como as bestas mortas Pendurado no
bico dos abutres!

MISTÉRIOS DE UM FÓSFORO

Pego de um fósforo. Olho-o. Olho-o ainda. Risco-o Depois. E o que
depois fica e depois Resta é um ou, por outra, é mais de um, são dois
Túmulos dentro de um carvão promíscuo.

Dois são, porque um, certo, é do sonho assíduo Que a individual
psique humana tece e O outro é o do sonho altruístico da espécie Que
é o *subtractum* dos sonhos do indivíduo!

E exclamo, ébrio, a esvaziar báquicos odres:

-- “Cinza, síntese má da podridão,

“Miniatura alegórica do chão,

“Onde os ventres maternos ficam podres;

“Na tua clandestina e erma alma vasta,

“Onde nenhuma lâmpada se acende,

“Meu raciocínio sôfrego surpreende

“Todas as formas da matéria gasta!”

Raciocinar! Aziaga contingência!

Ser quadrúpede! Andar de quatro pés É mais do que ser Cristo e ser Moisés Porque é ser animal sem ter consciência!

Bêbedo, os beijos na ânfora ínfima, hartos, Mergulho, e na ínfima ânfora, hartos, sinto O amargor específico do absinto E o cheiro animalíssimo do parto!

E afogo mentalmente os olhos fundos Na amorfia da cútula inicial,

De onde, por epigênese geral,

Todos os organismos são oriundos.

Presto, irrupto, através ovóide e hialino Vidro, aparece, amorfo e lúrido, ante Minha massa encefálica minguante Todo o gênero humano intra-uterino!

É o caos da avita víscera avarenta

-- Mucosa nojentíssima de pus,

A nutrir diariamente os fetos nus Pelas vilosidades da placenta! --

Certo, o arquitetural e íntegro aspecto Do mundo o mesmo inda e, que, ora, o que nele Morre, sou eu, sois vós, é todo aquele Que vem de um ventre inchado, ínfimo e infecto!

É a flor dos genealógicos abismos

-- Zooplasma pequeníssimo e plebeu, De onde o desprotegido homem nasceu Para a fatalidade dos tropismos. --

Depois, é o ceu abscondito do Nada, É este ato extraordinário de morrer Que há de na última hebdômada, atender Ao pedido da clélula cansada!

Um dia restará, na terra instável, De minha antropocêntrica matéria
Numa côncava xícara funérea

Uma colher de cinza miserável!

Abro na treva os olhos quase cegos.

Que mão sinistra e desgraçada encheu Os olhos tristes que meu Pai me deu
De alfinetes, de agulhas e de pregos?!

Pesam sobre o meu corpo oitenta arráteis!

Dentro um dínamo déspota, sozinho, Sob a morfologia de um moinho,
Move todos os meus nervos vibráteis.

Então, do meu espírito, em segredo, Se escapa, dentre as tenebras,
muito alto, Na síntese acrobática de um salto, O espectro angulosíssimo do Medo!

Em cismas filosóficas me perco

E vejo, como nunca outro homem viu, Na anfigonia que me produziu
Nonilhões de moléculas de esterco.

Vida, mônada vil, cósmico zero, Migalha de albumina semifluida, Que fez a boca mística do druida E a língua revoltada de Lutero; Teus gineceus prolíficos envolvem Cinza fetal!... Basta um fósforo só Para mostrar a incógnita de pó, Em que todos os seres se resolvem!

Ah! Maldito o conúbio incestuoso Dessas afinidades eletivas,
De onde quimicamente tu derivas, Na aclamação simbiótica do gozo!

O enterro de minha última neurona Desfila... E eis-me outro fósforo a
riscas.

E esse acidente químico vulgar
Extraordinariamente me impressiona!

Mas minha crise artrítica não tarda.

Adeus! Que eu vejo enfim, com a alma vencida Na abjeção
embriológica da vida O futuro de cinza que me aguarda!

OUTRAS POESIAS

O LAMENTO DAS COISAS

Triste, a escutar, pancada por pancada, A sucessividade dos segundos,
Ouço, em sons subterrâneos, do Orbe oriundos O choro da Energia
abandonada!

É a dor da Força desaproveitada

-- O cantochão dos dínamos profundos, Que, podendo mover milhões
de mundos, Jazem ainda na estática do Nada!

É o soluço da forma ainda imprecisa...

Da transcendência que se não realiza...

Da luz que não chegou a ser lampejo...

E é em suma, o subconsciente aí formidando Da Natureza que parou,
chorando, No rudimentarismo do Desejo!

O MEU NIRVANA

No alheamento da obscura forma humana, De que, pensando, me
desencarcero, Foi que eu, num grito de emoção, sincero Encontrei,
afinal, o meu Nirvana!

Nessa manumissão schopenhauereana, Onde a Vida do humano
aspecto fero Se desarraiga, eu, feito força, impero Na imanência da
Idéia Soberana!

Destruída a sensação que oriunda fora Do tato -- ínfima antena
aferidora Destas tegumentárias mãos plebéias --

Gozo o prazer, que os anos não carcomem, De haver trocado a minha
forma de homem Pela imortalidade das Idéias!

CAPUT IMMORTALE

Na dinâmica aziaga das descidas, Aglomeradamente e em turbilhão
Solucem dentro do Universo ancião, Todas as urbes siderais vencidas!

Morra o éter. Cesse a luz. Parem as vidas.

Sobre a pancosmológica exaustão Reste apenas o acervo árido e vão
Das muscularidades consumidas!

Ainda assim, a animar o cosmos ermo, Morto o comércio físico
nefando, OH! Nauta aflito do Subliminal, Como a última expressão da
Dor sem termo, Tua cabeça há de ficar vibrando Na negatividade
universal!

APÓSTROFE À CARNE

Quando eu pego nas carnes do meu rosto Pressinto o fim da orgânica
batalha:

-- Olhos que o húmus necrófago estracalha, Diafragmas, decompondo-
se, ao sol posto...

E o Homem -- negro heteróclito composto, Onde a alva flama psíquica
trabalha.

Desagrega-se e deixa na mortalha O tato, a vista, o ouvido, o olfato e o
gosto!

Carne, feixe de mônadas bastardas.

Conquanto em flâmeo fogo efêmero ardas, A dardejar relampejantes
brilhos.

Dói-me ver, muito embora a alma te acenda, Em tua podridão a
herança horrenda, Que eu tenho de deixar para os meus filhos!

LOUVOR À UNIDADE

“Escafandros, arpões, sondas e agulhas

“Debalde aplicas aos heterôgeneos

“Fenômenos, e, há inúmeros milênios,

“Num pluralismo hediondo o olhar mergulhas!

“Une, pois, a irmanar diamantes e hulhas,

“Com essa intuição monística dos gênios,

“A hirta forma falaz do *aere perennius*

“A transitoriedade das fagulhas!”

-- Era a estrangulação, sem retumbância, Da multimilenária
dissonância

Que as harmonias siderais invade...

Era, numa alta aclamação, sem gritos, O regresso dos átomos aflitos

Ao descanso perpétuo da Unidade!

O PÂNTANO

Podem vê-lo, sem dor, meus semelhantes!...

Mas, para mim que a Natureza escuto, Este pântano é o túmulo
absoluto, De todas as grandezas começantes!

Larvas desconhecidas de gigantes Sobre o seu leito de peçonha e luto
Dormem tranqüilamente o sono bruto Dos superorganismos ainda
infantes!

Em sua estagnação arde uma raça, Tragicamente, à espera de quem
passa Para abrir-lhe, às escâncaras, a porta...

E eu sinto a angústia dessa raça ardente Condenada a esperar
perpetuamente No universo esmagado da água morta!

SUPRÊME CONVULSION

O equilíbrio do humano pensamento Sofre também a súbita ruptura,
Que produz muita vez, na noite escura, A convulsão meteórica do
vento.

E a alma o obnócio quietismo sonolento Rasga; e, opondo-se à Inércia,
é a essência pura, É a síntese, é o transunto, é a abreviatura De todo o
ubiquitário Movimento!

Sonho, -- libertação do homem cativo --

Ruptura do equilíbrio subjetivo, Ah! foi teu beijo convulsionador Que
produziu este contraste fundo Entre a abundância do que eu sou, no
Mundo, E o nada do meu homem interior!

A UM GÉRMEN

Começaste a existir, geléia crua, E hás de crescer, no teu silêncio,
tanto Que, é natural, ainda algum dia, o pranto Das tuas concreções
plásmicas flua!

A água, em conjugação com a terra nua, Vence o granito, deprimindo-
o... O espanto Convulsiona os espíritos, e, entanto, Teu
desenvolvimento contunua!

Antes, geléia humana, não progridas E em retrogradações indefinidas,
Volvas à antiga inexistência calma!...

Antes o Nada, oh! germen, que ainda haveres De atingir, como o
gemen de outros seres, Ao supremo infortúnio de ser alma!

NATUREZA ÍNTIMA

Ao filósofo Farias Brito

Cansada de observar-se na corrente Que os acontecimentos refletia,
Reconcentrando-se em si mesma, um dia, A Natureza olhou-se
interiormente!

Baldada introspecção! Noumenalmente O que Ela, em realidade, ainda
sentia Era a mesma imortal monotonia

De sua face externa indiferente!

E a Natureza disse com desgosto:

“Terei somente, porventura, rosto?!”

“Serei apenas mera crusta espessa?!”

“Pois é possível que Eu, causa do Mundo,

“Quando mais em mim mesma me aprofundo

“Menos interiormente me conheça?!”

A FLORESTA

Em vão com o mundo da floresta privas!

-- Todas as hermenêuticas sondagens, Ante o hieroglifo e o enigma das
folhagens, São absolutamente negativas!

Araucárias, traçando arcos de ogivas, Bracejamentos de álamos
selvagens, Como um convite para estranhas viagens, Tornam todas as
almas pensativas!

Há uma força vencida nesse mundo!

Todo o organismo florestal profundo É dor viva, trancada num
disfarce...

Vivem só, nele, os elementos brancos,

-- As ambições que se fizeram troncos, Porque nunca puderam realizar-se!

A MERETRIZ

A rua dos destinos desgraçados

Faz medo. o Vício estruge. Ouvem-se os brados Da danação carnal...
Lúbrica, à lua, Na sodomia das mais negras bodas Desarticula-se, em
coréas doudas, Uma mulher completamente nua!

É a meretriz que, de cabelos ruivos, Bramando, ébria e lasciva,
hórridos uivos Na mesma esteira pública, recebe, Entre farraparias e
esplendores, O eretismo das classes superiores E o orgasmo
bastardíssimo da plebe!

É ela que, aliando, à luz do olhar protervo, O indumento vilíssimo do
servo

Ao brilho da augustal *toga pretexta*, Sente, alta noite, em contorções
sombrias, Na vacuidade das entranhas frias O esgotamento intrínseco
da besta!

É ela que, hirta, a arquivar credos desfeitos, Com as mãos chagadas,
espremendo os peitos, Reduzidos, por fim, a âmbulas moles, Sofre em
cada molécula a angústia alta De haver secado, como o estepe, à falta
Da água criadora que alimenta as proles!

É ela que, arremessada sobre o rude Despenhadeiro da decrepitude,

Na vizinhança aziaga dos ossuários Representa, através os meus
sentidos, A escuridão dos gineceus falidos

E a desgraça de todos os ovários!

Irrita-se-lhe a carne à meia-noite.

Espicaça-se a ignomínia, excita-a o acoite Do incêndio que lha inflama
a língua espúria.

E a mulher, funcionária dos instintos, Com a roupa amarfanhada e os
beijos tintos, Gane instintivamente de luxúria!

Navio para o qual todos os portos Estão fechados, urna de ovos
mortos, Chão de onde uma só planta não rebenta, Ei-la, de bruços,
bêbada de gozo Saciando o geotropismo pavoroso De unir o corpo à
terra famulenta!

Nesse espolinhamento repugnante O esqueleto irritado da bacante
Estrala... Lembra o ruído harto azorrage A vergastar ásperos dorsos
grossos.

E é aterradora essa alegria de ossos Pedindo ao sensualismo que os
esmague!

É o pseudo-regozijo dos eunucos Por natureza, dos que são caducos
Desde que a Mãe-Comum lhes deu início...

É a dor profunda da incapacidade Que, pela própria hereditariedade A
lei da seleção disfarça em Vício!

É o júbilo aparente da alma quase A eclipsar-se, no horror da ocídua
fase Esterilizadora de órgãos... É o hino Da matéria incapaz, filha do
inferno, Pagando com volúpia o crime eterno De não ter sido fiel ao
seu destino!

É o Desespero que se faz bramido De anelo animalíssimo incontido,
Mais que a vaga incoercível na água oceânea...

É a Carne que, já morta essencialmente, Para a Finalidade
Transcendente Gera o prodígio anímico da Insânia!

Nas frias antecâmeras do Nada

O fantasma da fêmea castigada,

Passa agora ao clarão da lua acesa E é seu corpo expiatório, alvo e
desnudo A síntese eucarística de tudo

Que não se realizou na Natureza!

Antigamente, aos tácitos apelos Das suas carnes e dos seus cabelos, Na
Óptica abreviatura de um reflexo, Fulgia, em cada humana nebulosa,
Toda a sensualidade tempestuosa Dos apetites bárbaros do Sexo!

O atavismo das raças sibaritas, Criando concupiscências infinitas
Como eterno lobo insatisfeito; Na homofagia hedionda que o
consome, Vinha saciar a milenária fome

Dentro das abundâncias do seu leito!

Toda a libidinagem dos mormaços Americanos fluía-lhe dos braços,
Irradiava-se-lhe, hírcica, das veias E em torrencialidades quentes e
úmidas, Gorda a escorrer-lhe das artérias túmidas Lembrava um
transbordar de ânforas cheias.

A hora da morte acende-lhe o intelecto E à úmida habitação do vício
objecto Afluem milhões de sóis, rubros, radiando...

Resíduos memoriais tornan-se luzes Fazem-se idéias e ela vê as cruzes
Do seu martirológico miserando!

Inícios atrofiados de ética, ânsia De perfeição, sonhos de culminância,
Libertos da ancestral modorra calma, Saem da infância embrionária e
erguem-se, adultos, Lançando a sombra horrível dos seus vultos Sobre
a noite fechada daquela alma!

É o sublevamento coletivo

De um mundo inteiro que aparece vivo, Numa cenografia de diorama,
Que, momentaneamente luz fecunda, Brilha na prostituta moribunda
Como a fosforecência sobre a lama!

É a visita alarmante do que outrora Na abundância prospérrima da
aurora, Pudera progredir, talvez, decerto, Mas que, adstrito a inferior
plasma inconsútil, Ficou rolando, como aborto inútil, Como o
..... do deserto!

Vede! A prostituição ofídica aziaga Cujo tóxico instila a infâmia , e a
estraga Na delinquência impune, Agarrou-se-lhe aos seios
impudicos Como o abraço mortífero do *Ficus* Sugando a seiva da
árvore a que se une!

.....
.....
.....
.....
.....
.....

Enroscou-se-lhe aos abraços com tal gosto, Mordeu-lhe a boca e o
rosto...

.....
.....
.....
.....

Ser meretriz depois do túbulo! A alma Roubada a hirta quietude da
urbe calma onde se extinguem todos os escolhos: E, condenada, ao
trágico ditame, Oferecer-se à bicharia infame

Com a terra do sepulcro a encher-lhe os olhos!

Sentir a língua aluir-se-lhe na boca E com a cabeça sem cabelos, oca...

.....

Na horrorosa avulsão da forma nívea Dizer ainda palavras de lascívia

.....

GUERRA

Guerra é esforço, é inquietude, á ânsia, é transporte...

É a dramatização sangrenta e dura Da avidez com que o Espírito procura Ser perfeito, ser máximo, ser forte!

É a Subconsciência que se transfigura Em volição conflagradora... É a coorte Das raças todas, que se entrega à morte Para a felicidade da Criatura!

É a obsessão de ver sangue, é o instinto horrendo De subir, na ordem cósmica, descendo À irracionalidade primitiva...

É a Natureza que, no seu arcano, Precisa de encharcar-se em sangue humano Para mostrar aos homens que está viva!

O SARCÓFAGO

Senhor da alta hermenêutica do Fado Perlustro o *atrium* da Morte... É frio o ambiente E a chuva corta inexoravelmente O dorso de um sarcófago molhado!

Ah! Ninguém ouve o soluçante brado De dor produnfa, acérrima e latente, Que o sarcófago, ereto e imóvel, sente Em sua própria sombra sepultado!

Dói-lhe (quem sabe?!) essa grandeza horrível, Que em toda a sua

máscara se expande, À humana comoção impondo-a, inteira...

Dói-lhe, em suma, perante o Incognoscível, Essa fatalidade de ser grande

Para guardar unicamente poeira!

HINO À DOR

Dor, saúde dos seres que se fanam, Riqueza da alma, psíquico tesouro,
Alegria das glândulas do choro

De onde todas as lágrimas emanam...

És suprema! Os meus átomos se ufanam De pertencer-te, oh! Dor,
ancoradouro Dos desgraçados, sol do cérebro, ouro De que as próprias
desgraças se engalanam!

Sou teu amante! Ardo em teu corpo abstrato.

Com os corpúsculos mágicos do tato Prendo a orquestra de chamas
que executas...

E, assim, sem convulsão que me alvorece, Minha maior ventura é estar
de posse De tuas claridades absolutas!

ULTIMA VISIO

Quando o homem, resgatado da cegueira Vir Deus num simples grão
de argila errante, Terá nascido nesse mesmo instante A mineralogia
derradeira!

A impérvia escuridão obnubilante Há de cessar! Em sua glória inteira
Deus resplandecerá dentro da poeira Como um gasofiláceo de
diamante!

Nessa última visão já subterrânea, Um movimento universal de insânia
Arrancará da insciência o homem precito...

A Verdade virá das pedras mortas E o homem compreenderá todas as
portas Que ele ainda tem de abrir para o Infinito!

AOS MEUS FILHOS

Na intermitência da vital canseira, Sois vós que sustentais (Força Alta
exige-o...) Com o vosso catalítico prestígio, Meu fantasma de carne
passageira!

Vulcão da bioquímica fogueira

Destruiu-me todo o orgânico fastígio...

Dai-me asas, pois, para o último remígio, Dai-me alma, pois, para a
hora derradeira!

Culminâncias humanas ainda obscuras, Expressões do universo
radioativo, Íons emanados do meu próprio ideal, Benditos vós, que,
em épocas futuras, Haveis de ser no mundo subjetivo,

Minha continuidade emocional!

A DANÇA DA PSIQUE

A dança dos encéfalos acesos

Começa. A carne é fogo, A alma arde, A espaços As cabeças, as mãos,
os pés e os braços Tombam, cedendo à ação de ignotos pesos!

É então que a vaga dos instintos presos

-- Mãe de esterilidades e cansaços --

Atira os pensamentos mais devassos Contra os ossos cranianos

indefesos.

Subitamente a cerebral coréia

Pára. O cosmos sintético da Idéia Surge. Emoções extraordinárias sinto.

Arranco do meu crânio as nebulosas E acho um feixe de forças prodigiosas Sustentando dois monstros: a alma e o instinto!

O POETA DO HEDIONDO

Sofro aceleradíssimas pancadas

No coração. Ataca-me a existência A mortificadora coalescência

Das desgraças humanas congregadas!

Em alucinatórias cavalgadas,

Eu sinto, então, sondando-me a consciência A ultra-inquisitorial clarividência De todas as neuronas acordadas!

Quanto me dói no cérebro esta sonda!

Ah! Certamente eu sou a mais hedionda Generalização do Desconforto...

Eu sou aquele que ficou sozinho Cantando sobre os ossos do caminho A poesia de tudo quanto é morto!

A FOME E O AMOR

A um monstro

Fome! E, na ânsia voraz que, ávida, aumenta, Receando outras
mandíbulas e esbangem, Os dentes antropófagos que rangem, Antes da
refeição sanguinolenta!

Amor! E a satiríase sedenta,

Rugindo, enquanto as almas se confrangem, Todas as danações sexuais
que abrangem A apolínica besta famulenta!

Ambos assim, tragando a ambiência vasta, No desembestamento que
os arrasta, Superexcitadíssimos, os dois

Representam, no ardor dos seus assomos, A alegoria do que outrora
fomos E a imagem bronca do que inda hoje sois!

HOMO INFIMUS

Homem, carne sem luz, criatura cega, Realidade geográfica infeliz,

O Universo calado te renega

E a tua própria boca te maldiz!

O nômene e o fenômeno, o alfa e o ômega Amarguram-te.
Hebdômadadas hostis Passam... Teu coração se desagrega, Sangram-te os
olhos, e, entretanto, ris!

Fruto injustificável dentre os frutos, Montão de estercorária argila
preta, Excrescência de terra singular.

Deixa a tua alegria aos seres brutos, Porque, na superfície do planeta,
Tu só tens um direito: -- o de chorar!

MINHA FINALIDADE

Turbilhão teleológico incoercível, Que força alguma inibitória acalma,
Levou-me o crânio e pôs-lhe dentro a palma Dos que amam apreender
o Inapreensível!

Predeterminação imprescriptível Oriunda da infra-astral Substância
calma Plasmou, aparelhou, talhou minha alma Para cantar de
preferência o Horrível!

Na canonização emocionante,
Da dor humana, sou maior que Dante,
-- A águia dos latifúndios florentinos!

Sistematizo, suluçando, o Inferno...

E trago em mim, num sincronismo eterno A fórmula de todos os
destinos!

NUMA FORJA

De inexplicáveis ânsias prisioneiro Hoje entrei numa forja, ao meio-dia.

Trinta e seis graus à sombra. O éter possuía A térmica violência de um braseiro.

Dentro, a cuspir escórias

De fúlgida limalha

Dardejando centelhas transitórias, No horror da metalúrgica batalha

O ferro chiava e ria!

Ria, num sardonismo doloroso

De ingênita amargura,

Da qual, bruta, provinha

Como de um negro cáspio de água impura A multissecular
desesperança

De sua espécie abjeta

Condenada a uma estática mesquinha!

Ria com essa metálica tristeza

De ser na Natureza,

Onde a Matéria avança

E a Substância caminha

Aceleradamente para o gozo

Da integração completa.

Uma consciência eternamente obscura!

O ferro continuava a chiar e a rir, E eu nervoso, irritado

Quase com febre, a ouvir

Cada átomo de ferro

Contra a incude esmagado

Sofrer, berrar, tinir.

Compreendia por fim que aquele berro À substância inorgânica
arrancado Era a dor do minério castigado

Na impossibilidade de reagir!

Era um cosmos inteiro sofredor, Cujo negror profundo

Astro nenhum exorna

Gritando na bigorna

Asperamente a sua própria dor!

Era, erguido do pó,

Inopinadamente

Para que à vida quente

Da sinergia cósmica desperte,

A ansiedade de um mundo

Doente de ser inerte,

Cansado de estar só!

Era a revelação

De tudo que ainda dorme

No metal bruto ou na geléia informe No parto primitivo da Criação!

Era o ruído-clarão,

-- O ígneo jato vulcânico

Que, atravessando a absconsa cripta enorme De minha cavernosa
subconsciência, Punha em clarividência

Intramoleculares sóis acesos

Perpetuamente às mesmas formas presos, Agarrados à inércia do
Inorgânico Escravos da Coesão!

Repuxavam-me a boca hórridos trismos E eu sentia, afinal,

Essa angústia alarmante

Própria da alienação raciocinante, Cheia de ânsias e medos

Com crispações nos dedos

Piores que os paroxismos Da árvore que a atmosfera ultriz destronca.

A ouvir todo esse cosmos potencial, Preso aos mineralógicos abismos
Angustiado e arquejante

A debater-se na estreiteza bronca De um bloco de metal!

Como que a forja tétrica

Num estridor de estrago

Executava, em lúgubre *crescendo* A antífona assimétrica

E o incompreensível wagnerismo aziago De seu destino horrendo!

Ao clangor de tais carmes de martírio Em cismas negras eu recaio
imerso Buscando no delírio

De uma imaginação convulsionada Mais revolta talvez de que a onda
atlântica Compreender a semântica

Dessa aleluia bárbara gritada

Às margens glacialíssimas do Nada Pelas coisas mais brutas do
Universo!

NOLI ME TANGERE

A exaltação emocional do Gozo,

O Amor, a Glória, a Ciência, a Arte e a Beleza Servem de combustíveis
à ira acesa Das tempestades do meu ser nervoso!

Eu sou, por conseqüência, um ser monstruoso!

Em minha arca encefálica indefesa Choram as forças más da Natureza
Sem possibilidades de repouso!

Agregados anômalos malditos

Despedaçam-se, mordem-se, dão gritos Nas minhas camas cerebrais
funéreas...

Ai! Não toqueis em minhas faces verdes, Sob pena, homens felizes, de
sofrerdes A sensação de todas as misérias!

O CANTO DOS PRESOS

Troa, a alardear bárbaros sons abstrusos, O epitalâmio da Suprema
Falta,

Entoadado asperamente, em voz muito alta, Pela promiscuidade dos
reclusos!

No wagnerismo desses sons confusos, Em que o Mal se engrandece e o
Ódio se exalta, Uiva, à luz de fantástica ribalta, A ignomínia de todos
os abusos!

É a prosódia do cárcere, é a partênea Aterradoramente heterogênea
Dos grandes transviamentos subjetivos...

É a saudade dos erros satisfeitos, Que, não cabendo mais dentro dos
peitos, Se escapa pela boca dos cativos!

ABERRAÇÃO

Na velhice automática e na infância, (Hoje, ontem, amanhã e em qualquer era) Minha hibridez é a sùmula sincera Das defectividades da Substância: Criando na alma a estesia abstrusa da ânsia, Como Belerofonte com a Quimera

Mato o ideal; cresto o sonho; achato a esfera E acho odor de cadáver na fragrância!

Chamo-me Aberração. Minha alma é um misto De anomalias lúgubres. Existo

Como a cancro, a exigir que os sãos enfermem...

Teço a infâmia; urdo o crime; engendro o lodo E nas mudanças do Universo todo Deixo inscrita a memória do meu gérmen!

VÍTIMA DO DUALISMO

Ser miserável dentre os miseráveis

-- Carrego em minhas células sombrias Antagonismos irreconciliáveis

E as mais opostas idiosincrasias!

Muito mais cedo do que o imagináveis Eis-vos, minha alma, enfim, dada às bravias Cóleras dos dualismos implacáveis E à gula negra das antinomias!

Psique biforme, o Céu e o Inferno absorvo...

Criação a um tempo escura e cor-de-rosa, Feita dos mais variáveis elementos, Ceva-se em minha carne, como um corvo, A simultaneidade ultramonstruosa De todos os contrastes famulentos!

AO LUAR

Quando, à noite, o Infinito se levanta À luz do luar, pelos caminhos
quedos Minha tátil intensidade é tanta Que eu sinto a alma do Cosmos
nos meus dedos!

Quebro a custódia dos sentidos tredos E a minha mão, dona, por fim,
de quanta Grandeza o Orbe estrangula em seus segredos, Todas as
coisas íntimas suplanta!

Penetro, agarro, ausculto, apreendo, invado Nos paroxismos da
hiperestesia, O Infinitésimo e o Indeterminado...

Transponho ousadamente o átomo rude E, transmudado em rutilância
fria, Encho o Espaço com a minha plenitude!

A UM EPILÉTICO

Perguntarás quem sou?! -- ao suor que te unta, À dor que os queixos te
arrebenta, aos trismos Da epilepsia horrenda, e nos abismos Ninguém
responderá tua pergunta!

Reclamada por negros magnetismos Tua cabeça há de cair, defunta
Na aterradora operação conjunta Da tarefa animal dos organismos!

Mas após o antropófago alambique Em que é mister todo o teu corpo
fique Reduzido a excreções de sãnie e lodo, Como a luz que arde,
virgem, num monturo, Tu hás de entrar completamente puro Para a
circulação do Grande Todo!

CANTO DE ONIPOTÊNCIA

Cloto, Átropos, Tífon, Laquesis, Siva...

E acima deles, como um astro, a arder, Na hiperculminação definitiva

O meu supremo e extraordinário Ser!

Em minha sobre-humana retentiva Brilhavam, como a luz do
amanhecer, A perfeição virtual tornada viva E o embrião do que podia
acontecer!

Por antecipação divinatória,

Eu, projetado muito além da História, Sentia dos fenômenos o fim...

A coisa em si movia-se aos meus brados E os acontecimentos
subjugados

Olhavam como escravos para mim!

MINHA ÁRVORE

Olha: É um triângulo estéril de ínvia estrada!

Como que a erva tem dor... Roem-na amarguras Talvez humanas, e
entre rochas duras Mostra ao Cosmos a face degradada!

Entre os pedrouços maus dessa morada É que, às apalpadelas e às
escuras, Hão de encontrar as gerações futuras Só, minha árvore
humana desfolhada!

Mulher nenhuma afagará meu tronco!

Eu não me abalarei, nem mesmo ao ronco Do furacão que, rábido,
remoinha...

Folhas e frutos, sobre a terra ardente Hão de encher outras árvores!

Somente Minha desgraça há de ficar sozinha!

ANSEIO

Quem sou eu, neste ergástulo das vidas Danadamente, a soluçar de dor?!

-- Trinta trilhões de células vencidas, Nutrindo uma efeméride interior.

Branda, entanto, a afagar tantas feridas, A áurea mão taumatúrgica do Amor Traça, nas minhas formas carcomidas, A estrutura de um mundo superior!

Alta noite, esse mundo incoerente Essa elementaríssima semente

Do que hei de ser, tenta transpor o Ideal...

Grita em meu grito, alarga-se em meu hausto, E, ai! como eu sinto no esqueleto exausto Não poder dar-lhe vida material!

À MESA

Cedo à sofreguidão do estômago. É a hora De comer. Coisa hedionda! Corro. E agora, Antegozando a ensangüentada presa, Rodeado pelas moscas repugnantes Eis-me sentado à mesa!

Como porções de carne morta... Ai! Como Os que, como eu, têm carne, com este assomo Que a espécie humana em comer carne tem!...

Como! E pois que a Razão não me reprime, Possa a terra vingar-se do meu crime Comendo-me também.

MÃOS

Há mãos que fazem medo

Feias agregações pentagonais,

Umas, em sangue, a delinquentes natos, Assinalados pelo mancinismo,

Pertencentes talvez...

Outras, negras, a farpas de rochedo Completamente iguais...

Mãos de linhas análogas e anfratos Que a Natureza onicriadora fez

Em contraposição e antagonismo

Às da estrela, às da neve, às dos cristais.

Mãos que adquiriram olhos, pituitárias Olfativas, tentáculos sutis,

E à noite, vão cheirar, quebrando portas O azul gasofiláceo silencioso

Dos tálamos cristãos.

Mãos adúlteras, mãos mais sangüinárias E estupradoras do que os
bisturis Cortando a carne em flor das crianças mortas.

Monstruosíssimas mãos,

Que apalпам e olham com lascívia e gozo A pureza dos corpos
infantis.

REVELAÇÃO

I

Escafandrista de insondado oceano Sou eu que, aliando Buda ao
sibarita, Penetro a essência plasmática infinita,

-- Mãe promíscua do amor e do ódio insano!

Sou eu que, hirto, auscultando o absconso arcano, Por um poder de
acústica esquisita, Ouço o universo ansioso que se agita Dentro de

cada pensamento humano!

No abstrato abismo equóreo, em que me inundo, Sou eu que,
revolvendo o ego profundo E a escuridão dos cérebros medonhos,
Restituo triunfalmente à esfera calma Todos os cosmos que circulam
na alma Sob a forma embriológica de sonhos!

II

Treva e fulguração; sânie e perfume; Massa palpável e éter;
desconforto E ataraxia; feto vivo e aborto...

-- Tudo a unidade do meu ser resume!

Sou eu que, ateando da alma o ocíduo lume, Apreendo, em cisma
abismadora absorto, A potencialidade do que é morto E a eficácia
prolífica do estrume!

Ah! Sou eu que, transpondo a escarpa angusta Dos limites orgânicos
estreitos, Dentro dos quais recalco em vão minha ânsia, Sinto bater na
putrescível crusta Do tegumento que me cobre os peitos Toda a
imortalidade da Substância!

VERSOS A UM COVEIRO

Numerar sepulturas e carneiros, Reduzir carnes podres a algarismos,
Tal é, sem complicados silogismos, A aritmética hedionda dos
coveiros!

Um, dois, três, quatro, cinco... Esoterismos Da Morte! E eu vejo, em
fúlgidos letreiros, Na progressão dos números inteiros A gênese de
todos os abismos!

Oh! Pitágoras da última aritmética, Continua a contar na paz ascética
Dos tábidos carneiros sepulcrais: Tíbias, cérebros, crânios, rádios e
úmeros, Porque, infinita como os próprios números, A tua conta não

acaba mais!

TREVAS

Haverá, por hipótese, nas geenas Luz bastante fulmínea que transforme Dentro da noite cavernosa e enorme Minhas trevas anímicas serenas?!

Raio horrendo haverá que as rasgue apenas?!

Não! Porque, na abismal substância informe, Para convulsionar a alma que dorme Todas as tempestades são pequenas!

Há de a Terra vibrar na ardência infinda Do éter em branca luz transsubstanciado, Rotos os nimbos maus que a obstruem a esmo...

A própria Esfinge há de falar-vos ainda E eu, somente eu, hei de ficar trancado Na noite aterradora de mim mesmo!

AS MONTANHAS

I

Das nebulosas em que te emaranhas Levanta-te, alma, e dize-me, afinal, Qual é, na natureza espiritual, A significação dessas montanhas!

Quem não vê nas graníticas entranhas A subjetividade ascensional Paralisada e estrangulada, mal

Quis erguer-se a cumíadas tamanhas?!

Ah! Nesse anelo trágico de altura Não serão as montanhas, porventura, Estacionadas, íngremes, assim,

Por um abortamento de mecânica, A representação ainda inorgânica
De tudo aquilo que parou em mim?!

II

Agora, oh! deslumbrada alma, perscuta O puerpério geológico
interior, De onde rebenta, em contrações de dor, Toda a sublevação da
crusta hirsuta!

No curso inquieto da terráquea luta Quantos desejos férvidos de amor
Não dormem, recalcados, sob o horror Dessas agregações de pedra
bruta?!

Como nesses relevos orográficos, Inacessíveis aos humanos tráficos
Onde sóis, em semente, amam jazer, Quem sabe, alma, se o que ainda
não existe Não vive em gérmen no agregado triste Da síntese sombria
do meu Ser?!

APOCALIPSE

Minha divinatória Arte ultrapassa Os séculos efêmeros e nota

Diminuição dinâmica, derrota

Na atual força, integérrima, da Massa.

É a subversão universal que ameaça A Natureza, e, em noite aziaga e
ignota, Destrói a ebulição que a água alvoroça E põe todos os astros na
desgraça!

São despedaçamentos, derrubadas, Federações sidéricas quebradas...

E eu só, o último a ser, pelo orbe adiante, Espião da cataclísmica

surpresa, A única luz tragicamente acesa

Na universalidade agonizante!

A NAU

A Heitor de Lima

Sôfrega, alçando o hirto esporão guerreiro, Zarpa. A íngreme
cordoalha úmida fica...

Lambe-lhe a quilha a espúmea onda impudica E ébrios tritões,
babando, haurem-lhe o cheiro!

Na glauca artéria equórea ou no estaleiro Ergue a alma mastreação,
que o Éter indica,

E estende os braços da madeira rica Para as populações do mundo
inteiro!

Aguarda-a ampla reentrância de angra horrenda, Pára e, a amarra
agarrada à âncora, sonha!

Mágoas, se as tem, subjogue-as ou disfarce-as...

E não haver uma alma que lhe entenda A angústia transoceânica
medonha No rangido de todas as enxárcias!

VOLÚPIA IMORTAL

Cuidas que o genesíaco prazer,

Fomo do átomo e eurítmico transporte De todas as moléculas, aborte

Na hora em que a nossa carne apodrecer?!

Não! Essa luz radial, em que arde o Ser, Para a perpetuação da Espécie forte, Tragicamente, ainda depois da morte, Dentro dos ossos, continua a arder!

Surdos destarte a apóstrofes e brados, Os nossos esqueletos descarnados, Em convulsivas contorções sensuais, Haurindo o gás sulfídrico das covas, Com essa volúpia das ossadas novas Hão de ainda se apertar cada vez mais!

O FIM DAS COISAS

Pode o homem bruto, adstrito à ciência grave, Arrancar, num triunfo surpreendente, Das profundezas do Subconsciente O milagre estupendo da aeronave!

Rasgue os broncos basaltos negros, cave, Sôfrego, o solo sáxio; e, na ânsia ardente De perscrutar o íntimo do orbe, invente A lâmpada aflogística de Davy!

Em vão! Contra o poder criador do Sonho O Fim das Coisas mostra-se medonho Como o desaguadouro atro de um rio...

E quando, ao cabo do último milênio, A humanidade vai pesar seu gênio Encontra o mundo, que ela encheu , vazio!

VIAGEM DE UM VENCIDO

Noite. Cruzes na estrada. Aves com frio...

E, enquanto eu tropeçava sobre os paus, A efígie apocalíptica do Caos Dançava no meu cérebro sombrio!

O Céu estava horrivelmente preto E as árvores magríssimas

lembravam Pontos de admiração que sa admiravam De ver passar ali
meu esqueleto!

Sozinho, uivando *hoffmânicos* dizeres, Aprazia-me assim, na escuridão,
Mergulhar minha exótica visão

Na intimidade noumenal dos seres.

Eu procurava, com uma vela acesa, O feto original, de onde decorrem
Todas essas moléculas que morrem Nas transsubstanciações da
Natureza.

Mas o que meus sentidos apreendiam Dentro da treva lúgubre, era só
O ocaso sistemático de pó,

Em que as formas humanas se sumiam!

Reboava, num ruidoso borborinho Bruto, análogo ao peã de márcios
brados, A rebeldia dos meus pés danados Nas pedras resignadas do
caminho.

Sentia estar pisando com a planta ávida Um povo de radículas e
embriões Prestes a rebentar como vulcões, Do ventre equatorial da
terra grávida!

Dentro de mim, como num chão profundo, Choravam, com soluços
quase humanos, Convulsionando Céus, almas e oceanos As formas
microscópicas do mundo!

Era a larva agarrada a absconsas landes, Era o abjeto vibrião
rudimentar Na impotência angustiosa de falar, No desespero de não
serem grandes!

Vinha-me à boca, assim, na ânsia dos párias, Como o protesto de uma
raça invicta, O brado emocionante da vindicta Das sensibilidades
solitárias!

A longanimidade e o vilipêndio, A abstinência e a luxúria, o bem e o
mal Ardiam no meu orco cerebral,

Numa crepitação própria de incêndio!

Em contraposição à paz funérea, Doía profundamente no meu crânio
Esse funcionamento simultâneo

De todos os conflitos da matéria!

Eu, perdido no Cosmos, me tornara A assembléia belígera malsã,

Onde Ormuzd guerreava com Arimã, Na discórdia perpétua do
sansara!

Já me fazia medo aquela viagem

A carregar pelas ladeiras tétricas,

Na óssea armação das vértebras simétricas A angústia da biológica
engrenagem!

No Céu, de onde se vê o Homem de rastros, Brilhava, vingadora, a
esclarecer As manchas subjetivas do meu ser A espionagem fatídica
dos astros!

Sentinelas de espíritos e estradas, Noite alta, com a sidérica lanterna,
Eles entravam todos na caverna

Das consciências humanas mais fechadas!

Ao castigo daquela rutilância,

Maior que o olhar que perseguiu Caim, Cumpria-se afinal dentro de
mim O próprio sofrimento da Substância!

Como quem traz ao dorso muitas cargas Eu sofria, ao colher simples
gardênia, A multiplicação heterogênea

De sensações diversamente amargas.

Mas das árvores, frias como lousas, Fluía, horrenda e monótona, uma
voz Tão grande, tão profunda, tão feroz Que parecia vir da alma das

cousas:

“Se todos os fenômenos complexos, Desde a consciência à antítese dos sexos Vêm de um dínamo fluídico de gás, Se hoje, obscuro, amanhã píncaros galgas, A humildade botânica das algas

De que grandeza não será capaz?!

Quem sabe, enquanto Deus, Jeová ou Siva Oculta à tua força cognitiva

Fenomenalidades que hão de vir, Se a contração que hoje produz o choro Não há de ser no século vindouro Um simples movimento para rir?!

Que espécies outras, do Equador aos pólos, Na prisão milenária dos subsolos, Rasgando avidamente o húmus malsão, Não trabalham, com a febre mais bravia, Para erguer, na ânsia cósmica, a Energia À última etapa da objetivação?!

É inútil, pois, que, a espiar enigmas, entres Na química genésica dos ventres, Porque em todas as coisas, afinal, Crânio, ovário, montanha, árvore, *iceberg*, Tragicamente, diante do Homem, se ergue A esfinge do Mistério Universal!

A própria força em que teu Ser se expande, Para esconder-se nessa esfinge grande, Deu-te (oh! mistério que se não traduz!) Neste astro ruim de tenebras e abrolhos A efeméride orgânica dos olhos

E o simulacro atordoador da Luz!

Por isto, oh! filho dos terráqueos limos, Nós, arvoredos desterrados, rimos Das vãs diatribes com que aturdes o ar...

Rimos, isto é, choramos, porque, em suma, Rir da desgraça que de ti ressuma É quase a mesma coisa que chorar!”

Às vibrações daquele horrível carne Meu dispêndio nervoso era tamanho Que eu sentia no corpo um vácuo estranho Como uma boca sôfrega a esvaziar-me!

Na avançada epilética dos medos Cria ouvir, a escalar Céus e
apogues, A voz cavernosíssima de Deus,

Reproduzida pelos arvoredos!

Agora, astro decrépito, em destroços, Eu, desgraçadamente magro, a
eguer-me, Tinha necessidade de esconder-me Longe da espécie
humana, com os meus ossos!

Restava apenas na minha alma bruta Onde frutificara outrora o Amor
Uma volicional fome interior

De renúncia budística absoluta!

Porque, naquela noite de ânsia e inferno, Eu fora, alheio ao
mundanário ruído, A maior expressão do homem vencido Diante da
sombra do Mistério Eterno!

A NOITE

A nebulosidade ameaçadora

Tolda o éter, mancha a gleba, agride os rios E urde amplas teias de
carvões sombrios No ar que álaque e radiante, há instantes, fora.

A água transubstancia-se. A onda estoura Na negridão do oceano e
entre os navios Troa bárbara zoadas de ais bravios,
Extraordinariamente atordoadora.

À custódia do anímico registro

A planetária escuridão se anexa...

Somente, iguais a espíões que acordam cedo, Ficam brilhando com
fulgor sinistro Dentro da treva onímoda e complexa Os olhos fundos
dos que estão com medo!

A OBSESSÃO DO SANGUE

Acordou, vendo sangue... Horrível! O osso Frontal em fogo... Ia talvez morrer, Disse. Olhou-se no espelho. Era tão moço, Ah! Certamente não podia ser!

Levantou-se. E, eis que viu, antes do almoço, Na mão dos açougueiros, a escorrer Fita rubra de sangue muito grosso, A carne que ele havia de comer!

No inferno da visão alucianada, Viu montanhas de sangue enchendo a estrada, Viu vísceras vermelhas pelo chão...

E amou, com um berro bárbaro de gozo, O monocromatismo monstruoso

Daquela universal vermelhidão!

VOX VICTIMAE

Morto! Consciência quieta haja o assassino Que me acabou, dando-me ao corpo vão Esta volúpia de ficar no chão

Fruindo na tabidez sabor divino!

Espiando o meu cadáver ressupino, No mar da humana proliferação,
Outras cabeças aparecerão

Para compartilhar do meu destino!

Na festa genética do Nada,

Abraço-me com a terra atormentada Em contubérnio convulsionador...

E aí! Como é boa esta volúpia obscura
Que une os ossos cansados da
criatura Ao corpo ubiqüitário do Criador!

O ÚLTIMO NÚMERO

Hora da minha morte. Hirta, ao meu lado, A Idéia estertorava-se... No
fundo Do meu entendimento moribundo

Jazia o Último Número cansado.

Era de vê-lo, imóvel, resignado, Tragicamente de si mesmo oriundo,
Fora da sucessão, estranho ao mundo, Com o reflexo fúnebre do
Incriado: Bradei: -- Que fazes ainda no meu crânio?

E o Último Número, atro e subterrâneo, Parecia dizer-me: “É tarde,
amigo!

Pois que a minha antogênica Grandeza Nunca vibrou em tua língua
presa, Não te abandono mais! Morro contigo!”

MÁGOAS

Quando nasci, num mês de tantas flores, Todas murcharam, tristes,
langorosas, Tristes fanaram redolentes rosas, Morreram todas, todas
sem olores.

Mais tarde da existência nos verdores Da infância nunca tive as
venturosas Alegrias que passam bonançosas, Oh! Minha infância
nunca tive flores!

Volvendo à quadra azul da mocidade, Minh'alma levo aflita à
Eternidade, Quando a morte matar meus sabores.

Cansado de chorar pelas estradas, Exausto de pisar mágoas pisadas,
Hoje eu carrego a cruz de minhas dores!

O CONDENADO

Folga a Justiça e Geme a natureza Bocage

Alma feita somente de granito,

Condenada a sofrer cruel tortura Pela rua sombria d'amargura

-- Ei-lo que passa -- réprobo maldito.

Olhar ao chão cravado e sempre fito, Parece contemplar a sepultura

Das suas ilusões que a desventura Desfez em pó no horrído delito.

E, à cruz da expiação subindo mudo, A vida a lhe fugir já sente prestes
Quando ao golpe do algoz, calou-se tudo.

O mundo é um sepulcro de tristeza.

Ali, por entre matas de ciprestes, Folga a justiça e geme a natureza.

SONETO

Ouvi. snhora, o cântico sentido Do coração que geme e s'estertora
N'ânsia letal que mata e que o devora E que tornou-o assim, triste e
descrido.

Ouvi, senhora, amei; de amor ferido, As minhas crenças que alentei
outrora Rolam dispersas, pálidas agora, Desfeitas todas num guaiar
dorido.

E como a luz do sol vai-se apagando!

E eu tiste, triste pela vida afora, Eterno pegureiro caminhando.

Revolvo as cinzas de passadas eras, Sombrio e mudo e glacial,
senhora, Como um coveiro a sepultar quimeras!

INFELIZ

Alma viúva das paixões da vida, Tu que, na estrada da existência em
fora, Cantaste e riste, e na existência agora Triste soluças a ilusão
perdida; OH! tu, que na grinalda emurchecida De teu passado de
felicidade

Foste juntar os goivos da Saudade Às flores da Esperança
enlanguescida; Se nada te aniquila o desalento Que te invade, e pesar
negro e profundo, Esconde à Natureza o sofrimento, E fica no teu
ermo entristecida, Alma arrancada do prazer do mundo, Alma viúva
das paixões da vida.

SONETO

N'augusta solidão dos cemitérios, Resvalando nas sombras dos
ciprestes, Passam meus sonhos sepultados nestes Brancos sepulcros,
pálidos, funéreos.

São minhas crenças divinais, ardentes

-- Alvos fantasmas pelos merencórios Túmulos tristes, soturnais,
silentes, Hoje rolando nos umbrais marmóreos, Quando da vida, no
eternal soluço, Eu choro e gemo e triste me debruço Na laje fria dos
meus sonhos pulcros, Desliza então a lúgubre coorte.

E rompe a orquestra sepulcral da morte, Quebrando a paz suprema
dos sepulcros.

NOIVADO

Os namorados ternos suspiravam, Quando há de ser o venturoso dia?!

Quando há de ser?! O noivo então dizia E a noiva e ambos d'amores
s'embriagavam.

E a mesma frase o noivo repetia; Fora no campo pássaros trinavam.

Quando há de ser?! E os pássaros falavam, Há de chegar, a brisa
respondia.

Vinha rompendo a aurora majestosa, Dos rouxinóis ao sonoro arpejo
E a luz do sol vibrava esplendorosa.

Chegara enfim o dia desejado,

Ambos unidos, soluçara um beijo, Era o supremo beijo de noivado!

SONETO

No meu peito arde em chamas abrasada A pira da vingança reprimida,

E em centelhas de raiva ensurdecida A vingança suprema e
concentrada E espuma e ruga a cólera entranhada, Como no mar a
vaga embravecida

Vai bater-se na rocha empedernida, Espumando e rugindo em
marulhada Mas se das minhas dores ao calvário, Eu subo na altitude
dolorida

De um Cristo a redimir um mundo vário, Em luta co'a natura
sempiterna, Já que do mundo não vinguei-me em vida, A morte me
será vingança eterna.

TRISTE REGRESSO

A Dias Paredes

Uma vez um poeta, um tresloucado, Apaixonou-se d'uma virgem bela;
Vivia alegre o vate apaixonado, Louco vivia, enamorado dela.

Mas a Pátria chamou-o. Era soldado.

E tinha que deixar pra sempre aquela Meiga visão, olímpica e
singela?!

E partiu, coração amargurado.

Dos canhões ao ribombo, e das metralhas, Altivo lutador, venceu
batalhas, Juncou-lhe a fronte aurifulgente estrela.

E voltou, mas a fronte aureolada, Ao chegar, pendeu triste e
desmaiada, No sepulcro da loura virgem bela.

AMOR E RELIGIÃO

Conheci-o: era um padre, um desses santos Sacerdotes da Fé de crença
pura, Da sua fala na eternal doçura

Falava o coração. Quantos, oh! Quantos Ouviram dele frases de
candura

Que d'infelizes enxugavam prantos!

E como alegres não ficaram tantos Corações sem prazer e sem ventura.

No entanto dizem que este padre amara.

Morrera um dia desvairado, estulto, Su'alma livre para o céu se alara.

E Deus lhe disse: “És duas vezes santo, Pois se da Religião fizeste culto, Foste do amor o mártir sacrossanto”.

SONETO

Ao meu prezado irmão Alexandre Júnior pelas nove primaveras que hoje completou.

Canta no espaço a passarada e canta Dentro do peito o coração contente, Tu'alma ri-se descuidosamente,

Minh'alma alegre no teu rir s'encanta.

Irmão querido, bom Pap[a, consente Que neste dia de ventura tanta

Vá, num abraço de ternura santa, Mostrar-te o afeto que meu peito sente.

Somente assim festejarei teus anos; Enquanto outros podem, dão-te enganos, Jóias, bonecos de formoso busto, Eu só encontro no primor da rima A justa oferta, a jóia que te exprima O amor fraterno do teu mano.

SAUDADE

Hoje que a mágoa me apunhala o seio, E o coração me rasga atroz, imensa, Eu a bendigo da descrença em meio, Porque eu hoje só vivo da descrença.

À noite quando em funda soledade Minh'alma se recolhe tristemente, Pra iluminar-me a alma descontente, Se acende o círio triste da Saudade.

E assim afeito às mágoas e ao tormento,

E à dor e ao sofrimento eterno afeito, Para dar vida à dor e ao
sofrimento, Da saudade na campa enegrecida

Guardo a lembrança que me snagra o peito, Mas que no entanto me
alimenta a vida.

A ESMOLA DE DULCE

Ao Alfredo A.

E todo o dia eu vou como um perdido De dor, por entre a dolorosa
estrada, Pedir a Dulce, a minha bem amada A esmola dum carinho
apetecido.

E ela fita-me, o olhar enlanguescido, E eu balbucio trêmula balada:

-- Senhora dai-me u'ma esmola -- e estertorada A minha voz soluça
num gemido.

Morre-me a voz, e eu gemo o último arpejo, Estendendo à Dulce a
mão, a fé perdida, E dos lábios de Dulce cai um beijo.

Depois, como este beijo me consola!

Bendita seja a Dulce! A minha vida Estava unicamente nessa esmola.

SONETO

Gênio das trevas lúgubres, acolhe-me, Leva-me o esp'rito dessa luz que
mata, E a alma me ofusca e o peito me maltrata, E o viver calmo e
sossegado tolhe-me!

Leva-me, obumbra-me em teu seio, acolhe-me N'asa da Morte
redentora, e à ingrata Luz deste mundo em breve me arrebatá E num

pallium de tenebras recolhe-me!

Aqui há muita luz e muita aurora, Há perfumes d'amor -- venenos
d'alma --

E eu busco a plaga onde o repouso mora, E as trevas moram, e, onde
d'água raso O olhar não trago, nem me turba a calma A aurora deste
amor que é o meu ocaso!

O MAR

O mar é triste como um cemitério; Cada rocha é uma eterna sepultura
Banhada pela imácula brancura

De ondas chorando num alvor etéreo.

Ah! dessas vagas no bramir funéreo Jamais vibrou a sinfonia pura

Do Amor; lá, só descanta, dentre a escura Treva do oceano, a voz do
meu saltério!

Quando a cândida espuma dessas vagas, Banhando a fria solidão das
fragas, Onde a quebrar-se tão fugaz se esfuma, Reflete a luz do sol que
já não arde, Treme na treva a púrpura da tarde, Chora a Saudade
envolta nesta espuma!

SONETO

Aurora morta, fuge! Eu busco a virgem loura Que fugiu-me do peito
ao teu clarão de morte E Ela era a minha estrela, o meu único Norte,
O grande Sol de afeto -- o Sol que as almas doura!

Fugiu... E em si levou a Luz consoladora Do amor -- esse clarão eterno d'alma forte --

Astro da minha Paz, Sírius da minha Sorte E da Noite da vida a Vênus redentora.

Agora, oh! minha Mágoa, agita as tuas asas, Vem! Rasga deste peito as nebulosas gazas E, num pálio auroral de Luz deslumbradora, Ascende à Claridade. Adeus oh! Dia escuro, Dia do meu Passado! Irrompe, meu Futuro; Aurora morta, foge -- eu busco a virgem loura!

SONETO

Canta teu riso esplêndido sonata, E há, no teu riso de anjos encantados, Como que um doce tilintar de prata E a vibração de mil cristais quebrados.

Bendito o riso assim que se desata

-- Cítara suave dos apaixonados, Sonorizando os sonhos já passados, Cantando sempre em trínula volata!

Aurora ideal dos dias meus risonhos, Quando, úmido de beijos em ressábios Teu riso esponta, despertando sonhos...

Ah! Num delíquio de ventura louca, Vai-se minh'alma toda nos teus beijos, Ri-se o meu coração na tua boca!

CRAVO DE NOIVA

Ao Dias Paredes

Cravo de noiva. A nívea cor de cera Que o seu seio branqueja, é como

os prantos Níveos, que a virgem chora, entre os encantos Dum
noivado risonho em primavera.

Flor de mistérios d'alma, sacrossantos, Guarda segredos divinais que
eu dera Duas vidas, se duas eu tivera

Pra desvendar os seus segredos santos.

E tudo quer que nessa flor se enleve O poeta. É que dessa concha
armínea, Da lactescência angélica da neve, Se evolum castos, virginais
aromas De essência estranha; olências de virgínea Carne fremindo
num langor de pomas.

PLENILÚNIO

Desmaia o plenilúnio. A gaze pálida Que lhe serve de alvíssimo
sudário Respira essências raras, toda a cáida Mística essência desse
alampadário.

E a lua é como um pálido sacrário, Onde as almas das virgens em
crisálida De seios alvos e de fronte pálida, Derramam a urna dum
perfume vário.

Voga a lua na etérea imensidade!

Ela, eterna noctâmbula do Amor, Eu, noctâmbulo da Dor e da
Saudade.

Ah! Como a branca e merencória lua, Também envolta num sudário --
a Dor, Minh'alma triste pelos céus flutua!

CÍTARA MÍSTICA

Cantas... E eu ouço etérea cavatina!

Há nos teus lábios -- dois sangrentos círios --

A gêmea florescência de dois lírios Entrelaçados numa união divina.

Como o santo levita dos Martírios, Rendo piedosa dúlia peregrina

À tua doce voz que me fascina,

-- Harpa virgem brandindo mil delírios!

Quedo-me aos poucos, penseroso e pasmo, E a Noite afeia como num sarcasmo

E agora a sombra versperal morreu...

Chegou a Noite... E para mim, meu anjo, Teu canto agora é um salmodiar de arcanjo, É a música de Deus que vem do Céu!

SÚPLICA NUM TÚMULO

Maria, eis-me a tues pés. Eu venho arrependido, Implorar-te o perdão do imenso crime meu!

Eis-me, pois, a teus pés, perdoa o teu vencido, Açucena de Deus, lírio morto do Céu!

Perdão! E a minha voz estertora um gemido, E o lábio meu para sempre apartado do tue Não há de beijar mais o teu lábio querido!

Ah! Quando tu morreste, o meu Sonho morreu!

Perdão, pátria da Aurora exilada do Sonho!

-- Irei agora, assim, pelo mundo, para onde Me levar o Destino abatido e tristonho...

Perdão! E este silêncio e esta tumba que cala!

Insânia, insânia, insânia, ah! ninguém me responde...

Perdão! E este sepulcro imenso que não fala!

AFETOS

Bendito o amor que infiltra n'alma o enleio
E santifica da existência o cado,

-- Amor que é mirra e que é sagrado nardo,
Turificando a languidez dum seio!

O amor, porém, que da Desgraça veio
Maldito seja, seja como o fardo
Desta descrença funeral em que ardo
E com que o fogo da paixão ateio!

Funambulescamente a alma se atira À luta das paixões, e, como a
Aurora Que ao beijo vespéral anseia e expira,
Desce para a alma o ocaso da Carícia
Ora em sonhos de Dor, supremos, e ora Em
contorções supremas de Delícia!

MARTÍRIO SUPREMO

Duma Quimera ao fascinante abraço,
Por um Cocito ardente e luxurioso,
Onde nunca gemeu o humano passo,
Transpus um dia o Inferno Azul do Gozo!

O amor em lavas de candência d' aço,
Banhrou-me o peito... Em ânsia de repouso,
Da Messalina fria no regaço,

Chora saudades do terreno pouso!

Como um mártir de estranho sacrifício,
Tinha os lábios crestados pela

ardência Da luz letal do grande Sol do Vício!

E mergulhei mais fundo no estuário...

Mas, no Inferno do Gozo, sem Calvário, Cristo d'amor morri pela inocência!

RÉGIO

Festa no paço! Noite... E no entretanto Luzes, flores, clarões por toda a festa E há nos régios salões, em cada aresta, Credências d'ouro de supremo encanto.

No baldaquino a orquestra real se apresta E o áureo dossel finge um relevo santo...

-- Bissos egípcios d'alto gosto, a um canto, Flordilizados de nelumbo e giesta.

Morreu a noite e veio o Sol Eterno

-- Âmbar de sangue que desceu do Inferno No turbilhão dos alvos raios diurnos...

Brilham no paço refulgências de elmo E a princesa assomou como um santelmo Na realeza branca dos coturnos.

MÁRTIR DA FOME

Nesta da vida lúgubre caverna

De ossos e frios funerais que eu sinto Como um chagal saciando o eterno instinto Vou saciando a minha Fome Eterna.

-- Fomoe de sangue de um Passado extinto, De extintas crenças --
bacanal superna, Horrível assim como a Hidra de Lerna E muda como

o bronze de Corinto!

Ânsias de sonhos, desespero fundo!

E a alma que sonha no marmel do Mundo, Morre de Fome pelas noites
belas...

E como o Cristo -- o Mártir do Calvário Morre. E no entanto vai para o
estelário Matar a Fome num festim de estrelas!

FESTIVAL

Para Jônatas Costa

Címbalos soam no salão. O dia

Foge, e ao compasso de arrabais serenos A valsa rompe, em
compassados trenos Sobre os veludos da tapeçaria.

Estatuetas de mármore de Lemnos Estão dispostas numa simetria

Inconfundível, recordando a estria Dos corpos de Afrodite e Vênus.

Fulgem por entre mil cristais vermelhos O alvo cristal dos nítidos
espelhos E a seda verde dos arbustos glabros.

E em meio às refrações verdes e hialinas, Vibra, batendo em todas as
retinas, A incandescência irial dos candelabros.

NOTURNO

Chove. Lá fora os lampiões escuros Semelham monjas a morrer... Os

ventos, Desencadeados, vão bater, violentos, De encontro às torres e de encontro aos muros.

Saio de casa. Os passos mal seguros Trêmulo movo, mas meus movimentos Susto, diante do vulto dos conventos, Negro, ameaçando os séculos futuros!

De São Francisco no plangente bronze Em badaladas compassadas onze

Horas soaram... Surge agora a Lua.

E eu sonho erguer-me aos páramos etéreos Enquanto a chuva cai nos cemitérios E o vento apaga os lampiões da rua!

SONETO

(Feito no decurso de dois minutos, em homenagem ao aniversário natalício de Alexandre Rodrigues dos Anjos -- 28 de abril de 1905.)
Para quem tem na vida compreendido Toda a grandeza da
Fraternidade O aniversário dum irmão querido A alma de alegres
emoções invade.

Depois quando no irmão estremecido Fazem aliança o gênio e a
probidade, Atinge o amor um grau nunca atingido No termômetro
santo da Amizade.

O Alexandre dos Anjos merecia

Grandes coroas nesse grande dia, Tesouros reais, auríferos tesouros...

Terá no entanto indubitavelmente A admiração do século presente

E a sagração dos séculos vindouros!

O NEGRO

Oh! Negro, oh! Filho da Hotentóia ufana Teus braços brônzeos como dois escudos, São dois colossos, dois gigantes mudos, Representando a integridade humana!

Nesses braços de força soberana Gloriosamente à luz do sol desnudos Ao bruto encontro dos ferrões agudos Gemeu por muito tempo a alma africana!

No colorido dos teus brônzeos braços, Fulge o fogo mordente dos mormaços E a chama fulge do solar brasido...

E eu cuido ver os múltiplos produtos Da Terra -- as flores e os metais e os frutos Simbolizados nesse colorido!

SENECTUDE PRECOCE

Envelheci. A cal da sepultura

Caiu por sobre a minha mocidade...

E eu que julgava em minha idealidade Ver inda toda a geração futura!

Eu que julgava! Pois não é verdade?!

Hoje estou velho. Olha essa neve pura!

-- Foi saudade? Foi dor? -- Foi tanta agrura Que eu nem sei se foi dor ou foi saudade!

Sei que durante toda a travessia Da minha infância trágica, vivia, Assim como uma casa abandonada.

Vinte e quatro anos em vinte e quatro horas...

Sei que na infância nunca tive auroras, E afora disto, eu já nem sei

mais nada!

ANDRÉ CHÉNIER

Na real magnificência dos gigantes Grave como um lacedemônio
harmoste André Chénier ia subir ao poste A que Luís XVI subira
dantes!

Que a sua morte a homem nenhum desgoste E incite o heroísmo das
nações distantes!...

Por isso, ele, a morrer, canta vibrantes Versos divinos que arrebatam a
hoste.

Não há quem nele um só tremor denote!

-- Continua a cantar, a alma serena...

Mas, de repente, pressentindo a lousa, Batendo com a cabeça no
barrote Da guilhotina, diz ao povo: -- “É pena!

-- Aqui ainda havia alguma cousa...”

MYSTICA VISIO

Vinha passando pelo meu caminho Um vulto estranhamente
iluminado...

Para onde eu ia, o vulto ia a meu lado E desde então, não andei mais
sozinho!

Abraçou-me, beijou-me com um carinho Que a um ser divino não seria
dado...

E eu me elevava, sendo assim beijado Muito acima do humano

burburinho!

Falou-me de ilusões e de luares, Da tribo alegre que povoa os ares...

-- Assombrava-me aquela claridade!

Mas através daquelas falsas luzes Pude rever enfim todas as cruzes
Que têm pesado sobre a Humanidade!

ILUSÃO

Dizes que sou feliz. Não mentes. Dizes Tudo que sentes. A infelicidade
Parece às vezes com a felicidade E os infelizes mostram ser felizes!

Assim, em Tebas -- a tumbal cidade, A múmia de um herói do tempo
de Ísis, Ostenta ainda as mesmas cicatrizes Que eternizaram sua
heroicidade!

Quem vê o herói, inda com o braço altivo, Diz que ele não morreu, diz
que ele é vivo, E, persuadido fica do que diz...

Bem como tu, que nessa crença infinda Feliz me viste no Passado, e a
inda Te persuades de que sou feliz!

GOZO INSATISFEITO

Entre o gozo que aspiro, e o sofrimento De minha mocidade,
experimento

O mais profundo e abalador atrito...

Queimam-me o peito cáusticos de fogo Esta ânsia de absoluto
desafogo Abrange todo o círculo infinito.

Na insaciedade desse gozo falho Busco no desespero do trabalho, Sem um domingo ao menos de repouso, Fazer parar a máquina do instinto, Mas, quanto mais me desespero, sinto A insaciabilidade desse gozo!

DOLÊNCIAS

Oh! Lua morta de minha vida,

Os sonhos meus

Em vão te buscam, andas perdida E eu ando em busca dos rastos teus...

Vago sem crenças, vagas sem norte, Cheia de brumas e enegrecida,

Ah! Se morreste pra minha vida!

Vive, consolo de minha morte!

Baixa, portanto, coração ermo

De lua fria

À plaga triste, plaga sombria

Dessa dor lenta que não tem termo.

Tu que tombaste no caos extremo Da Noite imensa do meu Passado, Sabes da angústia do torturado...

Ah! Tu bem sabes por que é que eu gemo!

Instilo mágoas saudoso, e enquanto Planto saudades num campo morto, Ninguém ao menos dá-me um conforto, Um só ao menos! E no entretanto Ninguém me chora! Ah! Se eu tombar Cedo na lida...

Oh! Lua fria vem me chorar

Oh! Lua morta da minha vida!

IDEALIZAÇÕES

A Santos Neto

I

Em vão flameja, rubro, ígneo, sangrento O sol, e, fulvos, aos astrais
desígnios, Raios flamejam e fuzilam ígneos, Nas chispas fulvas de um
vulcão violento!

É tudo em vão! Atrás da luz dourada, Negras, pompeiam (triste
maldição!)

-- Asas de corvo pelo coração...

-- Crepúsculo fatal vindo do Nada!

Que importa o Sol! A Treva, a Sombra -- eis tudo!

E no meu peito -- condenada treva --

A sombra desce, e o meu pesar se eleva E chora e sangra, mudo,
mudo, mudo...

E há no mei peito -- ocaso nunca visto, Martirizado porque nunca
dorme

As Sete Chagas dum martírio enorme, E os Sete Passos que magoaram
Cristo!

II

Agora dorme o astro de sangue e de ouro Como um sultão cansado! As
nuvens como Odaliscas, da Noite ao negro assomo Beijam-lhe o corpo

ensangüentado d'ouro.

Legiões de névoas mortas e finadas Como fragmentações d'ouro e
basalto Lembram guirlandas pompeando no Alto Eterizadas,
volaterizadas.

E a Noite emerge, santa e vitoriosa Dente um *velarium* de veludos.
Atros, Descem os nimbos... No ar há malabatos Turiferando a
negridão tediosa.

Além, dourando as névoas dos espaços, Na majestade dum condor
bendito, Subindo à majestade do Infinito, A Via-Láctea vai abrindo os
braços!

Áureas estrelas, alvas, luminosas, Trazem no peito o branco das
manhãs E dormem brancas como leviatões Sobre o oceano astral das
nebulosas.

Eu amo a noite que este Sol arranca!

Namoro estrelas... Sírius me deslumbra, Vésper me encanta, e eu beijo
na penumbra A imagem lírial da Noite Branca.

III

De novo, a Aurora, entre esplendores, há-de Alva, se erguer, como
tombou outrora, E como a Aurora -- o Sol -- hóstia da Aurora,
Abençoada pela Eternidade!

E ei-lo de novo, ontem moribundo, Hoje de novo, curvo ao seu
destino, Fantástico, ciclópico, assassino Ébrio de fogo, dominando o
mundo!

Mas de que serve o Sol, se triste em cada Raio que tomba no marnel
da terra, Mais em meu peito uma ilusão se enterra, Mais em
minh'alma um desespero brada?!

De que serve, se, à luz áurea que dele Emana e estua e se refrange e
ferve, A Mágoa ferve e estua, de que serve Se é desespero e maldição
todo ele?!

Pois, de que serve, se aclarandoos cerros E engalanando os arvoredos
gaios, A alma se abate, como se esses raios N'alma caindo, se
tornassem ferros?!

IV

Poeta, em vão na luz do sol te inflamas, E nessa luz queimas-te em
vão! És todo Pó, e hás de ser após as chamas, lodo, Como Herculano
foi após as chamas.

Ah! Como tu, em lodo tudo acaba, O leão, o tigre, o mastodonte, a
lesma, Tudo por fim há de acabar na mesma Tênebra que hoje sobre ti
desaba.

Ninguém se exime dessa lei imensa Que, em plena e fulva
reverberação, Arrasta as almas pela Escuridão, E arrasta os corações
pela Descrença.

Ergue, pois poeta, um pedestal de tanta Treva e dor tanta, e num
supremo e insano E extraordinário e grande e sobre-humano Esforço,
sobre ao pedestal, e... canta!

Canta a Descrença que passou cortanto As tuas ilusões pelas raízes,
E em vez de chagas e de cicatrizes Deixar, foi valas funerais deixando.

E foi deixando essas funéreas, frias, Medonhas valas, onde, como
abutres Medonhos, de ossos, de ilusões te nutres, Vives de cinzas e de
ruinarias!

V

Agora é noite! E na estelar coorte, Como recordação da festa diurna,
Geme a pungente orquestração noturna E chora a fanfarra triunfal da
Morte.

Então, a Lua que no céu se espalha, Iluminando as serranias, banha
As serranias duma luz estranha, Alva como um pedaço de mortalha!

Nessa música que a alma me ilumina

Tento esquecer as minhas próprias dores, Canto, e minh'alma cobre-se
de flores

-- Fera rendida à música divina.

Harpas concertam! Brandas melodias Plangem... Silêncio! Mas de novo
as harpas Reboam pelo mar, pelas escarpas, Pelos rochedos, pelas
penedias...

Eu amo a Noite que este Sol arranca!

Namoro estrelas... Sírius me deslumbra, Vésper me encanta, e eu beijo
na penumbra A imagem lírial da Noite Branca!

A VITÓRIA DO ESPÍRITO

Era uma preta, funeral mesquita, Abandonada aos lobos e aos
leopardos Numa floresta lúgubre e esquisita.

Engalanava-lhe as paredes frias Uma coroa de urzes e de cardos

Coberta em pálio pelas laçarias.

Uma vez, aos lampejos derradeiros Das irisadas vespertinas velas,
Feras rompiam tojos e balseiros.

E pelas catacumbas desprezadas, Mochos vagavam como sentinelas,

Em atalaia às gerações passadas!

Um crepúsculo imenso, nunca visto Tauxiava o Céu de grandes roxos
Da mesma cor da túnica de Cristo.

Fulgia em tudo uma estriação violeta E um violáceo clarão banhava os
mochos Quem em torno estavam da mesquita preta.

Já na eminência da amplidão sidérea Como uma umbela, se
desenrolava A esteira astral da retração etérea.

Os astros mortos refulgiam vivos E a noite, ampla e brilhante, rutilava
Lantejoulada de opalinos crivos.

Súbito alguém, o passo constringendo, Parou em frente da mesquita
morta...

-- Um vento frio começou gemendo.

Era uma viúva, e o olhar errante, a viúva, Em passo lento, foi
transpondo a porta, Eternamente aberta ao sol e à chuva.

A Lua encheu o espaço sem limites E, dentro, nos altares esboroados,
Foram caindo como estalactites.

Sobre o ouro e a prata das alfaias priscas

Um dilúvio de fósforos prateados E uma chuva doirada de faíscas.

Fora, entretanto, por um chão de onagras Vinha passeando como
numa viagem Um grupo feio de panteras magras.

E havia no atro olhar dessas panteras Essa alegria doida da carnagem
Que é a alegria única das feras.

E ardendo na impulsão das ânsias doidas E em sevas fúrias, infernais

ardendo Todas as feras, as panteras todas Avançam para a viúva desvalida.

E raivosas, contra ela, arremetendo, Tiram-lhe todas ali mesmo a vida.

Morria a noite. As flâmulas altivas Do sol nascente erguiam-se vermelhas, Comouma exposição de carnes vivas.

E iam cair em pérolas de sangue Sobre as asas doiradas das abelhas, E sobre o corpo da viúva exangue.

A Natureza celebrava a festa

Do astro glorioso em cantos e baladas

-- O próprio Deus cantava na floresta!

Nos arvoredos rejuvenescidos,

Estrugiam canções desesperadas

De misereres e de sustenidos.

Além, entanto, na redoma clara

Que envolve a porta da região etérea, O espírito da viúva se quedara

Ao contemplar dessa fulgente porta E dessa clara e alva redoma aérea,
No desfilar de sua carne morta

A transitoriedade da matéria!

CANTO ÍNTIMO

Meu amor, em sonhos erra,

Muito longe, altivo e ufano

Do barulho do oceano

E do gemido da terra!

O Sol está moribundo.

Um grande recolhimento

Preside neste momento

Todas as forças do Mundo.

De lá, dos grandes espaços,

Onde há sonhos inefáveis

Vejo os vermes miseráveis

Que hão de comer os meus braços.

Ah! Se me ouvisses falando!

(E eu sei que às dores resistes) Dir-te-ia coisas tão tristes

Que acabarias chorando.

Que mal o amor me tem feito!

Duvidas?! Pois, se duvidas,

Vem cá, olha estas feridas,

Que o amor abriu no meu peito.

Passo longos dias, a esmo...

Não me queixo mais da sort

Nem tenho medo da Morte

Que eu tenho a Morte em mim mesmo!

“Meu amor, em sonhos, erra,

Muito longe, altivo e ufano

Do barulho do oceano

E do gemido da terra!”

A LUVA

Para o Augusto Belmont

Pansa na glória! Arfa-lhe o peito, opresso.

-- O pensamento é uma locomotiva --

Tem a grandeza duma força viva

Correndo sem cessar para o Progresso.

Que importa que, contra ele, horrendo e preto O áspide bjeito do Pesar
se mova!...

E só, no quadrilátero da alcova, Vem-lhe à imaginação este soneto:

“A princípio escrevia simplesmente Para entreter o espírito... Escrevia
Mais por impulso de idiossincrasia Do que por uma propulsão
consciente.

Entendi, depois disso, que devia, Como Vulcano, sobre a forja ardente
Da Ilha de Lemnos, trabalhar contente, Durante as vinte e quatro
horas do dia!

Riam de mim, os monstros zombeteiros, Trabalharei assim dias
inteiros, Sem ter uma alma só que me idolatre...

Tenha a sorte de Cícero proscrito Ou morra embora, trágico e maldito,
Como Camões morrendo sobre um catre!”

Nisto, abre, em ânsias, a tumbal janela E diz, olhando o céu que além

se expande:

“-- A maldade do mundo é muito grande, Mas meu orgulho ainda é maior do que ela!

Ruja a boca danada da profana

Coorte dos homens, com o seu grande grito,

Que meu orgulho do alto do Infinito Suplantará a própria espécie humana!

Quebro montanhas e aos tufões resisto Numa absoluta impassibilidade”, E como um desafio à eternidade

Atira a luva para o próprio Cristo!

Chove. Sobre a cidade geme a chuva, Batem-lhe os nervos, sacudindo-o todo, E na suprema convulsão o doudo

Parece aos astros atirar a luva!

A CARIDADE

No universo a caridade

Em contraste ao vício infando

É como um astro brilhando

Sobre a dor da humanidade!

Nos mais sombrios horrores

Por entre a mágoa nefasta

A caridade se arrasta

Toda coberta de flores!

Semeadora de carinhos

Ela abre todas as portas

E no horror das horas mortas

Vem beijar os pobrezinhos.

Torna as tormentas mais calmas

Ouve o soluço do mundo

E dentro do amor profundo

Abrange todas as almas.

O céu de estrelas se veste

Em fluidos de misticismo

Vibra no nosso organismo

Um sentimento celeste.

A alegria mais acesa

Nossas cabeças invade...

Glória, pois, à Caridade

No seio da Natureza!

Estrilho

Cantemos todos os anos

Na festa da Caridade

A solidariedade

Dos sentimentos humanos.

OUTROS POEMAS ESQUECIDOS

ABANDONADA

Bem depressa sumiu-se a vaporosa Nuvem de amores, de ilusões tão bela;
O brilho se pagou daquela estrela Que a vida lhe tornava venturosa!

Sombras que passam, sombras cor-de-rosa

-- Todas se foram num festivo bando, Fugazes sonhos, gárrulos voando

-- Resta somente um'alma tristurosa.

Coitada! o gozo lhe fugiu correndo, Hoje ela habita a erma soledade,
Em que vive e em que aos poucos vai morrendo!

Seu rosto triste, seu olhar magoado, Fazem lembrar em noute de saudade
A luz mortiça d'um olhar nublado.

CETICISMO

Desci um dia ao tenebroso abismo, Onde a Dúvida ergueu altar profano;
Cansado de lutar no mundo insano Fraco que sou volvi ao ceticismo.

Da Igreja -- a Grande Mãe -- o exorcismo Terrível me feriu, e então sereno
De joelhos aos pés do Nazareno

Baixo rezei em fundo misticismo:

-- Oh! Deus, eu creio em ti, mas me perdoa!

Se esta dúvida cruel qual me magoa Me torna ínfimo, desgraçado réu.

Ah, entre o medo que o meu ser aterra, Não sei se viva pra morrer na terra, Não sei se morra p'ra viver no céu!

A MÁSCARA

Eu sei que há muito pranto na existência, Dores que ferem corações de pedra, E onde a vida borbulha e o sangue medra, Aí existe a mágua em sua essência.

No delírio, porém, da febre ardente Da ventura fugaz e transitória

O peito rompe a capa tormentória Para sorrindo palpitar contente.

Assim a turba inconsciente passa, Muitos que esgotam do prazer a taça Sentem no peito a dor indefinida.

E entre a mágoa que a másc'ra eterna apouca A Humanidade ri-se e ri-se louca No carnaval intérmio da vida.

O COVEIRO

Uma tarde de abril suave e pura Visitava eu somente ao derradeiro Lar; tinha ido ver a sepultura

De um ente caro, amigo verdadeiro.

Lá encontrei um pálido coveiro

Com a cabeça para o chão pendida; Eu senti a minh'alma entristecida E interroguei-o: "Eterno companheiro Da morte, quem matou-te o coração?"

Ele apontou para uma cruz no chão, Ali jazia o seu amor primeiro!

Depois, tomando a enxada, gravemente, Balbuciou, sorrindo tristemente:

-- “Ai, foi por isso que me fiz coveiro!”

PECADORA

Tinha no olhar cetíneo, aveludado, A chama cruel que arrasta os corações, Os seios rijos eram dois brasões Onde fulgia o simb’lo do pecado.

Bela, divina, o porte emoldurado No mármore sublime dos contornos, Os seios brancos, palpitantes, mornos, Dançavam-lhe no colo perfumado.

No entanto, esta mulher de grã beleza, Moldada pela mão da Natureza,

Tornou-se a pecadora vil. Do fado Do destino fatal, presa, morria, Uma noite entre as vascas da agonia, Tendo no corpo o verme do pecado!

NO CLAUSTRO

Pelas do claustro salas silenciosas, De lutulentas, úmidas arcadas,

Na vastidão silente das caladas Abóbadas sombrias tenebrosas,

Vagueiam tristemente desfiladas De freiras e de monjas tristurosas, Que guardam cinzas de ilusões passadas, Que guardam pet’las de funéreas rosas.

E à noute quando rezam na clausura, No sigilo das rezas misteriosas, Nem a sombra mais leve de ventura!

Só as arcadas ogivais desnudas, E as mesmas monjas sempre
tristurosas, E as mesmas portas impassíveis, mudas!

IL TROVATORE

Canta da torre o trovador saudoso

-- Addio, Eleonora! oh! sonhos meus!

E o canto se desprende harmonioso, Na vibração final do extremo
adeus.

Repercute dolente, mavioso,

Subindo pelo Azul da Inspiração; Assim canta também meu coração,
Trovador tortorado e angustioso, Ai! não, não acordeis, lembranças
minhas!

Saudade d'umas noutes em que vinhas Cantar comigo um doce
desafio!

Mas, pouco a pouco, os sons esmorecendo, Perdem-se as notas pelo
Azul morrendo,

-- Addio Eleonora, addio, addio!

A LOUCA

Quando ela passa: -- a veste desgrenhada, O cabelo revoltado em
desalinho,

No seu olhar feroz eu adivinho

O mistério da dor que a traz penada.

Moça, tão moça e já desventurada; Da desdita ferida pelo espinho, Vai
morta em vida assim pelo caminho, No sudário da mágoa sepultada.

Eu sei a sua história. -- Em seu passado Houve um drama d'amor misterioso

-- O segredo d'um peito torturado --

E hoje, para guardar a mágoa oculta, Canta, soluça -- o coração saudoso, Chora, gargalha, a desgraçada estulta.

PRIMAVERA

Primavera gentil dos meus amores,

-- Arca cerúlea de ilusões etéreas, Chova-te o Céu cintilações sidéreas
E a terra chova no teu seio flores!

Esplende, Primavera, os teus fulgores, Na auréola azul, dos dias teus risonhos,

Tu que sorveste o fel das minhas dores E me trouxeste o néctar dos teus sonhos!

Cedo virá, porém, o tiste outono, Os dias voltarão a ser tristonhos E tu hás de dormir o eterno sono, Num sepulcro de rosas e de flores, Arca sagrada de cerúleos sonhos, Primavera gentil dos meus amores!

A ESPERANÇA

A Esperança não murcha, ela não cansa, Também como ela não sucumbe a Crença, Vão-se sonhos nas asas da Descrença, Voltam sonhos nas asas da Esperança.

Muita gente infeliz assim não pensa; No entanto o mundo é uma ilusão completa, E não é a Esperança por sentença Este laço que ao mundo nos manietas?

Mocidade, portanto, ergue o teu grito, Sirva-te a Crença do fanal
bendito, Salve-te a glória no futuro -- avança!

E eu, que vivo atrelado ao desalento, Também espero o fim do meu
tormento, Na voz da Morte a me bradar; descansa!

SONETO

Senhora, eu trajo o luto do Passado, Este luto sem fim que é o meu
Calvário E ansio e choro, delirante e vário, Sonâmbulo da dor
angustiado.

Quantas venturas que me acalentaram!

Meu peito tûm'lo do prazer finado Foi outrora do riso abençoado,

O berço onde as venturas se embalaram.

Mas não queiras saber nunca risonha O mistério d'um peito que
estertora E o segredo d'um'alma que não sonha!

Não, não busques saber porque, Senhora, É minha sina perenal,
tristonha

-- Cantar o Ocaso quando surge a Aurora.

SOFREDORA

Cobre-lhe a fria palidez do rosto O sendal da tristeza que a desola;
Chora -- o orvalho do pranto lhe perola As faces maceradas de
desgosto.

Quando o rosário de seu pranto rola, Das brancas rosas do seu triste
rosto Que rolam murchas como um sol já posto Um perfume de

lágrimas se evola.

Tenta às vezes, porém, nervosa e louca Esquecer por momento a mágoa intensa Arrancando um sorriso à flor da boca.

Mas volta logo um negro desconforto, Bela na Dor, sublime na Descrença, Como Jesus a soluçar no Horto.

ECOS D'ALMA

Oh! madrugada de ilusões, santíssima, Sombra perdida lá do meu Passado, Vinde entornar a clâmide puríssima Da luz que fulge no ideal sagrado!

Longe das tristes noutes tumultares Quem me dera viver entre quimeras, Por entre o resplendor das Primaveras Oh! madrugada azul dos meus sonhos.

Mas quando vibrar a última balada Da tarde e se calar a passarada Na bruma sepulcral que o céu embaça Quem me dera morrer então risonho Fitando a nebulosa do meu sonho E a Via-Láctea da Ilusão que passa!

AMOR E CRENÇA

Sabes que é Deus? Esse infinito e santo Ser que preside e rege os outros seres, Que os encantos e a força dos poderes Reúne tudo em si, num só encanto?

Esse mistério eterno e sacrossanto, Essa sublime adoração do crente, Esse manto de amor doce e clemente Que lava as dores e que enxuga o pranto?

Ah! Se queres saber a sua grandeza Estente o teu olhar à Natureza,
Fita a cúp'la do Céu santa e infinita!

Deus é o Templo do Bem. Na altura imensa, O amor é a hóstia que
bendiz a crença, Ama, pois, crê em Deus e... sê bendita!

ARANA

Ela é o tipo perfeito da ariana.

Branca, nevada, púbere, mimosa, A carne exuberante e capitosa

Trescala a essência que de si dimana.

As néas pomas do candor da rosa, Rendilhando-lhe o colo de sultana,
Emergem da camisa cetinosa

Entre as rendas sutis de filigrana.

Dorme talvez. Em flácido abandono Lembra formosa no seu casto sono
A languidez dormente da indiana.

Enquanto o amante pálido, a seu lado, Medita, a fronte triste, o olhar
velado, No Mistério da Carne Soberana.

TEMPOS IDOS

Não enterres, coveiro, o meu Passado, Tem pena dessas cinzas que
ficaram; Eu vivo d'essas crenças qe passaram, E quero sempre tê-las ao
meu lado!

Não, não quero o meu sonho sepultado No cemitério da Desilusão,

Que não se enterra assim sem compaixão Os escombros benditos do
Passado!

Ai! não me arranques d'alma este conforto!

-- Quero abraçar o meu Passado morto

-- Dizer adeus aos sonhos meus perdidos!

Deixa ao menos que eu suba à Eternidade Velado pelo círio da Saudade,

Ao dobre funeral dos tempos idos!

SONETO

Na rua em funeral ei-la que passa A romaria eterna dos aflitos,

A procissão dos tristes, dos proscritos, Dos romeiros saudosos da desgraça.

E na choça a lamúria que traspassa O coração, além, ânsias e gritos De mães que arquejam sobre os pobrezitos Filhos que a fome derrubou na praça.

Entre todos, porém, lânguida e bela, Da juventude a virginal capela A lhe cingir de luz a fronte baça, Vai Corina mendiga e esfarrapada, A alma saudosa pelo amor vibrada

-- A Stella Matutina da Desgraça.

SONETO

Adeus, adeus, adeus! E suspirando Saí deixando morta a minha amada, Vinha o luar iluminando a estrada E eu vinha pela estrada soluçando.

Perto um ribeiro claro murmurando Muito baixinho como quem chorava, Parecia o ribeiro estar chorando As lágrimas que eu triste gotejava.

Súbito ecoou o sino o som profundo!

Adeus! -- eu disse. para mim no mundo Tudo acabou-se, apenas restam mágoas.

Mas no mistério astral da noite bela Pareceu-me inda ouvir o nome dela No marulhar monótono das águas!

A AERONAVE

Cindindo a vastidão do Azul profundo, Sulcando o espaço, devassando a terra, A Aeronave que um mistério encerra Vai pelo espaço acompanhando o mundo.

E na esteira sem fim da azúlea esfera Ei-la embalada n'amplidão dos ares, Fitando o abismo sepulcral dos mares Vencendo o azul que ante si s'erguera.

Voa, se eleva em busca do Infinito, É como um despertar de estranho mito, Auroreando a humana consciência.

Cheia da luz do cintilar de um astro, Deixa ver na fulgência do seu rastro A trajetória augusta da Ciência.

LIRIAL

Porque choras assim, tristonho lírio, Se eu sou o orvalho eterno que te chora, P'ra que pendes o cálice que enflora Teu seio branco do palor do círio?!

Baixa a mim, irmã pálida da Aurora, Estrela esmaecida do Martírio;

Envolto da tristeza no delírio, Deixa beijar-se a face que descora!

Fosses antes a rosa purpurina

E eu beijaria a pétala divina

Da rosa onde não pousa a desventura.

Ai! que ao menos talvez na vida escassa Não chorasses à sombra da desgraça, Para eu sorrir à sombra da ventura!

A MINHA ESTRELA

Eu disse -- Vai-te, estrela do Passado!

Esconde-te no Azul da Imensidade, Lá onde nunca chegue esta saudade,

-- A sombra deste afeto estiolado.

Disse, e a estrela foi p'ra o Céu subindo, Minh'alma que de longe a acompanhava, Viu o adeus que ela do Céu enviava, E quando ela no Azul foi se sumindo Surgia a Aurora -- a mágica princesa!

E eu vi o Sol do Céu iluminando A Catedral da Grande Natureza.

Mas a noute chegou, triste, com ela Negras sombras também foram chegando, E eu nunca mais vi a minha estrela!

SONETO

A praça estava cheia. O condenado Transpunha nobremente o cadafalso, Puro de crime, isento de pecado, Vítima augusta de indelével falso.

E na atitude do Crucificado,

O olhar azul pregado n'amplidão, Pude rever naquele desgraçado

O drama lutuoso da Paixão.

Quando do algoz cruento o braço alçado Se dispunha a vibrar sem
compaixão O golpe na cabeça do culpado

Ele, o algoz -- o criminoso -- então, Caiu na praça como fulminado

A soluçar: perdão, perdão, perdão!

VERSOS D'UM EXILADO

Eu vou partir. Na límpida corrente Rasga o batel o leito d'água fina

-- Albatroz deslizando mansamente Como se fosse vaporosa Ondina.

Exilado de ti, oh! Pátria! ausente Irei cantar a mágoa peregrina

Como canta o pastor a matutina

Trova d'amor, à luz do sol nascente!

Não mais virei talvez e, lá sozinho, Hei de lembrar-me do meu pátrio
ninho D'onde levo comigo a nostalgia

E esta lembrança que hoje me quebranta E que eu levo hoje como a
imagem santa Dos sonhos todos que já tive um dia!

AVE DOLOROSA

Ave perdida para sempre -- crença Perdida -- segue a trilha que te
traça O Destino, ave negra da Desgraça, Gêmea da Mágoa e núncia da
Descrença!

Dos sonhos meus na Catedral imensa Que nunca pouses. Lá, na névoa
baça, Onde o teu vulto lúrido esvoaça, Seja-te a vida uma agonia
intensa!

Vives de crenças mortas e te nutres, Empenhada na sanha dos abutres,
Num desespero rábido, assassino...

E hás de tombar um dia em mágoas lentas, Negrejada das asas
lutulentas

Que te emprestar o corvo do Destino!

NIMBUS

Nimbos de bronze que empanais escuros O santuário azul da Natureza,

Quando vos vejo negros palinuros Da tempestade negra e da tristeza,
Abismados na bruma enegrecida,

Julgo ver nos reflexos da minh'alma As mesmas nuvens deslizando em
calma, Os nimbos das procelas desta vida; Mas quando céu é límpido,
sem bruma Que a transparência tolda, sem nenhuma Nuvem sequer,
então, num mar de esp'rança, Que o céu reflete, a vida é qual risonho
Batel, e a alma é a flâmula do sonho, Que o guia e leva ao porto da
bonança.

NO CAMPO

Tarde. Um arroio canta pela umbrosa Estrada; as águas límpidas
alvejam Como cristais. Aragem suspirosa

Agita os roseiras que ali vicejam.

No Alto, entretanto, os astros rumorejam Um presságio de noute luminosa

E ei-la que assoma -- a Louca Tenebrosa, Branca, emergindo às trevas que a negrejam.

Chora a corrente múrmura, e, à dolente União da noute, as flores também choram Num chuveiro de pétalas, nitente, Pendem e caem -- os roseirais descoram E elas bóiam no pranto da corrente Que as rosas, ao luar, chorando enfloram.

INSÂNIA

No mundo vago das idealidades

Afundei minha louca fantasia;

Cedo atraiu-me a auréola fugidia Da refulgência antiga das idades.

Mas ao esplendor das velhas majestades Vacila a mente e o seu ardor esfria; Busquei então na nebulosa fria

Das Ilusões, sonhar novas idades.

Que desespero insano me apavora!

Aqui, chora um ocaso sepultado; Ali, pompeia a luz da branca aurora E eu tremo e hesito entre um mistério escuro

-- Quero partir em busca do Passado

-- Quero correr em busca do Futuro.

O BANDOLIM

Cantas, soluças, bandolim do Fado E de Saudade o peito meu
transbordas; Choras, e eu julgo que nas tuas cordas Choram todas as
cordas do Passado!

Guardas a alma talvez d'um desgraçado, Um dia morto da Ilusão às
bordas, Tanto que cantas, e ilusões acordas, Tanto que gemes,
bandolim do Fado.

Quando alta noute, a lua é triste e calma, Teu canto, vindo de
produndas fráguas, É como as nênias do Coveiro d'alma!

Tudo eterizas num coral de endeixas...

E vais aos poucos soluçando mágoas, E vais aos poucos soluçando
queixas!

ARA MALDITA

Como um'ave, cindindo os céus risonhos, Meiga, tu vinhas a cindir os
ares, E, qual hóstia, caindo dos altares, Foste caindo n'ara dos meus
sonhos.

E eu vi os seios teus virem inconhos

-- Esses teus seios que os cerúleos lares Branquejaram de eternos
nenufares, Para nunca tocarem negros sonhos!

Caíste enfim no meu sacrário ardente, Quiseste-me beijar a ara do
peito, E eu quis beijar-te o lábio redolente.

E beijei-te, mas eis que neste enleio, Tocando n'ara negra o níveo seio,
Caíste morta ao celestial preceito.

SONETO

Na etérea limpidez de um sonho branco, Lúcia sorriu-se à bruma nevoenta, E a procela chorou n'um fundo arranco De mágoa triste e de paixão violenta.

E Lúcia disse à bruma lutulenta:

-- Foge, senão co'o o meu olhar te espanco!

E eu vi que, à voz de Lúcia, grave e lenta, O céu tremia em seu trevosso flanco.

Fulgia a bruma para sempre. A vida Despontava na aurora amortecida À rutilância mágica do dia.

Aquele riso despertava a aurora!

E tudo riu-se, e como Lúcia, agora, O sol, alegre e rubro, também ria!

TREVA E LUZ

Neste pélago escuro em que te afundas, Longe das sombras aurorais e amadas, Sentes o peito em ânsias revoltadas, Diluis teu peito em sensações profundas.

Mas, eis que emerges, luminosa, às fundas Águas do mar das glórias obumbradas, E, ante o branco estendal das madrugadas, Nua, em banho ideal de amor te inundas.

Agora, à luz das alvoradas santas Ungem-te o corpo redolências tantas, Que, ao ver-te nua, o Mundo se concentre, E a lua, a Virgem Mãe dos céus escampos, Que beija a terra e que abençoa os campos, Beije-te o seio e te abençoe o ventre!

SONETO

O Templo da Descrença -- ei-lo que avisto. A imensa Cruz da Dor está serena como um lírio!

E vejo o pedestal que sustenta o Martírio; E vejo o pedestal que sustenta a Descrença!

-- A colunata êxul do Sonho Morto -- o círio Da Quimera Falaz, o túmulo da Crença, Tudo! até o altar onde a Angústia vibra intensa N'uma fúria assombral de feras em delírio!

Penetro louco enfim o abismo funerário, E a rasgar, a rasgar o lúrido sacrário, Em mim como no Templo a Angústia se condensa, E em mim como no Templo, urnas de Sonho; e, em bando, Flores mortas da Aurora, e, eu sombrio chorando Ante a imagem fatal do Sepulcro da Crença!

A PESTE

Filha da raiva de Jeová -- a Peste N'um insano ceifar que aterra e espanta, De espaço a espaço sepulturas planta E em cada coração planta um cipreste!

Exulta o Eterno e... tudo chora, tudo!

Quando Ela passa, semeando a Morte, Todos dizem co'os olhos para a Sorte

-- É o castigo de Deus que passa mudo!

-- Fúlgido foco de escaldantes brasas

-- O sol a segue, e a Peste ri-se, enquanto Vai devastando o coração das casas...

E como o sol que a segue e deixa um rastro De luz em tudo, ela, como o sol -- o astro --

Deixa um rastro de luto em cada canto!

IDEAL

Quero-te assim, formosa entre as formosas, No olhar d'amor a mística
fulgência E o misticismo cândido das rosas, Plena de graça, santa de
inocência!

Anjo de luz de astral aurifulgência, Etéreo como as Wilis vaporosas,
Embaladas no albor da adolescência,

-- Virgens filhas das virgens nebulosas!

Quero-te assim, formosa, entre esplendores, Colmado o seio de
virentes flores, A alma diluída em eterais cismares...

Quero-te assim -- e que bendita sejas Como as aras sagradas das
igrejas, Como o Cristo sagrado dos altares.

SOMBRA IMORTAL

-- E tu elas, a sós, no pó da fulgurância Como uma velha cruz vela na
sombra morta!

Fora, a noute é tumbal... e a saudade da infância, Como um'alma de
mãe, me acalenta e conforta!

Noute! E somente tu velas a rutilância...

Lua que já passou e que hoje ainda corta O penetral que guia à
derradeira estância, O penetral que leva à derradeira porta!

Revejo em ti, mulher, num lânguido *smorzando* A sombra virginal
qu'eu adoro chorando E há de um dia amparar-me na luta correndo...

Ah! que um dia da Vida, estes dardos acúleos Caíam, também da Dor,

lá dos braços hercúleos, Domados pela meiga Ônfale a que me rendo!

CORAÇÃO FRIO

Frio o sagrado coração da lua,

Teu coração rolou da luz serena!

E eu tinha ido ver a aurora tua Nos raios d'ouro da celeste arena...

E vi-te triste, desvalida e nua!

E o olhar perdi, ansiando a luz amena No silêncio notívago da rua...

-- Sonâmbulo glacial da estranha pena!

Estavas fria! A neve que a alma corta Não gele talvez mais, nem mais
alquebre Um coração como a alma que está morta...

E estavas morta, eu vi, eu que te almejo, Sombra de gelo que me
apaga a febre,

-- Lua que esfria o sol do meu desejo!

NOTURNO

Para o vale noital da eterna gaza Rolou o Sol -- imenso moribundo --

E a noute veio na negrura d'asa, Santificada pela Dor do Mundo!

U'a luz, entanto, no negror me abrasa, E um canto vai morrer no vale
fundo...

Que luz é esta que das brumas vasa, Que canto é este, virginal,

profundo?!

Rumores santos... e no santo arpejo, Somente tristes os teus olhos
veho, Para o Infinito e para o Céu voltados!

Cantas, e é noute de fatais abrolhos...

Choras, e no meu peito estes teus olhos Como que cravam dois
punhais gelados!

SEDUTORA

Alva d'aurora, e em lânguida sonata Vinhas transpondo a margem do
caminho, Branca bem como empalidecido arminho, Alvorejando em
arrebol de prata.

Bendita a Santa do Carinho, inata!

E, ajoelhando à imagem do Carinho, O roble altivo entreteceu-te um
ninho, Alva d'aurora, te acolheu a mata.

Pérolas e ouro pela serrania...

No lago branco e rútilo do dia

O azul pompeava para sempre vasto.

Chegaste, o seio branco, e, tu, chegando, Uma pantera foi-se
ajoelhando,

Rendida ao eflúvio do teu seio casto!

PELO MUNDO

Ânsias que pungem, mórbidos encantos, Crepitações de flamas
incendidas Nalma explodindo como fogos santos, Vão pelo mundo
ensangüentando as Vidas.

Eflúvios quentes e fatais quebrantos Crestam a alma das virgens
adormidas...

E as brumas velam nos sinistros mantos E as virgens dormem nas
tumbais jazidas!

Súbitos fremem ‘spasmos derradeiros...

E a paixão morre e os corações coveiros Vão como duendes pelos céus
risonhos, Chorando auroras músicas perdidas Na estrada santa
ensangüentando as Vidas, Nos campos-santos enterrando os Sonhos!

SONETO

E o mar gemeu a funda melopéia

À luz feral que a tarde morta instila,

Triste como um soluço de Dalila, Fria como um crepúsculo da Judéia.

Já Vésper, no Alto, a lânquida, cintila!

Naquela hora morria para a Idéia A minha branca e desgraçada Déa,
Qual rosa branca que ao tufão vacila.

E o mar chamou-a para o fundo abismo!

E o céu chamou-a para o Misticismo.

Nesse momento a Lua vinha calma E céu e mar num desespero mudo

Não viram que num halo de veludo À alma de Déa se evolava
est’alma.

O RISO

“Ri, coração, tristíssimo palhaço”.

Cruz e Sousa

O Riso -- o valtairesco *clown* -- quem mede-o?!

-- Ele, que ao frio alvor da Mágoa Humana, Na Via-Láctea fria do Nirvana,

Alenta a Vida que tombou no Tédio!

Que à Dor se prende, e a todo o seu assédio, E ergue à sombra da dor a que se irmana Lauréis de sangue de volúpia insana, Clarões de sonho em nimbos de epicédio!

Bendito sejas, Riso, *clown* da Sorte

-- Fogo sagrado nos festins da Morte

-- Eterno fogo, saturnal do Inferno!

Eu te bendigo! No mundano cúmulo És a Ironia que tombou no túmulo Nas sombras mortas de um desgosto eterno!

SONETO

Vamos, querida! Já é Ave-Maria

-- A hora dos tristes e dos descontentes.

Desfaz-se o peito em vibrações dormentes E o Fado geme sob a névoa fria!

Que eu sinta n'alma o que tu n'alma sentes!

Nesta Missa de Atroz Melancolia Bebes chorando o Vinho da Agonia

-- Consagração das almas padecentes!

Foi numa tarde assim que nos amamos.

Silfos morriam... No ar, os gaturamos Num recesso de névoa,
adormecida...

Punge-me o peito da Saudade o cardo Enquanto num mocho,
sonolento e tardo, Canta no espaço a maldição da Vida!

A UM MÁRTIR

Alma em cilício, vem, enrasta a clava, Brande no seio o espículo e o
acinace E unjam-te o seio que d'auroras nasce Sangrentas bênçãos
eclodindo em lava!

Nossa Senhora te unge a face escrava, Cristo saudoso te abençoa a face
De monja -- violeta que do Céu baixasse À Virgem Santa Natureza
brava!

Vais caminhando para a terra extrema, Rosa dos Sonhos! e o teu galho
trema E a tua crença, o desespero mate-a...

E em nuvens d'ouro ascende enfim ao plaustro Da Neve Eterna, estrela
azul do claustro, Levada para o Azul da Via-Láctea!

PELO MAR

Manhã em flor. O mar é um policromo E imenso lago d'íris e
alabastros...

À aurora é brando e ao sol, o mar é como Um pálio imenso que caiu dos astros.

Longe, bem longe, no alvor al assomo Ergue um navio os altanados mastros E o Oceano dorme -- alourecido como Num leito irial de pérolas e nistros.

A alma da Mágoa vai pelo seu dorso, Em sonhos geme... Um coração de corso Geme no mar, vibra no mar, entanto, Colma-lhe o seio a opala das esponjas...

E à noute morta choram vagas -- monjas Purificadas no cristal do pranto!

PALLIDA LUNA

És do Passado! Vieste d'alvorada N'asa dos elfos pela Morte espalma...

Cantas... e eu ouço esta *berceuse* calma Da harpa dos mundos ideais do Nada!

Ergue o Missal brilhante de tu'alma, Mas nessa elevação mistificada, Vem, que eu te espero, Deusa constelada Desce, anêmona êxul que o Céu ensalma!

Venhas e desças, Lua dos Martírios, Desças, mas venhas pela unção dos lírios.

Visão de Ocaso de anluaradas comas, Vaso de Unção descido dos espaços, Para ungirmos nós dois, os nossos paços, Na tule idealizada dos aromas.

A MORTE DE VÊNUS

Velhos berilos, pálidas cortinas, Morno frouxel de nardos recendendo Velam-lhe o sono, ... e Vênus vai morrendo No berço azul das névoas

matutinas!

Halos de luz de brancas musselinas Vão-lhe do corpo virginal
descendo

-- Abelha irial que foi adormecendo Sobre um coxim de pérolas
divinas.

E quando o Sol lhe beija a espádua nua, Cai-lhe da carne o resplendor
da Lua No reverbero dos deslumbramentos...

Enquanto no ar há sândalos, há flores E haustos de morte -- os últimos
cangores Da música chorosa dos mementos!

SONHO DE AMOR

Sobre o aromal e amplo coxim de Flora, Que os vapores da tarde inca
incensavam E que um incenso tênue e bom vapura, Os namorados
lânguidos sonhavam.

A alma do Ocaso entrava o céu agora E havia pelas tenebras que
entravam Ora estrangulamentos surdos, ora Ruídos de carnes que se
estrangulavam.

E sonharam assim durante toda

A noute, e toda a alva manhã durante!

-- O Sol jorrava largos raios longos E em roda víride e nevado, em
roda, Lembrava o campo um colorido ondeante De vidros verdes e
cristais oblongos!

SONETO

A orgia mata a mocidade, quando Rugem na carne do delírio as feras,
E o moço morre como está sonhando Nas suas vinte e cinco
primaveras.

Em cima -- o oiro sem mancha das esferas, Em baixo oiro manchado
de execrando Festim de sibaritas, de heteras Lubricamente se
despedaçando!

Em cima, a rede do estelário imáculo Suspensa no alto como um
tabernáculo

-- A orgia, em baixo, e no delírio doudo Como arvoredos juvenis
tombados Os moços mortos, os brasões manchados, E um turbilhão de
púrpuras no lodo!

SONETO

E ele morreu. Ele que foi um forte Que nunca se quebrou pelo
Desgosto Morreu... mas não deixou na ara do rosto Um só vestígio que
acusasse a Morte!

O anatomista que investiga a sorte Das vidas que se abismam no Sol-
posto Ficaria admirado do seu rosto

Vendo-o tão belo, tão sereno e forte!

Quando meu Pai deixou o lar amigo Um sabiá da casa muito antigo,

Que há muito tempo não cantava lá, Diluiu o silêncio em litanias...

E hoje, poetas, já faz sete dias Que eu ouço o canto desse sabiá!

VAE VICTIS

A Dor meu coração torça e retorça E me retalhe como se retalha

Para escárnio e alegria da canalha Um leão vencido que perdeu a força!

Sobre mim caia essa vingança corsa, Já que perdi a última batalha!

E, enquanto o Tédio a carne me trabalha, A Dor meu coração torça e retorça!

Cubra-me o corpo a podridão dos trapos!

Os vibriões, os vermes vis, os sapos Encontrem nele pábulo eviterno...

-- Repositório de milhões de miasmas Onde se fartem todos os fantasmas, Primavera, verão, outono, inverno!

A DOR

Chama-se a Dor, e quando passa, enluta E todo mundo que por ela passa

Há de beber a taça da cicuta E há de beber até o fim da taça!

Há de beber, enxuto o olhar, enxuta A face, e o travo há de sentir, e a ameaça Amarga dessa desgraçada fruta

Que é a fruta amargosa da Desgraça!

E quando o mundo todo paralisa

E quando a multidão toda agoniza, Ela, inda ativa, ela, inda o olhar sereno De agonizante multidão rodeada, Derrama em cada boca envenenada Mais uma gota do fatal veneno!

TERRA FÚNEBRE

Aqui morreram tantos poetas! Tanta Guitarra morta este lugar

encerra!...

Aqui é o Campo-Santo, aqui é a Terra!

Em que a alma chora e em que a Saudade canta!

O caminheiro que o Pesar desterra, Pare chorando nesta Terra Santa, E se cantar como a Saudade canta, O caminheiro fique nesta Terra!

À noite aqui um trovador eterno Chora, abraçado às campas dos poetas,

-- Esse sombrio trovador é o Inverno!

Aqui é a Terra, onde, ao noturno açoute, Carpem na sombra pássaros ascetas, Gemem poetas -- pássaros da Noite!

SONETO

O sonho, a crença e o amor, sendo a risonha Santíssima Trindade da Ventura

Pode ser venturosa a criatura

Que não crê, que não ama e que não sonha?!

Pois a alma acostumada a ser tristonha Pode achar por acaso ou porventura Felicidade numa sepultura,

Contentamento numa dor medonha?!

Há muito tempo, o sonho, do meu seio Partiu num célere arrebatamento De minha crença arrebatando a grade Pois se eu não amo e se também não creio De onde me vem este contentamento, De onde me vem esta felicidade?!

MEDITANDO

Penso em venturas! A alma do homem pensa Sempre em venturas!
Sorte do homem! O homem Há de embalar eternamente a crença Sem
ter grilhões e sem ter leis que o domem!

Punjam-no os vermes da Desgraça, assomem Descrenças, surjam tédios
na Descrença, Luta, e morrem os vermes que o consomem, Vence, e
por fim, nada há que o abata e o vença!

Por isso, poeta, eu penso na Ventura!

E o pensamento, na Suprema Altura Sinto, no imenso Azul do
Firmamento Ir rolando pelo ouro das estrelas, E esse ouro santo vir
rolando pelas Trevas profundas do meu pensamento!

SONETO

Para que nesta vida o espírito esfalfaste Em vãs meditações, homem
meditabundo?!

Escalpelaste todo o cadáver do mundo E, por fim, nada achaste... e,
por fim, nada achaste!

A loucura destruiu tudo que arquitetaste E a Alemanha tremeu ao teu
gemido fundo!...

De que te serviu, pois, estudares, profundo, O homem e a lesma e a
rocha e a pedra e o carvalho e a haste?!

Pois, para penetrar o mistério das lousas, Foi-te mister sondar a
substância das cousas Construíste de ilusões um mundo diferente,
Desconheceste Deus no vidro do astrolábio E quando a ciência vã te
proclamava sábio A tua construção quebrou-se de repente!

O ÉBRIO

Bebi! Mas sei porque bebi!... Buscava Em verdes nuances de miragens,
ver Se nesta ânsia suprema de beber, Achava a Glória que ninguém
achava!

E todo o dia então eu me embriagava

-- Novo Sileno, -- em busca de ascender A essa Babel fictícia do Prazer
Que procuravam e que eu procurava.

Trás de mim, na atra estrada que trilhei, Quantos também, quantos
também deixei, Mas eu não contarei nunca a ninguém.

A ninguém nunca eu contarei a história Dos que, como eu, foram
buscar a Glória E que, como eu, irão morrer também.

O CANTO DA CORUJA

A coruja cantara-lhe na porta

Sinistramente a noite inteira! Indício Mais certo não havia! -- Era o
suplício!...

Daí a pouco, ela seria morta.

Saiu. O Sol ardia. A estrada torta Lembrava a antiga ponte de
Sublício...

Havia pelo chão um desperdício

De folhas que a áurea xantofila corta.

Nisto, ouve o canto aziago da coruja!

-- Quer fugir, e não vê por onde fuja.

Implora a Deus como a um fетиhe vago...

-- Se ao menos voasse! -- E o horror começa! Rasga As vestes; uma convulsão a engasga E morre ouvindo o mesmo canto aziago!

NOME MALDITO

Das trombetas proféticas o alarde Falou-lhe, por seus onze augúrios certos:

“É maldito o teu nome! E aos céus abertos, Não há divina proteção que o guarde!”

Dúvidas cruéis! Momentos cruéis! Incertos E cruéis momentos! Ânias cruéis! E, à tarde, Saiu aos tombos, como um cão covarde, A percorrer desertos e desertos...

E, assombrado, com medo do Infinito, Por toda a parte, onde, aos troços, ia, Por toda a parte viu seu nome escrito!

Vieram-lhe as ânias. Teve sede e fome...

E foi assim que ele morreu um dia Amaldiçoado pelo próprio nome!

DOLÊNCIAS

Eu fui cadáver antes de viver!

Meu corpo, assim como o de Jesus Cristo, Sofreu o que olhos de homem não têm visto E olhos de fera não puderam ver!

Acostumei-me, assim, pois, a sofrer E acostumado a assim sofrer existo...

Existo! -- E apesar disto, apesar disto Inda cadáver hei também de ser!

Quando eu morrer de novo, amigos, quando Eu, de saudades me
despedaçando De novo, triste e sem cantar, morrer, Nada se altere em
sua marcha infinda

-- O tamarindo reverdeça ainda, A lua continue sempre a nascer!

A LÁGRIMA

-- Faça-me o obséquo de trazer reunidos Clorureto de sódio, água e
albumina...

Ah! Basta isto, porque isto é que origina A lágrima de todos os
vencidos!

-- A farmacologia e a medicina

Com a relatividade dos sentidos Desconhecem os mil desconhecidos
Segredos dessa secreção divina.

-- O farmacêutico me obtemperou. --

Vem-me então à lembrança o pai ioiô Na ânsia psíquica da última
eficácia!

E logo a lágrima em meus olhos cai.

Ah! Vale mais lembrar-me eu de meu Pai Do que todas as drogas da
farmácia!

AVE LIBERTAS

Ao clarão da madrugada,

Da liberdade ao toque alvissareiro, Banhou-se o coração do Brasileiro
Num eflúvio de luz auroreada.

É que baqueia a vida escravizada!

Já se ouvem os clangores do pregoeiro, Como um Tritão, levando ao mundo inteiro, Da República a nova sublimada.

E ali do despotismo entre os escombros, Rola um drama que a Pátria exalça e doura Numa auréola de paz imorredoura, A República rola-lhe nos ombros; Enquanto fora na trevosa agrura Sucumbe o servilismo, e, esplendorosa, A liberdade assoma majestosa,

-- Estrela d'Alva imaculada e pura!

É livre a Pátria outrora opressa e exangue!

Esse labéu que mancha a glória pública, Que apouca o triunfo e que se chama sangue, Manchar não pode as aras da República.

Não! que esse ideal puro, risonho, Há de transpor sereno os penetrais Da Pátria, e há de elevar-se neste sonho

Ao topo azul das Glórias Imortais!

Esplende, pois, oh! Redentora d'alma, Oh! Liberdade, essa bendita e branca Luz que os negros da opressão espanca, Essa luz etereal bendita e calma.

Vós, oh Pátria, fazei que destes brilhos, Caia do santuário lá da História, Fulgente do valor da vossa glória, A bênção do valor dos vossos filhos!

QUADRAS

Embala-me em teus braços,

De amores bons à sombra --

Quero em cheirosa alfombra

Pousar os sonhos lassos!

Teus seios, oh! morena
-- Relíquias de Carrara --
Têm a ambrosia rara
Da mais rara verbena.

Aperta-me em teu peito,
E dá-me assim, divina,
De lírios e boninas
Um veludíneo leito.

Assim como Jesus,
Eu quero o meu Calvário
-- Anelo morrer vário
Dos braços teus na Cruz!

Porque não me confortas?!
Bem sei, perdeste a ciência,
Morreu-te a redolência,
Alma das virgens mortas --

Mas não! Apaga os traços
De tão funesto aspeito...
Aperta-me em teu peito,
Embala-me em teus braços!

VÊNUS MORTA

A Via-Sacra Azul do amor primeiro Veste hoje o luto que a desgraça
veste No miserere do meu desespero...

-- Lotus diluído n'alma dum cipreste!

Como um lilás eternizando abrolhos Tinge de roxo o arminho da
grinalda, Rola a violeta santa dos teus olhos

-- Tufos de goivo em conchas de esmeralda.

No vácuo imenso das desesperanças E dos passados viços,

Recordo o beijo que te dei nas tranças Emolduradas num florão de
riços.

E como um nune de pesar, plangente, Guarda a saudade que levou do
Marne, Eu guardo o travo deste beijo ardente E a Nostalgia desta
Pátria -- a Carne.

Sonho abraçar-te, pálida camélia, Mas neste sonho, langue e seminua,
Pareces reviver a antiga Ofélia, Opalescência trágica da lua!

Tu, oh Quimera, de reverberantes E rubras asas de beliantos pulcros,
Crava-lhe n'alma o tirso das bacantes, Brande-lhe n'alma o frio dos
sepulcros.

Reza-lhe todo o cantochão memento Dessa Missa de amor da Extrema
Agrura, Abençoada pelo meu tormento

E consagrada pela sepultura.

E que ela suba na serena gaza

Dos mistérios dourados e serenos À terra Ideal das púrpuras em brasa
E ao Céu doirado e auroreal de Vênus!

ODE AO AMOR

Enches o peito de cada homem, medras Nalma de cada virgem, e toda a alma Enches de beijos de infinita calma...

E o aroma dos teus beijos infinitos Entra na terra, bate nos granitos E quebra as rochas e arreventa as pedras!

És soberano! Sangras e torturas!

Ora, tangendo tiorbas em volatas, Cantas a Vida que sangrando matas, Ora, clavas brandindo em seva e insana Fúria, lembras, Amor, a soberana Imagem pétrea das montanhas duras.

Beijam-te o passo multidões escravas Dos Desgraçados! -- Estas multidões Sonham pátrias doiradas de ilusões Entre os tórculos negros da Desgraça

-- Flores que tombam quando a neve passa No turbilhão das avalanches bravas!

Tudo dominas! -- Dos vergéis tranqüilos Aos Capitólios, e dos Capitólios Aos claros pulcros e brilhantes sólios De esplendor pulcro e de fulgências claras, Rendilhados de fulvas gemas raras E pontilhados de crisoberilos.

Sobes ao monte ondeo *edelweiss* pompeia Nalma do que subiu àquele monte!

Mas, vezes, desces ao segredo insonte Do mar profundo onde a sereia canta E onde a Alcíone trêmula se espanta Ouvindo a gusla crebra da sereia!

Rompe a manhã. Sinos além bimbam.

Troa o conúbio dos amores velhos

-- As borboletas e os escaravelhos Beijam-se no ar...Retroa o sino. E, quietos Beijam-se além os silfos e os insetos Sob a esteira dos campos

que se orvalham.

E em tudo estruge a tua dúlia -- dúlia Que na fibra mais forte e até na
fibra Mais tênue, chora e se lamenta e vibra...

E em cada peito onde um Ocaso chora Levanta a cruz da redenção da
Aurora Como a Judite a redimir Betúlia!

Bem haja, pois, esse poder terrível,

-- Essa dominação aterradora

-- Enorme força regeneradora

Que faz dos homens um leão que dorme E do Amor faz uma potência
enorme Que vela sobre os homens, impassível!

Esta de amor onde queixosa, Irene, Quedo, sonhei-a, aos astros,
ontem, quando Entre estrias de estrelas, fosforeando, Egrégia estavas
no teu plaustro egrégio Mais bela do que a Virgem de Corrégio E os
quadros divinais de Guido Reni!

Qual um crente em asiático pagode, Entre timbales e anafis estrídulos,
Cativo, beija os áureos pés dos ídolos, Assim, Irene, eis-me de ti
cativo!

Cativaste-me, Irene, e eis o motivo, Eis o motivo porque fiz esta ode.

CANTO DE AGONIA

Agonia de amor, agonia bendita!

-- Misto de infinita mágoa e de crença infinita.

Nos desertos da Vida uma estrela fulgura E o Viajeiro do Amor, vendo-
a, triste, murmura:

-- Que eu nunca chore assim! Que eu nunca chore como Chorei,
ontem, a sós, num volutuoso assomo, Numa prece de amor, numa
felícia infinda, Delícia que ainda gozo, oração, prece que ainda Entre

saudades rezo, e entre sorrisos e entre Mágoas soluço, até que esta dor se concentre No âmago de meu peito e de minha saudade.

Amor, escuridão e eterna claridade...

-- Calor que hoje me alenta e há de matar-me em breve, Frio que me assassina, amor e frio, neve, Neve que me embala como um berço divino, Neve da minha dor, neve do meu destino!

E eu aqui a chorar nesta noite tão fria!

Agonia, agonia, agonia, agonia!

-- Diz e morre-lhe a voz, e cansado e morrendo O Viajeiro vai, e vê a luz e vendo Uma sombra que passa, uma nuvem que corre, Caminha e vai, o louco, abraça a sombra e... morre!

E a alma se lhe dilui na amplidão infinita...

Agonia de amar, agonia bendita!

HISTÓRIA DE UM VENCIDO

Sol alto. A terra escalda: é um forno. A flama oriunda Da solar refração bate no mundo, acende O pó, aclara o mar e por tudo se estende E arde em tudo, mordendo a atra terra infecunda.

E o Velho veio para o labor cotidiano, Triste, do alegre Sol ao grande globo quente E pôs-se para aí, desoladoramente A revolver da terra o atro e infecundo arcano.

Por seis horas seu braço empenhado na luta, Fez reboar pelo solo, alta e descompassada A dura vibração incômoda da enxada, Rasgando, do agro solo, a superfície bruta.

Mas o braço cansou! Trabalhou... e o trabalho

-- Do Eterno Bem motor principal e alavanca --

Arrancara-lhe a Crença assim como se arranca De um ninho a seda branca e de uma árvore o galho!

Sangrou-lhe o coração e a saudade da Aurora!

-- O Hércules que ele fora! O fraco que ele hoje era!

E surpreendido viu que um abismo se erguera Entre o fraco que era hoje, e entre o Hércules de outrora!

Pois havia de assim, nesta maldita senda De sofrimento ignaro em sofrimento ignaro Ir caminhando até tombar sem um amparo No tremendo marnel da Desgraça tremenda?!

II

Noute! O silêncio vinha entrando pelo mundo E ele, lúgubre e só, trôpego e cambaleando Foi-se arrastando, foi aos poucos se arrastando, Para as bordas fatais dum precipício fundo!

Quis um momento ainda olhar para o Passado...

E em tudo que o rodeava, oito vezes, funéreo Horrorizado viu como num cemitério Cadáveres de um lado e cinzas de outro lado!

De súbito, avistando uma frondosa tília Julgou, louco, avistar a Árvore da Esperança...

E bateram-lhe então de chofre na lembrança A casa que deixara, os filhos, a família!

Não morreria, pois! Somente morreria Se da Vida, sozinho, ele pisasse os trilhos...

Que mal lhe haviam feito a esposa e a irmã e os filhos?!

Preciso era viver! Portanto, viveria!

Viveria! E a fecunda e deleitosa seara Verde dos campos, onde arde e floresce a Crença, Compensaria toda a sua dor imensa Tal qual o Céu a dor de Cristo compensara!

E aos tropeços, tombando, o Velho caminhava...

Caminhava, e a sonhar, bêbado de miragem, Nem viu que era chegado
o termo da viagem, E amplo, a rugir-lhe aos pés, o precipício estava.

Num instante viu tudo, e compreendendo tudo, Quis fazer um esforço
-- o último esforço, e o braço Pendeu exangue, o peito arqueou-se, o
cansaço Empolgara-o, e ele quis falar e estava mudo!

Mudo! E a quem contaria agora as suas mágoas?!

E trágico, no horror brutoda despedida Abraçou-se com a Dor,
abraçou-se com a Vida E sepultou-se ali no coração das águas!

Cantavam muito ao longe uns carmes doloridos!

Eram tropeiros, era a turba trovadora Que assim cantava, enquanto a
Terra Vencedora Celebrava ao luar a Missa dos Vencidos!

E o cadáver, a toa, a flux d'água, flutua!

Ninguém o vê, ninguém o acalenta, o acalenta...

Somente entre a negrura atra da terra poenta Alguém beija, alguém
vela o cadáver: a Lua!

ESTROFES SENTIDAS

Eu sei que o Amor enche o Universo todo E se prende dos poetas à
guitarra Como o pólipó que se agarra ao lodo E a ostra que às rochas
eternais se agarra.

O amor reduz-nos a uniformes placas, Uniformiza todos os anelos

E une organizações fortes e fracas Nos mesmos laços e nos mesmos
elos.

Por muito tempo eu lhe sorvi o aroma, E, desvairado, sem prever o

abismo Fiz desse amor um ídolo de Roma, Eleito Deus no altar do fetichismo!

Tudo sacrifiquei para adorá-lo

-- Mas hoje, vendo o horror dos meus destroços, Tenho vontade de estrangulá-lo

E reduzi-lo muitas vezes a ossos!

Todo o ser que no mundo turbilhona Veja do Amor, à luz das minhas frases, Uma montanha que se desmorona,

Estremecendo em suas próprias bases.

E em qualquer parte do Universo veja --

Sombrias ruínas de um solar egrégio E o desmoronamento duma Igreja

Despedaçada pelo sacrilégio.

A Natureza veste extraordinárias Roupagens de ouro. Além, nas oliveiras, Aves de várias cores e de várias Espécies, cantam óperas inteiras.

A compreensão da minha niilidade Aumenta à proporção que aumenta o dia E pouco a pouco o encéfalo me invade Numa clareza de fotografia.

Na área em que estou, ao matinal assomo, Passa um rebanho de carneiros dóceis...

E o Sol arranca as minhas crenças como Boucher de Perthes arrancava fósseis.

Observo então a condição tristonha Da Humanidade, ébria de fumo e de ópio, Tal qual ela é, e não tal qual a sonha E a vê o Sábio pelo telescópio.

O Sábio vê em proporções enormes Aquilo que é composto de

pequenas Partes, construindo corpos quase informes E aquilo que é uma parcela apenas.

Da observação nos elevados montes Prefiro, à nitidez real dos aspectos, Ver mastodontes onde há mastodontes E insetos ver onde há somente insetos.

A inanidade da Ilusão demonstro Mas, demonstrando-a, sinto um violento Rancor da Vida -- este maldito monstro Que no meu próprio estômago alimento!

Nisto a alma o ofício da Paixão entoa E vai cair, heroicamente, na água Da misteriosíssima lagoa

Que a língua humana denomina Mágoa!

Dos meus sonhos o exército desfila E, à frente dele, eu vou cantando a nênia Do Amor que eu tive e que se fez argila, Como Tirteu na guerra de Messênia!

Transponho assim toda a sombria escarpa Sinistro como quem medita um crime...

E quando a Dor me dói, tanjo minha harpa E a harpa saudosa a minha Dor exprime!

Estes versos de amor que agora findo Foram sentidos na solidão de uma horta, À sombra dum verdoengo tamarindo Que representa a minha infância morta!